



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Relatório
da Prática de Ensino Supervisionada
em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

Arte Pública:
Uma abordagem na Educação das Artes Visuais

Vanessa Sofia Rodrigues Silva

Évora 2012

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de *Mestre*
em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário
realizada nas Escolas Secundária/3 Rainha Santa Isabel e EB
2,3/S Cunha Rivara**

Mestranda:

Vanessa Sofia Rodrigues Silva

Orientador da Universidade:

Professor Doutor Leonardo Charréu

Professor Supervisor da Universidade

Tomás Ferreira

Professores Cooperantes das Escolas:

Domingos Isabelinho

Luís Silva

Agradecimentos

Por detrás da realização da Prática de ensino supervisionada existe um número muito grande de contribuições por parte de algumas pessoas. Sem estas não teria sido possível chegar a este resultado.

Agradeço então a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o bom funcionamento do meu estágio.

Em primeiro lugar agradeço à família pelo apoio prestado, principalmente à minha irmã Vânia, que esteve sempre comigo e percebeu melhor que ninguém as minhas alegrias e angústias.

Agradeço também a todos os Professores envolvidos no estágio nomeadamente, ao Professor Domingos Isabelinho, ao Professor Luís Silva e ao Professor Doutor Leonardo Charréu pela paciência, pela dedicação e pelas palavras de apoio.

Agradeço também à Professora cooperante Ana Mateus da Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel pelo auxílio prestado durante a PES.

Agradeço a alguns colegas do Mestrado em Ensino de Artes Visuais, pela amizade e companheirismo.

Aos meus amigos que estiveram sempre presentes, agradeço a amizade e o apoio que sempre me disponibilizaram.

Agradeço a todos aqueles que de alguma forma me motivaram durante esta caminhada!

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
para a obtenção do grau de
Mestre em Ensino de Artes Visuais
no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário**

Resumo:

Elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, o presente relatório pretende dar a conhecer os aspetos inerentes à prática desenvolvida no ano letivo de 2011 / 2012 nas Escolas Secundária/3 Rainha Santa Isabel e EB 2,3/S Cunha Rivara.

O relatório integra um tema aprofundado Arte Pública: Uma abordagem na Educação das Artes Visuais e compreende cinco partes: Preparação científica, Pedagógica e Didática; Planificação, Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens; Análise da Prática de Ensino; Participação na Escola e Desenvolvimento Profissional.

Possui ainda quinze apêndices finais com informação citada e evidências significativas das atividades desenvolvidas na escola.

**Report of the Supervised Teaching Practice
to achieve the Master's Degree in
Teaching of the Visual Arts
at the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education**

Abstract

This *Report* was prepared to achieve the Master Degree on *Teaching of the Visual Arts in the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education*, and it is focused in the teaching practice developed in Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel e Escola Básica 2, 3/S Cunha Rivara. Schools, during the academic year 2011/2012. The report includes a deepened theme "*Public Art: An approach to the Education of the Visual Art*" and five chapters: Scientific, Educational and Teaching Preparation; Planning, Conducted Lessons and Learning Evaluation; Teaching Analysis; Participation in School Activities and Professional Development. It also includes fifteen final appendices with quoted information and significant evidence of the schooling activities.

Índice Geral

Agradecimentos	I
Resumo:	II
Abstract	III
Índice Geral.....	IV
Índice de Imagens	VII
Índice de Tabelas	VIII

Introdução	1
------------------	---

PARTE I- FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE ARTE PÚBLICA.....2

Resumo	2
Abstract	2

1.Introdução3

2.ARTE PÚBLICA4

2.1.Conceito de Arte Pública.....	4
2.2.Funções da Arte Pública	7
2.3. Vertentes da Arte pública.....	9
2.4.Arte Pública em Portugal.....	10
2.5.Arte Pública considerada “marginal”	13
2.5.1.Arte Urbana em Portugal.....	15
2.5.2.Arte Urbana Institucionalizada.....	15

3. Arte Pública como Recurso Educativo16

3.1. Arte Pública e Educação.....	16
3.2. Função educativa da Arte pública.....	18

4.Conclusões20

PARTE II- RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	21
Primeira fase da Prática Pedagógica: 1º semestre	21
5.Introdução	21
6. Caracterização da escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel em Estremoz	22
6.1. Contextualização Histórica	23
6.2.Caracterização do meio envolvente	24
6.3.Dimensão humana: Estrutura Organizacional	28
6.4.Dimensão Física da Escola	32
6.5. Avaliação da Escola	33
6.6.Caracterização da Turma	34
6.7.Caracterização da Sala de aula	37
7. Caracterização da Disciplina de Desenho A	39
7.1.Caracterização do Programa da Disciplina	39
8.Formação Pedagógica:	40
8.1.Observação das aulas de Desenho A lecionadas pela professora	40
8.2.Observação das aulas da colega em estágio	41
9. Ação Didática e Pedagógica	42
9.1.Atividades desenvolvidas com a Turma	42
9.2. Aula de grupo: 1ª aula	44
9.2.1.Análise crítica da aula de grupo	45
9.3. Aula Individual	45
9.3.1.Primeira Aula	45
9.3.2.Segunda Aula	47
9.4.Análise crítica das aulas individuais	48
9.5.Aula assistida	49
9.5.1.Análise crítica da aula assistida	50
9.6.Análise do trabalho dos alunos	50
9.7.Avaliação	51
10.Projeto desenvolvido para a comunidade escolar	51
10.1.Proposta de Logótipo para a Escola	51

Segunda fase da prática pedagógica: 2º Semestre	53
11.Introdução	53
12.Caracterização da escola básica 2e 3/S Cunha Rivara	54
12.1.Caracterização do meio envolvente	55
12.2.Dimensão física: Espaços interiores e Exteriores da Escola.....	56
12.3. Avaliação da Escola	57
12.4.Caracterização da turma	59
12.5.Caracterização da sala.....	62
13.Caracterização da disciplina de Educação Visual	63
13.1.Caracterização do programa da disciplina	63
14.Formação Pedagógica	65
14.1.Observação das aulas do orientador pedagógico.....	65
14.2.Observação das aulas da colega em estágio.....	66
15.Ação didática e pedagógica	67
15.1.Atividades desenvolvidas com a turma.....	67
15.1.1.Descrição do projecto	67
15.2.Aulas de grupo	68
15.2.1.Análise crítica das aulas de grupo	69
15.3.Aulas Assistidas.....	70
15.3.1.Primeira aula assistida	70
15.3.2.Segunda Aula Assistida.....	71
15.4.Análise crítica das aulas assistidas	73
15.5. Análise ao questionário realizado aos alunos.....	74
15.6. Análise do trabalho dos alunos.....	74
15.7.Avaliação	75
15.8 Inserção dos trabalhos dos alunos no espaço público.....	75
16.Projeto desenvolvido para a comunidade escolar	76
16.1.Workshop: Retrato	76
17.Análise Crítica do Estágio	77

18. Considerações finais.....	78
19. Referências bibliográficas	81
20. Anexos	86
Anexo 1- Critérios de Avaliação da Escola	87
Anexo 2 -Planificação a longo prazo	90
Anexo 3- Critérios de Avaliação da Escola	92
Anexo 4- Planificação Anual	93
21. Apêndices	94
Apêndice 1- Planificações.....	95
Apêndice 2- Ficha diagnóstica- Correção	103
Apêndice 3- Enunciado do exercício (Surrealismo)	104
Apêndice 4- Critérios de avaliação: competências e saberes.....	104
Apêndice 5- Critérios de Avaliação: Atitudes e Valores	110
Apêndice 6- Trabalhos realizados pelos alunos.....	117
Apêndice 7- Projeto para a comunidade escolar.....	117
Apêndice 8- Planificações.....	122
Apêndice 9- Questionário aos alunos	124
Apêndice 10- Critérios de avaliação- Competências e saberes	130
Apêndice 11- Critérios de avaliação- Atitudes e Valores	131
Apêndice 12- Fotografias de espaços da vila de Arraiolos (2ª atividade)	132
Apêndice 13- Trabalhos dos alunos: Projeto Arte Pública	133
Apêndice 14- Enunciado do exercício do Workshop	135
Apêndice 15- Trabalho dos alunos (Workshop): Projeto Retrato.....	138

Índice de Figuras

Figura 1. Espaço exterior da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.....	22
Figura 2. Planta da Sala de Desenho A.....	38
Figura 3. Aula lecionada pela colega em estágio.....	42
Figura 4. Mr. Bean.....	45
Figura 5. Caricatura realizada por um dos alunos.....	45
Figura 6. Retrato de corpo inteiro realizado por um dos alunos.....	47
Figura 7. S. João Batista de Caravaggio.....	48
Figura 8. Trabalho de um dos alunos inspirado no expressionismo.....	48
Figura 9. Natureza- morta.....	49
Figura 10. Aula assistida.....	49
Figura 11. Logótipo atual da escola.....	53
Figura 12. Proposta de logótipo.....	52
Figura13. Monoblocos de Arraiolos.....	54
Figura 14. Planta dos Monoblocos.....	56
Figura 15. Planta da Sala de Educação Visual.....	63
Figura 16. Desenho das planificações dos poliedros.....	69
Figura 17. Recorte das planificações dos poliedros.....	69
Figura 18. Poliedro realizado por um dos alunos.....	71
Figura 19. Elaboração do esboço de um espaço público.....	73
Figura 20. Desenho do espaço público com inserção dos poliedros.....	73
Figura 21. Inserção dos poliedros no corredor da nova escola de Arraiolos.....	76
Figura 22. Cartaz realizado pelo meu núcleo de estágio.....	77

Índice de Tabelas

Tabela 1. Direção.....	28
Tabela 2. Conselho Geral.....	29
Tabela 3. Conselho Pedagógico.....	30
Tabela 4. Sub- Departamentos.....	30
Tabela 5. Coordenadores de ano e cursos.....	31
Tabela 6. Cursos profissionais.....	31
Tabela 7. Chefes de serviço.....	31
Tabela 8. Espaços interiores e Exteriores.....	32
Tabela 9. Perfil da Turma 12º F.....	35
Tabela 10. Perfil da Turma 7º D.....	59

Introdução

O presente relatório de estágio enquadra-se na unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada e pertence ao último ano do Mestrado em Ensino de Artes Visuais do 3º ciclo do Ensino Básico e Secundário, lecionado na Universidade de Évora.

Este relatório encontra-se dividido em duas partes, a primeira baseada em fundamentos teóricos sobre *Arte Pública* e a segunda descreve a minha primeira experiência com a prática de ensino, mostrando as minhas principais motivações e angústias ao longo do estágio.

Relativamente à primeira parte do relatório, *Arte Pública*, é um tema que está cada vez mais em voga, portanto será cada vez mais importante compreendê-lo, desde as suas tentativas de definição até ao seu papel na Educação. Trabalhar este tema será, sem dúvida, uma mais-valia para a minha futura carreira como educadora de ensino artístico, além de ser um tema que sempre me interessou e despertou curiosidade.

Relativamente à segunda parte do relatório, *a minha primeira experiência com a prática de ensino*, existem diversos pontos que são importantes referir: desde a caracterização das Escolas em que foi desenvolvido o estágio, descrevendo não só a sua dimensão física, mas também a forma como esta é vista por mim, até uma auto-análise crítica sobre todo este percurso. Ao longo deste relatório é importante referir também todas as atividades desenvolvidas com as turmas e a forma como os alunos as encararam e desenvolveram.

Todos estes pormenores serão anotados não só com o objetivo de descrever o meu percurso, mas considero que o principal objetivo será compreender-me (as minhas principais virtudes e dificuldades) enquanto professora. Só tendo esta noção conseguirei no futuro melhorar as virtudes e colmatar as dificuldades.

PARTE I- FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOBRE ARTE PÚBLICA

Resumo

O tema desenvolvido nasce a partir de uma área em permanente expansão, a Arte Pública, que se contrapõe à estatutária tradicional dominante durante anos. Considera-se Arte Pública um conjunto de objetos ou acontecimentos que não se inserem em nenhum estilo ou corrente artística e que estão colocados ou acontecem no espaço público de uma forma permanente ou temporária desenvolvendo-se em múltiplas vertentes. É assim acessível a todo o tipo de público, independentemente de serem especialistas ou não, facultando-lhes um maior contacto com a arte. No entanto, existem formas de contribuir para uma maior especialização do público perante este género de arte. A segunda área abordada neste artigo está relacionada com a Educação, a forma como esta contribui fortemente para uma aprendizagem artística construtiva neste campo e a forma como Arte Pública reúne também um conjunto de conhecimentos que faz com que se torne num importante recurso educativo, fazendo com que todos nós possamos aprender algo ao observá-la.

Palavras-Chave: Arte Pública, Espaço Público, Educação Artística

Abstract

The developed theme appears through an area in permanent expansion, the public art, who opposes to the dominant, legal and traditional art through the years. We considered public art a set of objects and events that doesn't fit in any stile or artistic chain, and are placed or happen in the public space, in a permanent or temporary way, developing itself in multiple modes. It's accessible to all kind of public, whereas they are specialists or not, allowing them to have a bigger contact with art.

However, there're ways to increase the contribution to the public specialization in this kind of art. The second area outlined in this text is related with education, the way how its strongly promote a constructive artistic learning in this field and the way that the public art also gather a set of knowledge that turn it to an important educative resource, enabling us to learn something, when we look at her.

Keywords: Public Art, Public Space, Art Education

1.Introdução

O título deste tema “*Arte Pública*” relaciona-se com a área do conhecimento que pretendemos estudar. O enquadramento teórico que orientou todo o desenvolvimento deste trabalho resulta de um aprofundamento do tema, partindo do conceito e procurando chegar ao papel educativo da Arte Pública.

Para uma melhor compreensão deste género de arte, apesar de não existir ainda uma definição fixa, alguns autores abordam o tema considerando que:

“ (...) a arte pública permite aos artistas criarem uma visão especial em relação a um novo conjunto de circunstâncias. Isso proporciona ao artista um trabalho em áreas criativas que abrem oportunidades em quase todos os géneros de práticas. Permite à arte respirar.” (Smith, 2003, p. 366)

Conhecer as suas funções é assim essencial para a perceção de Arte Pública. Segundo Miles, em 1989, (citado por Remesar & Brandão, 2010, p.8) as intervenções públicas devem possuir diversas funções como “*Gerar um sentimento de lugar (...); envolver as pessoas que usam esses lugares; prever um modelo de trabalho imaginativo; contribuir para processos de regeneração urbana.*”

Em Portugal, a Arte Pública é cada vez mais explorada, existindo já algumas intervenções artísticas no nosso país, nomeadamente, arte pública na Expo’98 e o projeto denominado “Lisboa Capital do Nada”. No entanto, não podíamos deixar de referir ao longo deste texto, para além da Arte Pública legítima, a Arte Pública considerada “marginal” (o grafitti e a sua variante, o stencil) e a forma como esta se vem institucionalizando cada vez mais.

Na segunda parte deste artigo, segundo alguns autores, referimos de que forma a educação pode contribuir para uma aprendizagem artística construtiva no campo da Arte Pública, preparando os cidadãos para que se sintam capazes de usufruir as obras de arte. Como última análise, referimos também um conjunto de conhecimentos que a Arte Pública reúne que faz com que se torne num importante recurso educativo.

Sendo assim, o tema desenvolvido tem por objetivo conhecer e perceber a Arte Pública e também contribuir para que estas intervenções artísticas passem a ser consideradas pelos professores de Educação Artística.

2.ARTE PÚBLICA

2.1.Conceito de Arte Pública

O conceito de arte pública surge durante os anos 60 para distinguir as novas intervenções artísticas no espaço público, contrapondo-se ao paradigma dominante durante anos - a estatuária. Este monumento tradicional que do Império Romano transitou para o Renascimento acabando na solução das praças reais que marcaram a Europa Absolutista dos séculos XVII e XVIII caracterizava-se por um pedestal com uma ou mais estátuas destinado a perpetuar a memória de um facto ou de uma personagem notável. O poder político aparecia diretamente envolvido, pois era quem seleccionava as temáticas expostas. Talvez por isso a construção de monumentos fosse normalmente marcada pelo sistema político em vigor e tenham sido os monarcas as primeiras figuras a serem representados e homenageados publicamente. Apesar de Kandinsky, em 1910 se ter oposto a esta arte figurativa, tornando-se um dos principais artistas abstratos, só nos anos 60 se conseguiu abandonar esta tradição através do desenvolvimento de novos movimentos.

No século XX alguns artistas como Rodin, Brancusi e Picasso realizaram obras que podem ser consideradas pioneiras. Rodin acabou por ser o artista que implementou o conceito de arte pública através dos seus *Bourgeois de Calais*, que apesar de ainda ser um monumento histórico e comemorativo, retirou o pedestal, aproximando as figuras ao público. Esta necessidade de rutura com as clássicas concepções monumentais levou os artistas a explorarem novos territórios para as suas intervenções. O espaço urbano torna-se assim um local ideal para os artistas desenvolverem a arte pública. (Regatão, 2010)

Este conceito - arte pública - tem sido um tema discutido por diversos autores, no entanto não existe uma definição consensual pois é um conceito amplo, permitindo diversas interpretações. (Ricardo Silva, 2007)

Para Cruz (2005, p.7) a arte pública é assim denominada por “*tratar de questões públicas, se encontrar em espaço público e pela forma que envolve o público*” enquanto que para Nunes (citado por Pereira, 2005, p. 61) a Arte Pública é:

“um género artístico cujo objetivo é produzir uma solução satisfatória para um determinado contexto urbano, do ponto de vista estético, comunicativo e funcional, contribuindo para uma boa consciência da identidade de um lugar por parte da comunidade”.

Segundo outros autores (Miles et al., 2010) a arte pública é uma alternativa à arte privada, o termo surgiu somente para diferenciar a arte no espaço público da arte exposta nos museus e galerias. Consideram também que a arte pública é uma prática artística desenvolvida ao ar livre acessível a todo o público. Para Patrícia Philips (citado por Regatão, 2010) a arte não é pública só porque está ao ar livre, mas sim porque é uma manifestação de atividades artísticas e estratégias que utilizam o público como a génese e o tema para analisar. O público acaba assim por possuir um papel fundamental na conceção e produção da arte pública. Robert Atkins (citado por Regatão, 2010) refere também, reforçando a ideia de Patrícia Philips, que a arte pública é produzida e reconhecida pelo público. Ao contrário destes autores, Lucy Lippard (citado por Regatão, 2010) defende que a arte só é pública quando tem o objetivo de transmitir de alguma forma um interesse ou preocupação pelo público, estabelecendo uma relação com o mesmo. No entanto, para a autora, a arte pública não tem somente de estabelecer relações com o público mas também tem de dar importância às características do lugar (obra criada especificamente para um lugar – *site - specific*) com o objetivo de abranger não só o espaço físico mas também o histórico e cultural do mesmo. Este conceito, *site specific*¹, teve um papel basilar para o desenvolvimento da arte pública, mostrando que o espaço físico onde se insere a obra é um elemento primordial para a sua conceção. Vito Aconci (citado por Andrade, 2010, p. 14) refere mesmo que *“o espaço público não é espaço na cidade, mas a própria cidade.”* Através desta nova dinâmica imposta ao espectador as conceções da cultura clássica foram totalmente ultrapassadas.

Antoni Remesar (citado por Regatão, 2010, p. 63) sublinhou a importância deste processo de subversão do monumento clássico para o surgimento da arte pública. Um dos fatores mais importantes para este processo foi o abandono da mimesis – *“a arte pública identifica-se com um conjunto de produções artísticas – pós-miméticas e por definição não monumentais - que tomam o espaço público como cenário para a sua inclusão”* ou seja, a

¹ Tradução para português- sítio específico

arte pública veio ajudar neste processo de abandono da representação do real que existiu durante muito tempo, dando lugar a diferentes obras artísticas inserindo-as no espaço público.

Vários autores apresentam diferentes interpretações para a finalidade de arte pública, enquanto para Roselyn Deutshe a problemática social e o caráter utilitário da arte pública eram pontos a ser explorados, para Miles o aparecimento e o desenvolvimento de arte pública centra-se no planeamento urbanístico e na regeneração urbana. Opondo-se a Miles, para Rosalind Krauss e Javier Madernelo o aparecimento da arte pública centra-se no desenvolvimento de novas práticas artísticas (influenciadas pelo Minimalismo e pela Land Art). (Miles et. al, 2010)

Segundo António Remesar e Pedro Brandão (citado por Miles et al, 2010, p.7), apesar de toda esta indefinição de arte pública, esta multiplicou-se de modo exponencial nos últimos anos.

Atualmente o conceito de arte pública tem uma condição multidisciplinar, as fronteiras entre as diferentes disciplinas que intervêm no espaço público são cada vez menos rígidas podendo existir uma junção entre as diferentes disciplinas: arquitetura, design de equipamento, ecologia, sociologia, etc.

Devido a esta quantidade de disciplinas que podem intervir no espaço público e às diferentes opiniões referidas anteriormente torna-se cada vez mais difícil definir arte pública, no entanto além de todas estas dificuldades existem nesta alguns pontos comuns como: a **origem** (proveniência da obra), a **colocação / permanência**, (espaço onde a obra está colocada e tempo de permanência da obra no espaço), o **processo / objeto** (facto de se considerar Arte Pública todo o processo que deu origem à colocação da obra num determinado espaço, ou de se considerar apenas Arte Pública o objeto artístico acabado e colocado no seu espaço, tendo em conta somente as características formais e estéticas da obra e a **integração** (enquadramento e função das obras no espaço que ocupam e percepção que o público tem das mesmas). ²

Para concluir o conceito de arte pública podemos referi-la como impulsionadora de uma nova relação entre a obra de arte, o público e o espaço. Estes elementos são a grande

² SILVA, R.J. dos Reis (2007) *A Arte Pública como Recurso Pedagógico: Contributos para a abordagem pedagógica de obras de arte pública*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Consultado em 4 de janeiro de 2012. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/627/1/22854_ULFBA_TES237.pdf

novidade deste conceito, assim o espectador passa a ter grande importância para a obra, que é produzida para este tendo em conta o meio envolvente. O público começa a ser mais participativo na obra, voluntária ou involuntariamente, já que esta se encontra no espaço público.

Sendo assim pode chamar-se arte pública a produções artísticas inseridas em espaços urbanos, permanente ou temporariamente, que conseguem promover a identidade de um lugar e em que o público participa, aproximando-se da arte. Esta aproximação do público com a arte é o ponto crucial deste conceito.

Vários autores referem que a forma como o público recebe a obra é muito importante, segundo estes a questão agora não é a arte pública mas sim a receção da arte pelo público. A arte pública é recebida atualmente suscitando reflexões e interrogações ao espectador, pois os artistas contemporâneos produzem obras públicas utilizando muitas vezes a ironia ou a crítica tal como já teria sido feito anteriormente por outros artistas de diferentes movimentos (Dadaísmo, Surrealismo, Realismo, etc.). Assim sendo, segundo Pedro Andrade (citado por Miles et.al,2010, p. 15) *“a arte pública poderá emergir como um poderoso pretexto para o exercício da cidadania cultural, em conexão íntima com a cidadania política”*.

2.2.Funções da Arte Pública

A arte pública tem sido bastante discutida em diferentes aspetos. Enquanto para alguns autores esta é um desperdício de dinheiro quando há sociedades com tantos problemas como o desemprego ou a saúde, para outros esta traz diversos benefícios económicos e sociais para a sociedade.³

Têm sido criadas diversos programas de incentivo às artes por vários governos da Inglaterra, França e Estados Unidos, um dos quais é a “política do 1%” que tem como objetivo *“promover as obras de construção, utilizando a arte pública para esta construção correspondendo a 1% dos custos da totalidade de um empreendimento”* (Regatão, 2010, p.

³ MILES, M., ANDRADE, P., CONDESSO, F., REMESAR, A., SILVA, F., ALISEDA,J., ANDRADE, E., MARQUES,C., BARROS,J., VILLAC, I. & CAEIRO, M. (2010) *Arte Pública e Cidadania: Novas Leituras da cidade criativa*. Coleção Pensar Arquitetura. Lisboa. Edição Caleidoscópio

66). Cada vez mais se compreende que a arte pública pode interferir na melhoria de diferentes áreas a partir da grande diversidade das suas funções, que segundo alguns autores são: comemorar algo, melhorar a paisagem visual, ajudar à regeneração económica através do turismo e investimento, ajudar à regeneração artística e cultural, identificar uma comunidade, ou ajudar no melhoramento da qualidade de vida dos cidadãos,... (Brandão & Remesar, 2003) Miles em 1989 (citado por Remesar & Brandão, 2010, p.8-9) afirma que o lugar da arte pública é o espaço público e que a sua missão é: *“Gerar um sentimento de lugar (...); envolver as pessoas que usam esses lugares; prever um modelo de trabalho imaginativo; contribuir para processos de regeneração urbana.”*

Esta regeneração da cidade contribui para o desenvolvimento da economia, pois a promoção do turismo proporciona um aumento do investimento comercial, originando mais postos de trabalho. Esta função de regeneração urbana e social frui de uma clara intenção de envolvimento dos cidadãos, que acabam por ser os principais beneficiados com este tipo de arte.

Durante os anos 80 existem vários casos na Europa em que o desenvolvimento económico foi notório devido a esta regeneração: **Broadgate** em Inglaterra onde se realizou a instalação de várias obras de arte pública de artistas locais e internacionais (Richard Serra, Botero, etc.) com o objetivo de tornar o local mais atrativo e contribuir para a melhoria do ambiente urbano; e **Barcelona** onde se instalou um grande conjunto de escultura pública de vários artistas (Juan Muñoz, Rebecca Horn, etc.) contribuindo para o desenvolvimento da cidade, colocando-a assim nos principais circuitos da arte pública internacional.

Além de todas as funções da arte pública referidas anteriormente, é importante referir a função educativa que tem também um carácter social mas que não é tão abordada pelos teóricos por ser extremamente específica. Ao longo deste tema iremos ter a oportunidade de aprofundar mais esta função.

2.3. Vertentes da Arte pública

Pedro Andrade (citado por Miles et. al. 2010, p. 45) refere que na arte pública as expressões são inúmeras:

“ pode expor-se um monumento, uma estátua ou escultura numa praça, uma performance numa rua, um mural numa parede, uma projeção de luz num edifício urbano, um azulejo num metropolitano ou mesmo uma tela numa árvore”.

Atualmente a arte pública inclui uma grande diversidade de intervenções com características diferentes. Segundo Regatão (2010: 81) podemos dividir este tipo de intervenções em ***Arte Pública de Provocação e Ruptura com a Conceção de Monumento***, em que alguns artistas criam obras designadas antimonumento, com o objetivo de criticar o monumento comemorativo, rejeitando todos os princípios convencionais como a hipocrisia da heroicidade, da ideologia e da estética, exemplos: obra de Jochen e Esther Gerz intitulada *Harburg Monument against Fascism* (1986) ou obra de Micha Ullman intitulada *Bibliotek* (1996); ***Arte Pública de Caráter Utilitário***, em que os artistas criam obras de índole utilitária ou seja obras que para além da sua função estética tenham também uma função social, garantindo assim a receptividade por parte do público, exemplos: a obra de Ângela Ferreira intitulada *Kanimambo* (1998) ou a obra de Wolfgang Winter e Berthold Höbelt intitulada *Kastenhauser* (1997); ***Arte Pública Integrada na Arquitetura***, em que os artistas criam obras associadas à arquitetura, alterando completamente a leitura que possamos fazer desta, com o objetivo de promover uma relação com o espaço público, exemplos: a obra de José Aurélio intitulada *Gárgulas* (1990) ou a obra de Edward Nery intitulada *Plástica no Viaduto do Campo Grande* (1998); ***Arte Pública Efémera*** em que os artistas criam uma obra exclusivamente para ter uma curta duração, uma obra mais espontânea, informal e de caráter experimental, estabelecendo novas formas de comunicação com o público, exemplos: a obra de Marie-Ange Guilleminot intitulada *Le Paravent* (1997) ou a obra de Christo e Jeanne- Claude intitulada *The Gates* (1979- 2005); ***Arte Pública de Intervenção Comunitária***, em que os artistas criam uma obra assente no diálogo e na colaboração entre os artistas e a comunidade com o objetivo de criar uma

intervenção pública em parceria, exemplos: a obra de Mierle Laderman Ukeles intitulada *Sanitation* (1979-80) ou a obra de Suzanne Lacy intitulada *Full Circle* (1993).

Apesar das características distintas de todas estas intervenções, elas não podem ser consideradas autónomas pois têm também características em comum, como o afastamento ao monumento tradicional e a interação entre espaço e público.

2.4.Arte Pública em Portugal

Segundo Maria da Conceição Amaral (citado por Fevereiro, 2007, p. 6) “(...) *a transformação da esfera pública através de esculturas, de grupos escultóricos ou de instalações ao ar livre, é uma forma importante de intervir no urbanismo e de reconhecer o papel da dimensão artística numa visão contemporânea da cidade (...)*”.

Em Portugal essa transformação da esfera pública só foi conquistada depois da Revolução de 25 de Abril, até então os artistas estavam ligados a uma estética marcada pela propaganda ideológica do regime. Apesar do Estado Novo ter promovido uma política de resistência à inovação artística, foi João Cutileiro que em 1973, iniciou a transformação da estatuária com a escultura de D. Sebastião na cidade de Lagos. Para João Cutileiro o que o aliciou no personagem de D. Sebastião foi a ambivalência da ideia de fazer um monumento de um rei derrotado e ao mesmo tempo um rei que ficou no imaginário nacional como o “desejado”. Em 2005, Caetano sublinha, que José Augusto França considerou esta estátua a primeira escultura pública moderna nacional, referindo-a como um dos melhores monumentos portugueses por razões plásticas e intelectuais, afirmando mesmo que “*tudo é intenção na obra, intenção dele e intenção nossa, do autor e do espectador que aguenta o dialogo incómodo* (citado por Fevereiro, 2007, p. 12)”, ou seja a sua obra pode conter diversas interpretações, relativamente à sua plasticidade e conteúdo, assim como acontece também com outras conhecidas obras do artista. Para Maria da Conceição Amaral (citado por Fevereiro, 2007, p. 6) “*João Cutileiro dessacralizou o espaço público com as suas obras, deu-lhe um outro valor de memória cívica e de harmonia com a vida pública*”. Das suas obras, pode destacar-se também *Évora Revisitada*, colocada atualmente na Praça do Giraldo, em Évora, resultante do Simpósio de escultura em Pedra em 1981. Esta obra é uma representação do seu trabalho sobre o corpo feminino, tema sobre o qual é talvez mais

publicamente conhecido. Caetano (citado por Fevereiro, 2007, p. 8) caracteriza a obra referindo que: “*A forma como se enquadra na perfeição, quer no quadro histórico da praça, quer nos seus usos públicos, na afetividade e proximidade como é tratada por quem disfruta do espaço, talvez nos devesse fazer interrogar sobre esta ausência*”. Foi a partir do 25 de Abril que a arte pública passou finalmente a fazer parte do nosso país, os artistas modernos passaram a ter acesso a concursos públicos e conseguiram avançar com as suas propostas. No entanto o nosso Portugal não se encontrava preparado, pois não dispunha de profissionais qualificados que avaliassem as intervenções artísticas de maior qualidade. Foram portanto as autarquias e algumas entidades públicas que durante muitos anos avaliaram e promoveram as encomendas de arte pública. Consequentemente existem bastantes obras de muito fraca qualidade artística no nosso país, que nem sequer estabelecem relação com o espaço onde foram inseridas. No entanto, e como combate a este tipo de obras foram, posteriormente, criados alguns projetos de arte pública que obtiveram bons resultados. Entre os quais a arte pública na **Expo’98** e o projeto denominado “**Lisboa Capital do Nada**”.

Apesar das grandes diferenças entre estes dois projetos, eles contribuíram fortemente para o favorável desenvolvimento da arte pública. Este primeiro projeto desenvolvido no espaço público da Expo’98, em Lisboa, foi considerado a última exposição mundial do século XX, cujos responsáveis foram António Mega Ferreira e Vasco Graça Moura. Esta exposição mundial teve como objetivo comemorar os 500 anos de viagem de Vasco da Gama à Índia através de nove intervenções públicas. Estas, além de terem de estabelecer uma relação entre a obra e o espaço envolvente, tinham também de se tornar pontos de referência para o público. Os 24 artistas envolvidos tiveram pela primeira vez uma total liberdade para desenvolver as suas obras, desenvolvendo-as de raiz e com destino ao recinto proposto. Um dos artistas participantes neste projeto foi Jorge Vieira que desenvolveu uma intervenção artística intitulada *Homem – Sol*, uma escultura em ferro com cerca de 20 metros de altura que nos transporta para o espírito do surrealismo e do abstracionismo estabelecendo uma relação entre o homem e um ser mítico. Esta obra é uma das mais importantes e visíveis de todo o projeto da Expo’98. Além desta intervenção podemos também destacar outras bastante marcantes deste projeto, como a obra de João Cutileiro intitulada *Lago com Tágides*, proposta por Mega Ferreira, para além desta obra ir de acordo ao tema da exposição, inseria-se no estilo que o artista estava habituado a

representar. Este criou dois elementos dentro de um lago colateral à margem rio que se interligavam perfeitamente (um conjunto de “musas” de grande sensualidade e um barco inspirado nas antigas faluas do Tejo). Esta obra fugia definitivamente ao modelo de escultura tradicional, pois era feita a partir da articulação de vários tipos de mármore o que possibilitava uma maior liberdade de expressão e uma maior diversidade de tonalidades. Outra grande obra deste projeto foi a de Fernanda Fragateiro intitulada *Jardins de Água* em que foi desenhado um jardim relvado constituído por um jogo de formas côncavas e convexas com o objetivo de nos fazer lembrar a superfície de um lago. Esta obra é designada como uma obra de carácter utilitário na medida em que foi realizada com o intuito de prestar serviço ao público e de promover a interação social.

Todas estas obras, e muitas mais, inseridas neste projeto foram de grande importância para o desenvolvimento da arte pública em Portugal, que se afastou cada vez mais da estatutária tradicional. Através desta grande exposição foram conhecidas muito mais referências neste campo que mostraram a grande diversidade de intervenções que podem ser realizadas neste tipo de arte.

Outro projeto que contribuiu fortemente para este desenvolvimento foi **“Lisboa Capital do Nada”** que consistia num pequeno acontecimento artístico - cultural que exibia arte pública efémera como nunca tinha sido exibida anteriormente. Este acontecimento foi organizado pela associação *Extra-Muros* em Outubro de 2001 em Marvila, um local de Lisboa marcado pelo isolamento e segregação social. O objetivo deste projeto era, então, combater a exclusão social desta região, promovendo a sua diversidade cultural. Para isto foram criadas intervenções críticas que estabeleciam uma interação entre as pessoas, extinguindo as diferenças sociais. Um dos principais trabalhos desenvolvidos foi o de José Maçãs de Carvalho, intitulado *Heróis de Marvila*, que estabelecia uma interação ativa com a comunidade. O artista criou uma intervenção pública que consistia num conjunto de cartazes e postais com fotografias de doze pessoas de Marvila que se tinham destacado ao longo do tempo pela sua iniciativa e ação comunitária. Esta intervenção teve um papel social fundamental para a região porque revelou qualidades dos seus habitantes e contribuiu para a promoção de sentido de comunidade.

Outra obra que também contribuiu para apaziguar as diferenças sociais de Marvila foi a obra de Catarina Campino intitulada *Belcanto*. Esta obra, ao contrário das outras, consistiu num concerto de música erudita ao ar livre, mostrando que um concerto pode ser em

qualquer lugar e para todas as pessoas, independentemente da classe social. Com realização desta obra constatou-se que a arte pública não necessita de ser materializada num objeto para ser inesquecível.

Todas as intervenções públicas descritas acima e muitas outras aqui não mencionadas foram fundamentais para a transformação social do nosso país, desenvolvendo relações entre as pessoas, independentemente das diferenças físicas e sociais e abrindo novos horizontes artísticos até aqui desconhecidos pelos portugueses.

2.5.Arte Pública considerada “marginal”

Ao contrário de toda a arte pública referida anteriormente, apoiada pela administração central, local ou pelo setor privado, ou seja, uma arte que surge de um esforço conjunto dos artistas, das comunidades e dos seus compiladores e difusores, abordaremos agora algumas manifestações artísticas consideradas marginais (arte ilegítima), como o o graffiti e o stencil.

O graffiti teve início nos anos 60 nas paredes da cidade de Nova Iorque e Filadélfia. Foi em 1973 que Jon Naar publicou o primeiro livro sobre esta arte que se intitulava *The Faith of Graffiti*, onde expunha as primeiras fotografias de graffiti tiradas pelo próprio. Inicialmente este tipo de arte era essencialmente traçada nas paredes dos edifícios, mas sobretudo nas carruagens do metro de Nova Iorque. Os autores destas intervenções, provenientes de diferentes culturas, ao viajarem diariamente dos subúrbios para a cidade, inscreviam estes traços de alteridade no próprio metro.⁴ Este meio de transporte foi assim o grande difusor dessa cultura marginal híbrida. Para Martha Cooper (1998) (citado por Andrade, 2010, p.54):

“uma tal forma de arte, sendo proibida pelas autoridades camarárias, era perigosa na sua execução, e muitos jovens tiveram problemas com a justiça devido a essa prática. Tratava-se de um desafio à própria ordem vigente, um tipo de raiva social que se exprimia através da criatividade, tal como sucedeu, na cena musical, com o hip-hop.”

⁴ De entre alguns dos autores que iniciaram estes tipo de arte no metro de Nova Iorque nos anos 70 destacam-se Cope 2 e Dave Chino.

O graffiti foi definido por alguns autores como um termo de natureza efêmera, que valoriza a vertente comunicativa, onde o emissor e o recetor realizam um diálogo particular, de anonimato mútuo. Atualmente esta nova forma de arte é já considerada um fenómeno global que influência significativamente a arte contemporânea, inscrevendo-se normalmente em espaços degradados, como bairros pobres ou étnicos das cidades, nas paredes de edifícios em construção ou em muros. Outro género de artes de rua, uma variante dos graffiti, é o stencil art. Este trata de imagens e inscrições, normalmente mais elaboradas que os graffiti, realizadas a partir de um molde com uma imagem delineada por um corte num material rígido e posteriormente, com o uso de tinta pode ser aplicado várias vezes em vários lugares. Esta intervenção tem como principal objetivo, mais que o graffiti, uma crítica social e política. A partir dos anos 80 este género de arte começou a expandir-se nas paredes das principais ruas pelas mãos de artistas como Robert Banský e Blek le Rat.

Banský, de identidade desconhecida, é um dos artistas mais prestigiados na comunidade dos graffiti internacional. Este colocou stencils em múltiplas cidades do mundo, obras consideradas diálogos sociais, que expõem repugnância aos conceitos de autoridade e poder de forma agressiva e irónica, provocando normalmente aos observadores um sentimento de identidade e concordância. Segundo Banský, em 2007, (citado por Andrade, 2010, p. 56):

“se as empresas fazem propaganda em placards monumentais, o cidadão comum tem o direito de replicar, através da colocação, igualmente no espaço público, das suas opiniões, no espaço disponível das paredes”.

As suas obras vão desde inscrições de frases sarcásticas em relação à cultura global e comercial até à inscrição de macacos com armas de destruição maciça em muros.

2.5.1.Arte Urbana em Portugal

O graffiti teve origem em Portugal por volta de 1989. No início estava muito relacionado com o Hip Hop, mas ao longo do tempo esta forma de arte passou a ser representada pelo mais variado tipo de pessoas. O stencil (variante do graffiti) foi utilizado em vários trabalhos na cidade de Lisboa e variam desde a crítica social até às imagens humorísticas, entre os quais podemos destacar a imagem de Fernando Pessoa nalgumas paredes da cidade. Estas imagens mostram-nos que para além dos seus heterónimos como autor, Fernando Pessoa dá azo a que outros construam também variados heterónimos. Ultimamente, Zeca Afonso tem sido também representado no espaço social da cidade de Lisboa por ter sido autor de poesia e música de intervenção política.

Estas intervenções urbanas normalmente realizadas sem autorização das administrações locais são uma constante não só em Lisboa, mas também por todo o país (Miles et al. 2010).

2.5.2.Arte Urbana Institucionalizada

Atualmente esta arte considerada por muitos “marginal” tem-se institucionalizado, chegando mesmo aos museus, como por exemplo a Tate Modern, em Londres. Assim sendo, alguns dos seus autores saem do anonimato quebrando a regra deste género de arte *underground* existente até então, lucrando assim com as suas intervenções urbanas. Em Portugal esta metamorfose da arte é já visível, como exemplo disto temos a contratação dos Gémeos (artistas brasileiros) pela Câmara Municipal de Lisboa para a intervenção na fachada de dois edifícios degradados na Avenida Fontes Pereira de Melo, assim como a criação de um gabinete de projetos de arte urbana na cidade de Lisboa.

No entanto, apesar desta transformação do conceito de arte urbana:

“o fenómeno grafitti continua a proliferar, surpreendendo sempre o transeunte, pelo carácter irónico, oportunístico e até misterioso, este último devido ao anonimato da autoria da maior parte destas obras, realizadas quase sempre “pela calada da noite”.” (Teixeira, 2011)

Um exemplo disto é Banny, um artista anónimo já referido anteriormente como um dos artistas mais conceituados da atualidade.

3. Arte Pública como Recurso Educativo

3.1. Arte Pública e Educação

Segundo Ana Oseki (2011), *“direcionar o ensino da arte exclusivamente para o fazer artístico sem aporte teórico e sem contacto com as obras de arte resulta num esvaziamento de conteúdos estéticos”*.

Ao longo deste texto constatámos a grande importância da Arte Pública para a sociedade, no entanto se os cidadãos não possuírem as aprendizagens essenciais para a perceber, estas tornam-se *invisíveis*, causando mesmo um sentimento de indiferença. Neste sentido a educação tem um papel fundamental ao preparar os cidadãos para que se sintam capazes de usufruir as obras de arte. Para começar o professor de ensino artístico deve ter em conta o modo como os seus alunos observam e percebem o seu meio para poder executar a planificação pedagógica da turma.

As obras de arte pública estão expostas por toda a parte, para todo o tipo de público, no entanto a linguagem que utilizam normalmente segue âmbitos e públicos específicos, seguidores da arte contemporânea, logo quem não possui conhecimento estético contemporâneo (devido ao meio em que vive, por exemplo) tem muito mais dificuldades na compreensão das obras. É então importante que a escola consiga fornecer bases essenciais para uma melhor compreensão da arte por parte do aluno.

Ricardo Silva (2007, p. 212-215) refere alguns pontos fundamentais para uma abordagem pedagógica de obras de arte pública, dirigidos aos professores mas também aos pais que queiram aprender e ensinar educação artística aos seus filhos, tornando-se assim mais embutidos no meio em que vivem. Segundo o autor, em primeiro lugar se a arte pública for analisada em contextos concretos, vista como uma produção social e cultural significativa para os cidadãos da comunidade será muito mais fácil a compreensão desta por parte dos alunos, pois as crianças aprendem melhor quando estão em situações de aprendizagem num determinado contexto. Em segundo lugar o acesso livre e gratuito à Arte Pública facilita a continuidade do consumo cultural dos cidadãos, já que o fator económico é normalmente uma das causas que afasta os cidadãos deste tipo de consumo. Em relação à forma como os

professores e pais devem ensinar a compreender a arte pública às crianças o autor destaca o desenvolvimento da literacia que se processa em três campos, a comunicação, a criação e a compreensão, assim como o desenvolvimento de atividades que tenham em conta o diálogo da criança com a obra de arte levando-a assim a adquirir e aplicar conhecimentos sobre esta. Os professores e pais devem levar a criança a espaços de qualidade estética e urbana para que a criança desenvolva um agradável desenvolvimento de percepção do espaço urbano. Fabioli Bastini (2007) refere sobre isto que: *“projetos pedagógicos que visem incentivo de alunos - cidadãos dentro do espaço urbano da cidade contribuem e estimulam para um melhor conhecimento crítico”*.

Estas são algumas das formas que ajudam a criança na compreensão da arte pública. Além destas, Ricardo Silva (2007) destaca outras, como possibilitar à criança uma maior variedade de manifestações artísticas sem que esta as ignore ou critique em detrimento de outras. Estas manifestações artísticas devem ser de qualidade, fornecendo à criança condições para que, através da sua observação, pense sobre a obra de forma mais profunda e organizada. Outra forma de ajudar a criança na compreensão da arte pública é iniciar uma abordagem pedagógica por alguns elementos como a cor, a forma ou o tamanho da obra, já que as crianças normalmente dão mais valor a este tipo de elementos.

Os professores ou pais devem, se necessário, direcionar as crianças para a observação da arte pública, já que as crianças em idades precoces têm tendência a dispersar-se facilmente.

No estudo de Ricardo Silva (2007) verifica-se que os alunos dos locais com muita arte pública têm um maior desenvolvimento da percepção do espaço urbano e uma maior literacia em Artes Visuais. É por isto necessário que os professores e os pais, nos locais com pouca arte pública, proporcionem às crianças um maior contacto com a arte através de diversos meios, como exposições, ou a internet. Segundo Ricardo Silva estes pontos, acima descritos, são fundamentais para uma favorável abordagem pedagógica de obras de arte pública.

3.2. Função educativa da Arte pública

Como referimos acima, a Educação tem um papel muito importante para que o cidadão possa adquirir um conjunto de conhecimentos necessários para que se sinta capaz de apreciar uma obra de arte. No entanto, a Arte Pública reúne também um conjunto de conhecimentos que faz com que se torne num importante recurso educativo, fazendo com que todos nós possamos aprender algo ao observá-la.

Em Portugal, segundo Sousa, em 1998, o papel educativo da arte pública ainda não se encontrava enraizado, pois *“em países como a Inglaterra, a Espanha, e essencialmente nos Estados Unidos, existem programas educativos específicos para a Arte Pública.”*

Apesar disto, Holman (citado por Silva, 2007, p. 50) refere que a arte pública tem uma importância fundamental na formação dos cidadãos, pois não requer só um simples treino visual mas também um alto nível de literacia visual proporcionada pela mesma.

Atualmente, com o avanço das tecnologias, a arte pública vai sendo um campo cada vez mais desenvolvido em Portugal e consecutivamente na educação artística. Segundo Ricardo Silva (2007, p. 51-56) existem oito razões principais pelas quais se considera que possamos aprender algo com a arte pública, distinguindo-as assim das outras obras de arte. O autor considera então as seguintes vantagens da arte pública: **1)“Tem uma relação quotidiana com os nossos gestos e rotinas, criando o hábito de observação da arte”** ou seja a arte pública faz parte da nossa rotina diária, está presente quando vamos para o trabalho, para a escola ou quando vamos simplesmente dar um passeio pela cidade, orientado-nos muitas vezes no espaço. É portanto um elemento vital nas nossas vidas pois não nos conseguimos distanciar dela. Segundo Antoni Remesar e Pedro Brandão (2003, p. 6), a arte pública é uma arte que *“se funde progressivamente com a vida quotidiana, no próprio desenho integrado do espaço público”*; **2)“Encoraja o diálogo entre os cidadãos”** pois todos os cidadãos a visitam, independentemente do nível etário, social, cultural, étnico ou racial. Esta visita permanente à obra pública por este público heterogéneo proporciona muitas vezes o diálogo entre este, promovendo mesmo a inclusão. Maria Isabel Villac (citado por Miles et al 2010, p.156) refere sobre isto que *“na arte sem simulacros, o dia a dia agrega valor de lealdade, sociabilidade, reciprocidade”*; **3)“Estimula o pensamento e a imaginação”** pois ao observármos as obras de arte pública que não conhecemos questionamo-nos sobre elas e formamos respostas sobre as mesmas questões,

desenvolvendo a nossa imaginação e pensamento crítico. Segundo Gabriela Barros e e João Luiz Gasparin (2009, p.13) “*A influência que o ensino de arte promove na associação entre o real e o imaginário potencia a sensibilização dos sentidos (...) é aprofundada a dimensão cognitiva e sensível do pensamento e da linguagem, promovendo a formação intelectual do aluno.*”; **4)“Define espaços únicos e específicos, estabelecendo relações entre o observador, a obra e o contexto”**, ou seja para existir arte pública é necessária uma articulação entre estes três elementos: o observador, a obra e o contexto. Pedro Andrade (citado por Miles et al., 2010, p.52) refere sobre isto que “*a arte relacional articula as pessoas, as pessoas e as obras, as obras e o seu espaço ambiental*”. Sendo assim, uma obra deve ser inserida num determinado contexto, alterando assim esse contexto e alterando também a forma como é observada pelo espectador por se encontrar nesse mesmo contexto. O observador ao interagir com a obra e com o contexto acaba por alterá-los também, assim como o contexto altera a obra e a forma de observação da mesma pelo espectador. Segundo Carlos Almeida Marques (citado por Miles et al, 2010, p. 130) “*a arte pública nasce frequentemente de uma certa adequação entre uma intenção e o seu destino, entre um objeto, o seu contexto e a sua função.*” A arte pública vem assim descobrir novos lugares dando-lhes mais sentido conduzindo assim a novas percepções;

5)“Expressa diversas qualidades, crenças e valores de diferentes culturas e artistas, ensinando-nos sobre o nosso passado, o nosso presente e perspetivando o futuro” ou seja, é através das obras de arte que conhecemos o nosso passado, pois só conhecendo o passado conseguimos conhecer o presente e perspetivar o nosso futuro. A arte pública é essencial para nos conseguirmos enquadrar no tempo. Pais da Silva (citado por Silva, 2007, p. 54) refere que “*O homem que desconhece o seu passado individual sente-se desamparado, é um ser humano desequilibrado, incompleto (...)*”; **6)“É física e intelectualmente acessível a toda a sociedade”**, pois é elaborada para todos os cidadãos, voluntários ou involuntários, com o objetivo de permanecer nas suas vidas. Para Antoni Remesar e Pedro Brandão (2003, p. 8) “a arte pública trata-se de mais uma afirmação de globalidade no mundo urbano.” Por ser física possibilita, para além de uma observação realizada por todos os entendidos e não entendidos na matéria, o toque, que nos faz aproximar ainda mais da obra. **7)“Proporciona a interseção entre diferentes campos de estudo”**, pois a arte pública relaciona diferentes áreas como a arquitetura, as artes plásticas e o urbanismo, criando assim um diálogo entre os vários campos. São muitas as áreas de

estudo a quem interessa a arte pública. Por um lado temos a sociologia, que pretende estudar as relações sociais, por outro temos a história de arte que pretende estudar a história da obra, o urbanismo, a economia, etc.; 8) ***“Permite ao observador estabelecer o seu próprio ponto de vista, focar a atenção e construir a sua própria narrativa, incorporando os diferentes estímulos do contexto envolvente”***, ou seja é fundamental que o espectador construa a sua própria narrativa a partir do que vê, dando toda a atenção à obra, para poder compreendê-la melhor. É assim indispensável criar uma linguagem sobre a obra tendo em conta, como foi referido anteriormente, o contexto em que esta se encontra. Mário Caeiro (citado por Andrade, 2010, p. 26), afirma assim sobre isto que *“a própria habitação da cidade e na cidade, passa pela prática, participante e democrática, da arte pública urbana.”*

Estas são as oito razões principais que, segundo Ricardo Silva (2009) e com base em outros autores, se consideram de grande importância para que possamos aprender algo com a arte pública. Isto não quer dizer que estas razões sejam fixas pois cada caso é um caso, ou seja estas razões podem mudar dependendo do local onde a arte pública se encontra. No entanto verificámos o quão fundamental é o uso educativo das obras de arte em espaços públicos para a compreensão da própria comunidade em que vivemos.

4. Conclusões

Ao longo do texto precedente tentamos desenvolver o tema *Arte Pública* apesar das diversas interpretações referidas por alguns autores. Neste sentido foi possível perceber quais os elementos que melhor a caracterizam, compreendendo as suas problemáticas. Percebemos também que a Arte Pública só tem sentido em conexão com o público e com o contexto em que está inserida e que apesar das suas múltiplas vertentes é possível distingui-la a partir das suas características pois algumas obras são mais viradas para aspetos funcionais e outras para aspetos sociais.

Ficámos a conhecer também algumas das funções da Arte Pública, que além das que são intrinsecamente artísticas contribui também para processos de regeneração da cidade, desenvolvendo a economia e para a identificação de uma comunidade, propiciando mesmo

a inclusão. Conhecemos também algumas obras que marcaram a Arte Pública, tanto no percurso internacional, como no pequeno percurso nacional.

O segundo foco deste artigo incidiu sobre a Educação, ficámos a perceber como a literacia em artes visuais deve ser um dos pontos abordados pelos professores e pais que queiram ensinar os seus filhos a compreender Arte Pública. Em última análise, referimos também como a Arte Pública pode estimular e desenvolver o pensamento imaginativo, assim como desenvolver um conjunto de conhecimentos nas crianças, fazendo com que este género de arte se torne num importante recurso educativo.

Concluimos assim com o desenvolvimento deste tema que a Arte Pública possui um papel fundamental para a nossa sociedade e que é preciso que os professores de ensino artístico passem a considerar este tipo de intervenções nas suas planificações pedagógicas, pois esta é uma tendência da arte contemporânea que tem vindo a aumentar nos últimos anos e que merece ser estudada.

PARTE II- RELATÓRIO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Primeira fase da Prática Pedagógica: 1º semestre

5.Introdução

A primeira fase da prática pedagógica decorreu no ano letivo 2011/2012 na Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel em Estremoz. O núcleo de estágio foi constituído por mim e pela minha colega e irmã Vânia Silva. Decidimos trabalhar juntas pois para além de ser benéfico em questões de mobilidade, seria também uma mais-valia em termos de entreajuda. O nosso professor cooperante foi o professor Domingos Isabelinho (professor de Geometria Descritiva na Escola Secundária /3 da Rainha Santa Isabel) e o professor supervisor foi o professor Tomás Ferreira (professor de Pintura, Desenho e Comunicação Visual no Departamento de Artes e Design da Universidade de Évora). Estes dois professores tiveram um papel fundamental ao longo do estágio, no entanto o professor Domingos Isabelinho foi quem acompanhou todo o estágio ao longo deste 1º semestre, observou de perto as minhas principais dificuldades e me ajudou a superá-las.

A disciplina lecionada no estágio foi Desenho A à turma F do 12º ano, pois apesar de o professor Domingos Isabelinho lecionar Geometria Descritiva A, ficou acordado com o mesmo que o estágio decorreria durante o período pedagógico da professora Ana Mateus (professora de Desenho A na Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel). Segundo o professor (já com alguma experiência como professor cooperante) seria complexo entrar a meio dos conteúdos de Geometria Descritiva A, já que a sua turma era de 11º ano.

Com todos estes parâmetros definidos estava pronta para começar o estágio e é esse impacto de “*iniciar o percurso*” que pretendo desenvolver nesta primeira fase.

Ao longo desta primeira fase da Prática Pedagógica começarei então por fazer uma breve apresentação da Escola onde o estágio foi realizado, efetuando a minha análise crítica sobre a mesma. Seguidamente abordarei algumas questões relativamente à disciplina lecionada no estágio.

A minha formação pedagógica terá um papel fundamental para poder desenvolver a ação didático-pedagógica, abordarei também todo este processo ao longo desta primeira fase. Finalmente, descreverei o impacto que teve em mim, desde a primeira aula que lecionei, até às aulas assistidas, quais foram as minhas principais dificuldades e quais os pontos em que me superei. Abordarei as atividades desenvolvidas com a turma e analisarei o seu desempenho. Por fim, e como os trabalhos desenvolvidos para a comunidade escolar são fundamentais para uma maior evolução escolar, foi criado um projeto pelo meu núcleo de estágio, um novo logótipo para a escola. Todos estes pontos serão desenvolvidos abaixo, na abordagem a esta primeira fase da Prática Pedagógica.

6. Caracterização da escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel em Estremoz



Figura 1. Espaço exterior da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

6.1. Contextualização Histórica

Após alguma pesquisa acerca das origens da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel descrevo abaixo a sua contextualização histórica.

Em 1924 foi fundada a primeira Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, que funcionava no 1º andar do atual edifício do Museu Municipal, no Largo do Castelo. Até ao ano de 1929 os docentes trabalhavam gratuitamente para que a instituição vingasse. No entanto foi em 1930 que foi construída esta escola, passando à categoria de Escola Industrial com a designação de Escola Industrial António Augusto Gonçalves. Neste período, sob a direção do docente Luís Fernandes, as instalações foram transferidas para a Rua da Pena, para o edifício onde hoje se encontra o Centro Paroquial de Stª Maria. Nela estavam matriculados 40 alunos. Em 1949 a Escola Industrial António Augusto Gonçalves é transferida provisoriamente para o antigo Palácio Real do Castelo (antiga Sala de Armas de D. João V, hoje Pousada Rainha Santa Isabel). Esta situação perdurará até 1964. A frequência deste estabelecimento aproximava-se então do meio milhar de alunos.

Em 1962 foram concluídas as obras de um novo edifício escolar. Dois anos depois, dia 13 de Abril de 1964, durante o mandato do Diretor Peres Claro, e graças a muitas diligências suas, é inaugurado o edifício atual, construído de raiz para o efeito.

Durante a semana que se seguiu à inauguração, ocorre a transferência de todo o equipamento e material para o novo edifício. O número de alunos matriculados era então cerca de 650 alunos.

Foi docente, neste período, o poeta e escritor Sebastião da Gama, que se destacou pelos seus métodos pedagógicos inovadores.

Entre 1974/1975 a escola volta a mudar de designação, passando a ser conhecida por Escola Secundária de Estremoz, à qual é anexada neste ano a Secção Liceal de Estremoz do Liceu Nacional de Évora (o qual funcionava desde o ano letivo 1971/72).

Em 1986 o número de alunos matriculados ultrapassa os 1400 alunos. Em 2 de abril de 1987 deste ano sai a Portaria que define nova designação - Escola Secundária da Rainha Santa Isabel. No ano de 1999/2000 entra em vigor o novo modelo de gestão, que obrigou à reformulação de alguns órgãos intermédios de gestão. Em 2000/01 é implementada a Gestão Flexível de Currículo no 7º ano, tornando-se a primeira Escola Secundária da Direção Regional de Educação do Alentejo com esta nova modalidade curricular.

A escola Rainha Santa Isabel torna-se a primeira Escola Secundária da Direção Regional de Educação do Alentejo com esta nova modalidade curricular. No ano de 2002/2003 foi implementado o Projeto TurmaMais que tinha como objetivo reduzir o insucesso. Isto aconteceu logo no primeiro ano com o sétimo ano de escolaridade. O insucesso foi reduzido de 38% para 16%. No ano letivo 2010/11, este projeto foi implementado em sessenta e seis escolas do país, projetando desta forma o nome da Escola Secundário Rainha Santa Isabel. Em 2005/2006 a escola foi ampliada. Poucos anos depois iniciou-se o contrato de Autonomia celebrado com o Ministério de Educação.

Entre Julho de 2009 e Dezembro de 2010 a Escola Rainha Santa Isabel foi uma das várias escolas a sofrer um processo de requalificação e remodelação através da empresa Parque Escolar.

6.2.Caracterização do meio envolvente

A Escola Secundária da Rainha Santa Isabel é uma escola pública que se localiza em Estremoz, num dos principais eixos de ligação da área metropolitana de Lisboa a Madrid e à Europa.

O concelho de Estremoz integra o subgrupo de municípios do Alentejo Central de que fazem parte Alandroal, Arraiolos, Borba, Évora, Montemor-o-Novo, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Sousel, Vendas Novas, Viana do Alentejo e Vila Viçosa, e está inserido na região denominada “Zona dos Mármore” que agrupa ainda os concelhos de Borba, Vila Viçosa e Alandroal. Estremoz caracteriza-se pela ocorrência de situações climáticas interanuais típicas de regiões interiores.

A cidade de Estremoz situa-se no cruzamento de importantes vias rodoviárias, da Rede Viária Nacional atingindo no máximo 448m de altitude.

Desta posição sobranceira, é possível admirar a bela e vasta paisagem rural em seu redor. Do alto do seu castelo, podem avistar-se algumas localidades limítrofes, os campos e montes alentejanos. O relevo é caracterizado pela existência de algumas massas montanhosas de baixa altitude a par da planície alentejana, que ocupa mais de 3/4 da superfície do concelho.

As massas montanhosas que mais sobressaem são os contrafortes da Serra D' Ossa

e as elevações ocupadas pelos calcários dolomíticos do anticlinal de Estremoz, em especial para NW da cidade, até ao limite com o concelho de Sousel onde essas elevações são designadas por Serras da Lage, de Sousel e de S. Bartolomeu.

A nascente da cidade de Estremoz, a paisagem está marcada pela exploração e extração de mármore.

Na ocupação dos solos predominam as culturas extensiva e de sequeiro, com especial relevância para os cereais, muitas já reconvertidas em áreas de aproveitamento agrossilvo-pastoril, a par do olival, montado de azinho e sobro, da vinha, e algumas manchas ocupadas com pomares, pinhal, eucaliptal e matos incultos, dispersos um pouco por todo o concelho.

Administrativamente, o município é constituído por:

- Assembleia Municipal (34 membros);
- Câmara Municipal (7 membros);
- 13 Assembleias de Freguesia;
- 13 Juntas de freguesia.

Outros serviços públicos e administrativos instalados na cidade:

- Centro de Saúde
- Centro de Emprego de Estremoz
- Delegação do Centro Regional de Segurança Social do Alentejo
- CTT - Correios de Portugal
- Delegação da Direção Regional da Agricultura do Alentejo
- Delegação da Direção Regional do Ambiente e Recursos Naturais do Alentejo
- Regimento de Cavalaria de Estremoz
- PSP
- GNR
- Tribunal de Comarca
- Repartição de Finanças
- Cartório Notarial Privado
- Conservatória do Registo Civil
- Conservatória do Registo Predial

Ensino:

- 1 Pólo Universitário da Universidade de Évora;
- 1 Escola Secundária;
- 1 Escola Profissional;
- Agrupamento de Escolas de Estremoz;
- 1 Escola de Ensino Especial – CERCI;
- 12 Jardins de Infância.

Saúde:

- Santa Casa da Misericórdia (com 20 camas de apoio U. A. I.);
- Cruz Vermelha;
- Bombeiros Voluntários.

Segurança Social:

- 4 Lares de 3ª Idade;
- 4 Centros de Dia;

Instalações Desportivas:

- 6 pavilhões Desportivos/Ginásios;
- 2 campos de futebol,
- 3 campo de ténis,
- 4 polidesportivos descobertos,
- 1 complexo de piscinas;
- 1 pista de atletismo;
- 1 campo hípico;
- 1 picadeiro de instrução;
- 1 campo de obstáculos;
- 1 campo de tiro.

Clubes/Associações Culturais e Recreativas:

- 5 Museus;
- Cine-Teatro Bernardim Ribeiro;

- 3 Bibliotecas;
- Casa da Cultura de Estremoz;
- Orfeão Tomás Alcaide;
- Associação Filatélica Alentejana;
- Associação Juvenil de Estremoz;
- Círculo Estremocense;
- Sociedade Artística Estremocense;
- Sociedade Lusitana;
- Sociedade Artística e Recreativa Veirense;
- 1 Praça de Touros;
- LACE – Liga dos Amigos do Castelo de Evoramonte.

Monumentos Nacionais

- Castelo de Estremoz;
- Muralhas do Castelo de Estremoz (séc. XIII) e respetivos baluartes;
- Portas e baluartes da segunda linha de fortificações (séc. XVIII);
- Portas militares de Sº António, Santa Catarina;
- Currais de Évora;
- Torre das Couraças;
- Antiga Casa da Câmara;
- Capela de N.ª. Sr.ª dos Mártires;
- Igreja de S. Francisco incluindo a Capela de S. Fradique de Portugal e o túmulo de Esteves da Gata;
- Claustro da Misericórdia;
- Pelourinho de Estremoz;
- Castelo de Evoramonte;
- Vila Lusitano-romana de Sª Vitória do Ameixial;
- Padrão do Ameixial -E.N. 245.

Imóveis de Interesse Público:

- Convento dos Congregados;
- Cruzeiro da Misericórdia;

- Cruzeiro de S. Francisco de Estremoz;
- Igreja de Santa Maria;
- Pelourinho do Canal;
- Castelo de Veiros;
- Pelourinho de Veiros;
- Edifício do Café Águias D'Ouro.

Imóveis em Vias de Classificação:

- Ermida de N^a Sr.^a da Conceição – Estremoz;
- Edifício do Teatro Bernardim Ribeiro;
- Igreja Matriz de Veiros;
- Edifício do Pátio dos Solares.

6.3.Dimensão humana: Estrutura Organizacional

A escola divide-se em estruturas organizacionais, nomeadamente: Direção, Conselho Geral, Conselho Pedagógico, Sub-Departamentos, Coordenadores de Ano e Cursos, Cursos profissionais e chefes de Serviço.

Direção		
Diretor	Sub-Diretora	Adjuntas
José Salema	Fernanda Correia	Amália Corrente

Tabela 1. Direção

Conselho Geral					
Docentes	Alunos	Enc. De Educação	Não Docentes	Comunidade Local	Município

António Ramalho	Jorge Gonçal o Pardal	Margarida Cunha			
Marta Matos			Maria do Rosário Romão	Francisco Arvana/Luís Mira	Francisco Ramos
Laurinda Paulino		Luís Maranga			
Margarida Ferro	Narciso				Joaquim Trindade
Luís Cabanejo	Patrício	José Pais	Jacinta Sapateiro	Amaro Júnior	
Francisco Costa					
Fátima Crujo	Soraia	Joaquim			
Maria dos Anjos Rosado	Amaral	Noruegas			

Tabela 2. Conselho Geral

Conselho Pedagógico			
Coord. Dep. Matemática e Ciências Experimentais	Coord. Dep. Línguas	Coord. Dep. Expressões	Coord. Dep. C. S. e Humanas
Manuela do Pomar	Adelaide Glória	Ana Costa Mateus	Odete Ramalho

Representante Cursos Profissionais	Professora Bibliotecária	Repres. 3º Ciclo	Repres. Cursos Científico- Humanísticos	Repres. Cursos Efa
---	---	---------------------------------------	--	---

Antónia Aldeagas	Ana Figueira Mateus	Lisete Parreira	Rosalina Xarepe	Teresa do Vale
---------------------	------------------------	-----------------	-----------------	-------------------

Representante SPO	Repres. Pais e Enc. Ed.	Repres. Clubes/Projetos	Repres. Alunos Cursos Científico- Humanísticos	Repres. Alunos Cursos Profissionais
Mª João Cortes	Rui Coias	Mª do Céu Pires	Cátia Martins	Telma Martins

Tabela 3. Conselho Pedagógico

Sub-Departamentos					
Português e Francês	Inglês e Espanhol	História e Geografia	Filosofia e EMR	Ciências Sócio- Económicas e Secretariado	Matemática e Informática
Adelaide Glória	Francisco Costa	José Barroso	Mª do Céu Pires	Odete Ramalho	Inácio Véstia

Ciências Físico- Químicas	Biologia Geologia	Ed. Física e Desporto	Artes Visuais	Tecnologias
Jorge Moreira	Manuela do Pomar	Helena Marques	Ana Costa Mateus	Helena Caracol

Tabela 4. Sub- Departamentos

Coordenadores de Ano e Cursos		
3º Ciclo	Cursos Científico-Humanísticos	
Lisete Parreira António Correia Helena Pereira	Rosalina Xarepe	Ciências e Tecnologias
		Artes Visuais
		Ciências Socioeconómicas
		Línguas e Humanidades

Tabela 5. Coordenadores de ano e cursos

Cursos Profissionais	
Técnico de Apoio à Infância	Helena Caracol Araújo
Técnico de Turismo Ambiental e Rural	José Barroso
Técnico de Eletrónica de Automação e Computadores	Joaquim Vieira
Técnico de Viticultura e Enologia (1º ano)	Antónia Aldeagas

Tabela 6. Cursos profissionais

Chefes de Serviço	
Serviços Administrativos	Pessoal Auxiliar
Maria do Rosário	Isidoro Andrade

Tabela 7. Chefes de serviço

6.4.Dimensão Física da Escola

Sala de Professores	1
Salas de TIC	3
Sala de AOS	1
Laboratórios (de Física, de Química e de Biologia)	5
Oficinas (Laboratório de Eletricidade, sala de aula e oficinas)	3
Departamento/Sub- Departamentos	1
Auditório	1
Polidesportivo coberto	1
Campos de jogos exteriors	2
Ginásio	1
Espaço Memória	1
Direção	1
SPO	1
Sala de Atendimento Enc. Educação	1
Dimensão Física: Espaços Interiores e Exteriores da EscolaSalas de Aula	3
Salas IEPF	4
Laboratório de Viticultura	1

Tabela 8. Espaços interiores e Exteriores

6.5. Avaliação da Escola

De acordo com a avaliação global da escola realizada no ano letivo 2010/2011 pode concluir-se que esta detém alguns pontos fracos, nomeadamente os resultados nos exames nacionais do Ensino Secundário. Apesar de se verificarem pequenos sinais de melhoria (na média das classificações de exame das treze disciplinas consideradas $+0,6$) e na diminuição do desvio CIF-CE $(-0,72)$, os resultados obtidos pelos alunos nos exames nacionais continuam a não ser satisfatórios. Cruzando este indicador com o da classificação interna, verifica-se que são os maus resultados nos exames os principais responsáveis pela elevada taxa de não conclusão do Ensino Secundário (37,5%).

Outro ponto fraco desta escola, de acordo com a mesma, é a falta de empenho dos alunos pois existe a sensação generalizada que uma parte considerável dos alunos não trabalha de forma contínua e sistemática nem cumpre cabalmente os deveres inscritos no Regulamento Interno. Nenhuma estratégia, mesmo que inovadora ou atrativa, resulta se os alunos não estiverem empenhados e não cumprirem os seus deveres. A escassa formação destinada ao pessoal docente e não docente é considerada outro dos pontos fracos desta escola. Por fim alguns professores e diretores de turma apontam como um ponto fraco da escola o excessivo trabalho burocrático associado, por um lado, às avaliações intercalares (quantitativas), e, por outro, ao processo de acompanhamento e apoio dos alunos em situação de retenção.

Relativamente aos pontos fortes, a escola aponta alguns, nomeadamente uma grande oferta formativa pois oferece em termos de 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário uma assinalável diversidade e quantidade de cursos e opções. Outro ponto forte da escola é uma grande diversidade da atividade dos clubes, uma inovação patenteada nalguns dos projetos e um envolvimento da comunidade escolar na implementação dos mesmos. A escola considera também uma mais valia apostar numa sólida rede de parcerias e protocolos, evidenciando uma continuada prática de abertura à comunidade. Outro dos pontos fortes da escola é o Projeto TurmaMais pois através das alterações operadas no mesmo implementou-se um regime de codocência nas disciplinas em que os alunos apresentam mais dificuldades (Língua Portuguesa, Matemática...), sem prejuízo aparente

para aquelas que deixaram de beneficiar do projeto. A escola considera também que os resultados nos exames nacionais de 9º ano são um ponto forte pois contrariamente ao que sucede no Ensino Secundário, a média dos resultados obtidos pelos alunos da nossa escola nos exames nacionais de 9º ano foi superior à média nacional: +2% (Língua Portuguesa) e +3% (Matemática). Tais resultados comprovam a sustentada melhoria do desempenho da escola no Ensino Básico. A melhoria dos espaços físicos da escola é outro dos pontos fortes além da mesma dispor de diferentes recursos materiais como um computador e um videoprojetor em quase todas as salas e quadros interativos em muitas delas. Por fim a diminuição da indisciplina, que diminuiu significativamente em relação ao ano anterior é um ponto bastante positivo, o que parece confirmar a ideia de que o aumento de indisciplina registado no ano transato se deveu fundamentalmente aos trabalhos de requalificação dos espaços da escola.

Em suma, e na minha opinião, considero que a auto-avaliação realizada pela escola está de acordo com o que pude observar durante a minha experiência de ensino nesta escola. Notei principalmente algumas dificuldades dos alunos do 12º ano a nível da disciplina de Desenho. Relativamente aos espaços físicos penso que a escola possui ótimas condições e dispõe dos recursos materiais necessários à prática de ensino.

6.6.Caracterização da Turma

A turma 12º F é composta por 23 alunos, sendo 19 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos. A maior parte dos alunos são oriundos de famílias estruturadas mas com um nível socioeconómico baixo. A relação dos encarregados de educação com a escola é boa, demonstrando interesse pelo bem-estar dos seus educandos. Relativamente às habilitações dos pais dos alunos existem: 1 sem habilitações, 22 com o ensino básico, 12 com o ensino secundário e só 4 pais possuem habilitações equivalentes ao ensino superior, o que na minha opinião, e de acordo com alguns estudos de caso já realizados, não será um fator que determine o insucesso escolar dos alunos. As profissões dos pais variam portanto desde Varredor e Funcionário Público a Dentista, além de existirem 3 pais desempregados e 1 reformado.

O rendimento escolar desta turma pode descrever-se como razoável/baixo pois

existem 16 alunos com pelo menos uma/duas disciplinas em atraso, sendo que nenhum tem a disciplina de Desenho A em atraso.

Para um melhor desenvolvimento das aulas de Desenho A, a turma está dividida em dois turnos. O turno (2) exposto para o desenvolvimento do estágio é composto por 13 alunos, dos quais 4 rapazes e 9 raparigas. Só esta parte da turma é analisada por mim, tanto em termos de atitudes e valores como em termos de competências e saberes. Na minha opinião, e com base em alguns critérios de avaliação da escola, todos os alunos são humildes, alegres e sociáveis, no entanto existem 4 ou 5 alunos, entre os quais os rapazes, que são muito faladores prejudicando por vezes o normal funcionamento das aulas. Relativamente às competências e saberes dos alunos, noto falta de motivação, de criatividade artística e de alguma técnica (que já deveriam ter neste nível de ensino). Só um ou dois alunos se destacam mais em relação aos outros a nível de Desenho.

Em geral posso considerar esta turma (turno 2) como assídua, pontual e participativa, mas pouco ativa e criativa.

Em relação ao relacionamento da turma com a professora de Desenho Ana Mateus, noto uma boa relação, há um grande à vontade da turma para com a professora, pois esta já os acompanha desde o 10º ano.

Durante o ano letivo, a planificação e programação são ajustadas às necessidades educativas dos alunos, com o objetivo de que estes alcancem o sucesso escolar.

Perfil da Turma			
Alunos	Número de Alunos	Sexo Feminino	19
		Sexo Masculino	4
		Com idade fora da escolaridade obrigatória	0
		Retidos no ano letivo anterior	0
		Retidos em outros ano letivos	4

		Com necessidades educativas especiais	0
		Que frequentam esta escola pela primeira vez	0
		Que pretendem prosseguir com os estudos: - Até ao Ensino Superior	14
	Profissões desejadas	Não sabem	15
		Design de Interiores	1
		Designer Gráfico	2
		Designer	2
		Fotografo	2
		Engenheiro Cível	1
	Saúde	Dificuldades Visuais	11
		Outras	2
	Doenças mais frequentes	Dores de cabeça	7
		Alergias	3
	Conselhos dos alunos para os professores	Ter paciência com os alunos	7
		Explicar melhor a matéria quando não estão a perceber	2
		Música nas disciplinas práticas	10
		Dar aulas de forma dinâmica e divertida	4
	Atividades de tempos	Desporto	7

	Livres	Ver televisão	8
		Ouvir Música	9
		Ler	5
		Desenhar	5
		Estar com os amigos	9
		Computador	16
		Dançar	3
Agregado Familiar	Habilitações dos pais	Sem habilitações	1
		1º ciclo	7
		2º ciclo	6
		3º ciclo	9
		Secundário	12
		C. Médio	0
		C. Superior	4

Tabela 9. Perfil da Turma 12º F

6.7.Caracterização da Sala de aula

A sala de aula A2 foi onde se realizou o presente estágio. Aparentemente é uma sala ampla e agradável, nota-se pelo seu estado de conservação (paredes brancas e mesas ainda sem rabiscos) que é uma sala recente. A sala de aula dispõe de 36 mesas, 36 cadeiras, 5 armários, 1 quadro branco, um retroprojektor, 1 tela e um computador sem internet. A sala não tem janelas laterais mas sim no teto, permitindo muita claridade ao espaço sala de aula.

Na minha opinião, apesar deste espaço possuir diversos pontos positivos tem também bastantes pontos negativos como por exemplo: ser uma sala destinada à disciplina de Geometria Descritiva; ter uma enorme quantidade de mesas, o que dificulta a mobilidade do professor; não existir forma de fechar as janelas, o que não facilita a projeção de diapositivos; falta de aquecimento.

Quando entrei nesta sala pela primeira vez senti algum receio de não conseguir estar e trabalhar numa sala que a mim me parecia tão gélida, no entanto com o passar do tempo fui-me apercebendo que o mais importante não é a sala em si, mas a forma como a turma transforma a sala. Quando os alunos começaram a trabalhar percebi que o calor humano consegue transformar o pior espaço num espaço muito agradável. Aprendi que existem sempre formas de ultrapassar as limitações do espaço.

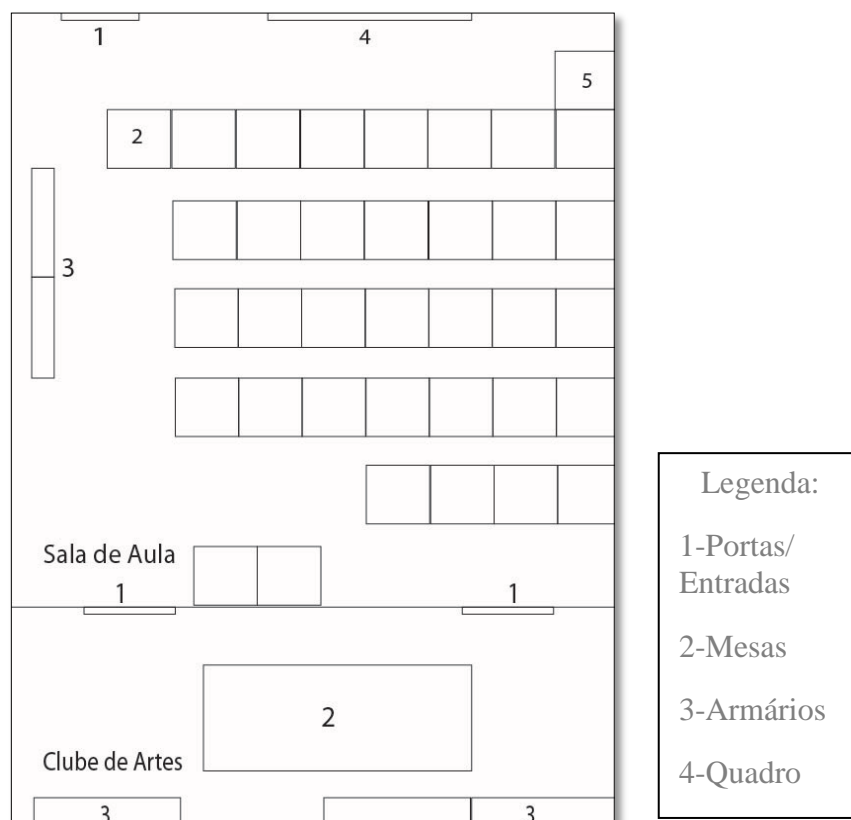


Figura 2. Planta de Desenho A

7. Caracterização da Disciplina de Desenho A

7.1. Caracterização do Programa da Disciplina

As aulas lecionadas durante a prática pedagógica do 1º semestre desenvolveram-se no âmbito da disciplina de Desenho A, do 12º ano de escolaridade.

A disciplina de Desenho A insere-se no curso Científico- Humanístico de Artes Visuais e abrange os currículos do 10º, 11º e 12º anos de escolaridade, níveis que compartilham entre si, através do desenho, objetivos globais como o domínio, a compreensão e a comunicação.

O plano curricular da disciplina de Desenho A divide-se em dois programas. O primeiro corresponde ao 10º ano que descreve as finalidades, os objetivos, os conteúdos e temas, sugestões metodológicas, competências a desenvolver, recursos e avaliação. O segundo programa curricular corresponde ao 11º e 12º ano, que descreve os conteúdos e sugestões metodológicas.

Em relação às finalidades gerais desta disciplina estas são dominar, perceber e comunicar, de modo eficaz, através dos meios expressivos do desenho. Tudo isto de uma forma produtiva, usando os meios atuantes e expressivos do desenho (grafite, tinta da china, carvão...). Esta disciplina deve desenvolver assim capacidades de observação, de interrogação, de interpretação, de representação, de expressão e de comunicação nos alunos. Tem também como finalidade promover métodos de trabalho individual e colaborativo, desenvolver o espírito crítico face a imagens e conteúdos mediatizados e adquirir, com autonomia, capacidades de resposta superadoras de estereótipos e preconceitos face ao meio envolvente, desenvolver a sensibilidade estética e desenvolver a consciência histórica e cultural e cultivar a sua disseminação.

Materiais, procedimentos, sintaxe e sentido são alguns dos conteúdos programáticos da disciplina do 12º ano. Através destes a disciplina de Desenho A deve envolver práticas utilizando diferentes materiais e técnicas, com o objetivo de que o aluno melhore a técnica do desenho.

Desde os tempos pré-históricos que o desenho é um meio de manifestação estético e uma linguagem expressiva para o homem. Foi através dos desenhos elaborados pelos povos da antiguidade que ficámos a conhecer a história da humanidade. O desenho acarreta assim diversas vantagens, pois através do mesmo podemos transmitir ideias, emoções, etc.

“O desenho não é apenas aptidão de expressão ou área de investigação nos mecanismos de percepção, de figuração, ou de interpretação; é também forma de reagir, é atitude perante o mundo que se pretende atenta, exigente, construtiva e liderante.”

(Ramos et al, 2002, p. 3)

Esta disciplina deverá assim proporcionar aos alunos o gosto pelo desenho, tornando-o uma prática construtiva e consciente.

8.Formação Pedagógica:

8.1.Observação das aulas de Desenho A lecionadas pela professora

Quando começou o período do estágio, o professor cooperante Domingos Isabelinho achou por bem o meu núcleo de estágio assistir primeiro a algumas aulas da professora de Desenho Ana Mateus, já que era importante observarmos a turma e a forma como uma professora experiente lida com a mesma.

Da primeira vez que observei a turma fiquei entusiasmada mas ao mesmo tempo com algum receio pois a pouca diferença de idades entre o meu núcleo de estágio e a turma era notória. Eu podia imaginar aquela turma como a minha própria turma, e isto não era favorável, ou talvez até tivesse algumas vantagens, mas naquelas primeiras aulas isto preocupava-me bastante.

Nas primeiras aulas que observei notei muito à vontade na forma como a professora se relacionava com os alunos, mas principalmente o que me despertou mais atenção foi a forma como os alunos se relacionavam entre si. Vê-se que é uma turma muito unida e com espírito de entreajuda, esta foi uma das razões que me deixou entusiasmada para iniciar as minhas próprias aulas. No entanto, o passar destas aulas e a espera pela minha primeira aula deixava-me cada vez mais nervosa. O professor cooperante Domingos Isabelinho teve um papel muito importante durante este percurso, na medida em que nos punha à vontade para falarmos com ele sobre as nossas dúvidas e nos fazia ver que o estágio não iria ser *um “bicho de sete cabeças”* e que iríamos conseguir.

Estas aulas da professora Ana Mateus foram, portanto, fundamentais para poder iniciar a primeira experiência à prática docente. Apesar de também já ter sido aluna de Desenho e conhecer o geral funcionamento de uma turma deste nível, é sempre necessário uma observação do “lado de fora”, pois cada caso é um caso, cada turma é única, é necessário compreendê-la para poder agir.

8.2.Observação das aulas da colega em estágio

Observar as aulas lecionadas pela minha colega Vânia Silva foi também muito importante ao longo deste meu percurso. Ao observá-la percebi todas as suas dificuldades e virtudes durante as suas aulas. Enquanto a observava sentia o nervosismo dela como se fosse o meu. Este é a pior parte de se trabalhar com um familiar próximo, além de estarmos preocupados connosco, estamos também preocupados com o outro.

Apesar da grande atenção dada pelos professores às aulas do meu par pedagógico, eu era sem dúvida, a maior crítica das suas aulas, não conseguia desviar o olhar de tudo aquilo que a minha colega fazia, seguia todos os seus passos com o olhar.

As principais críticas que tanto eu como os professores lhe apontámos foram a falta de confiança e de atitude, mas segundo os professores isto pode ser trabalhado ao longo do tempo. Em relação aos aspetos positivos das suas aulas era notória uma grande preparação dos conteúdos lecionados, alguma experiência com a técnica do desenho (pela forma como acompanhou a turma nos trabalhos práticos) e uma vontade de querer aprender ainda mais.

Os alunos são bastante participativos, às vezes até demais. Recordo-me de algumas situações caricatas durante as aulas da minha colega. Uma destas situações foi quando esta falava sobre alguns movimentos artísticos e perguntou aos alunos sabiam quais as características do movimento Surrealista. Uma das alunas prontificou-se a responder, dizendo: *“Sim, o Surrealismo é quando os artistas fumam umas e começam a alucinar”*. No momento em que a aluna respondeu isto toda a turma começou a rir-se, causando algum desconforto. No entanto a minha colega Vânia Silva soube responder à letra dizendo: *“Não é nada disso, porque daqui a pouco vamos fazer um exercício prático baseado no movimento Surrealismo e vocês não vão precisar de fumar nada”*.

Ao longo das suas aulas notei uma grande evolução em relação à atitude e

confiança da minha colega em estágio.

Relativamente às aulas do meu par pedagógico posso concluir assim que se desenvolveram com normalidade, cumprindo toda a planificação proposta.



Figura 3. Aula lecionada pela colega em estágio

9. Ação Didática e Pedagógica

9.1. Atividades desenvolvidas com a Turma

Durante o estágio foram desenvolvidas diversas atividades com os alunos tendo por base o programa da disciplina de Desenho A. De acordo com o tema *O rosto na arte: Retrato* que o meu par pedagógico desenvolveu foi acordado que as primeiras atividades desenvolvidas deveriam ser sobre o rosto, sobre as suas proporções, e sobre alguns artistas que pintaram retratos e auto-retratos. A primeira atividade que foi pensada pelo meu núcleo de estágio foi o desenvolvimento dos auto-retratos dos alunos, no entanto estes já tinham realizado este tipo de exercício com a professora Ana Mateus. Então eu e a minha colega Vânia Silva propusemos como exercício prático o desenvolvimento de uma caricatura do Mr. Bean, utilizando como material a grafite. O professor Domingos Isabelinho e a professora Ana Mateus acharam uma excelente ideia, já que muitos alunos nunca tinham experimentado fazer este tipo de desenho. E assim foi, no dia 27 de Outubro de 2011 os alunos deram início a esta atividade. O entusiasmo por parte dos mesmos foi notório ao longo do desenvolvimento do exercício proposto.

Como continuação a este tema, na aula de dia 2 de Novembro de 2011 foi desenvolvida outra atividade - desenho do retrato de corpo inteiro. Foi assim necessário lecionar alguma parte teórica em relação às proporções do corpo humano e à forma como se deve desenhá-lo. Um aluno serviria assim de modelo durante 5 a 10 minutos para que os

colegas o pudessem desenhar e quando o tempo passasse trocava com outro colega e assim sucessivamente até toda a turma ser desenhada. Todos os alunos se prontificaram a ser desenhados, participando com empenho no exercício, no entanto notou-se alguma agitação por parte dos mesmos (talvez por esta aula ter sido uma aula fora do comum, em que os alunos saíram do seu lugar tradicional passivo).

Na aula de dia 9 de Novembro de 2011 eu e o meu par pedagógico demos continuação ao tema *Retrato* e o exercício proposto foi o desenvolvimento do retrato de um artista através de uma imagem do mesmo. Este retrato teria de ser representado três vezes, a primeira era uma representação real da imagem a grafite, a segunda era uma representação da imagem com base nas principais características do Cubismo, utilizando materiais diversos (lápiz de cor, canetas de feltro, etc.) e a terceira era uma representação da imagem com base nas principais características do Expressionismo utilizando também materiais diversos. Antes de fazerem o exercício foram lembradas as principais características dos movimentos artísticos (não foi necessário um grande aprofundamento ao tema já que os alunos já tinham bases sobre estes conteúdos através da disciplina de História e Cultura da Arte). O exercício foi desenvolvido pelos alunos com empenho, mas também com algumas dificuldades, o que levou a que o prazo para a elaboração desta atividade fosse alargado durante mais algumas aulas.

Posteriormente a esta atividade, como os alunos foram a uma visita de estudo à exposição *A Perspetiva das Coisas: A Natureza-Morta* na Fundação Calouste Gulbenkian a professora propôs que as próximas aulas fossem sobre Natureza-morta e nós concordámos. Nas últimas aulas (por conseguinte aulas assistidas) foram assim abordados conteúdos relacionados com Natureza-morta, desde a sua história até aos principais artistas que a representaram. As atividades desenvolvidas sobre o tema foram: a primeira foi um desenho à vista de vários objetos expostos sobre uma mesa (ex: garrafas, espelho, laranjas, etc.). O material utilizado para neste exercício foi grafite. Todos os alunos participaram nesta atividade com empenho, no entanto notou-se muita dificuldade neste exercício a nível de técnica. A segunda e última atividade desenvolvida pelos alunos durante o período de estágio do meu núcleo na escola de Estremoz foi a representação dos objetos que os alunos tinham realizado na aula anterior, mas desta vez estes objetos tinham de ser desenhados de forma mais criativa. Os alunos tinham de basear-se nas características do movimento Surrealista, utilizando diferentes materiais. A turma empenhou-se novamente na realização

deste exercício, notando-se uma melhoria a nível de criatividade, pois surgiram alguns trabalhos bastante interessantes.

Em suma, penso que o meu núcleo de estágio foi bastante dinâmico nas atividades propostas e todos os alunos fizeram por cumpri-las com empenho e motivação.

9.2. Aula de grupo: 1ª aula

O professor cooperante Domingos Isabelinho achou por bem que a nossa primeira aula fosse em grupo pois seria mais fácil para começar esta fase. E assim sucedeu, no dia 27 de Outubro de 2011 eu e o meu par pedagógico demos a nossa primeira aula. Neste dia de manhã eu e a minha colega Vânia Silva estávamos bastante nervosas. Chegámos antes da hora, tendo ainda algum tempo para os últimos ajustes da aula (power point, etc.). Quando a aula iniciou os alunos começaram por responder a uma ficha diagnóstica desenvolvida por nós (apêndice 2) que teve como objetivo perceber quais os conhecimentos dos alunos acerca do desenho do Retrato (tema já abordado anteriormente nas aulas da professora Ana Mateus). A parte teórica da aula foi dividida por mim e pela minha colega em estágio. Foi desenvolvido o tema Retrato, desde os primeiros retratos da história até a novas formas de retrato como a Caricatura. Foram abordados diferentes artistas que pintaram retratos como Leonardo da Vinci, Frida Kahlo, Andy Warhol, etc. Os alunos ficaram bastante interessados, principalmente quando foi referida alguma biografia de Frida Kahlo e também quando lhes foram apresentados exemplos de Caricaturas de alguns artistas.

Posteriormente a esta parte teórica foi-lhes entregue pelo meu núcleo algumas fichas com a proposta de exercício que teriam de realizar e também uma imagem do Mr. Bean (figura 4). Os alunos começaram então a realizar o exercício, enquanto eu e a minha colega andávamos pela sala a auxiliá-los. Cinco minutos antes da hora de saída foi-lhes pedido por nós que arrumassem o material e deixassem a sala limpa e acabou a aula.

Em suma, todo aquele receio que eu tinha de que podia não ser capaz de enfrentar uma turma acabou a partir daí, o que me deu muita força para continuar todo o percurso do estágio que ainda estava para vir.



Figura 4. Mr. Bean



Figura 5. Caricatura realizada por um dos alunos

9.2.1. Análise crítica da aula de grupo

A aula lecionada em grupo decorreu sem dificuldades relativamente à sua organização e desempenho. Existiu uma grande entreajuda e cooperação entre o meu núcleo de estágio com a intenção de contribuir para que toda a dinâmica de grupo funcionasse e que ocorresse um bom ambiente sala de aula.

A aula decorreu com normalidade, tanto a nível teórico como a nível prático, acabando por ser cumprida conforme a planificação realizada.

Relativamente aos trabalhos realizados pelos alunos notou-se alguma falta de criatividade e de domínio do Desenho.

Durante a aula os alunos revelaram no geral bom comportamento e empenho na atividade que lhes foi proposta, pois era um exercício que nunca tinham experimentado.

9.3. Aula Individual

9.3.1.Primeira Aula

Dia 2 de Novembro de 2011 dei pela primeira vez a minha própria aula. Apesar de já ter lecionado uma aula em grupo, desta vez sentia-me mais nervosa, era como se estivesse desamparada. Dar uma aula sozinha para mim era muito mais difícil, mas tentei manter a calma e pensar no lado positivo, ensinar os outros é fantástico, eu só tinha de me libertar mais e ter confiança em mim. Preparei esta aula arduamente durante alguns dias,

queria sentir-me segura dos meus conhecimentos. No entanto a aula não começou como estava previsto, pois quando eu estava a ir para a sala de aula (ainda não estava na hora da aula) um dos alunos veio contra mim e notei risos por parte de outros alunos que lá estavam. Na altura não sabia o que fazer, mas depois pensei que a melhor atitude seria repreendê-los quando a aula começasse e foi assim que eu fiz. O professor Domingos Isabelinho disse-me que foi uma boa atitude porque se deixasse passar o mau comportamento dos alunos, eles nunca me teriam respeito. Depois disto comecei a aula um pouco nervosa, mas aos poucos fui descontraindo mais e a aula desenvolveu-se naturalmente. O tema da aula foi o Retrato de corpo inteiro (Corpo humano). Depois da apresentação do power point e da explicação sobre o tema, os alunos tinham de desenhar os colegas. Todos os alunos realizaram o exercício com empenho (figura 6), no entanto houve mais alguns problemas durante a aula. Um dos problemas foi relativamente à disposição da sala, que não estava bem pensada para este tipo de exercício, portanto os alunos começaram a arrastar as mesas para poderem observar melhor o colega que estava a servir de modelo. A disposição da sala é muito importante, pois quando pensamos num exercício temos de adaptá-lo às necessidades da turma. O outro problema foi que muitos dos alunos não fizeram o exercício de acordo com o que lhes foi ensinado na primeira parte da aula (começar a desenhar o corpo humano pelo esqueleto).

Durante esta aula notei alguma agitação por parte dos alunos, talvez por ser uma aula em que tinham de se movimentar pela sala ou por simplesmente esta aula ter sido após o intervalo para almoço, no entanto nada que não fosse normal noutra turma qualquer de 12º ano.

Posso concluir que a aula decorreu conforme a planificação realizada, pois os alunos realizaram o exercício no tempo proposto, no entanto surgiram alguns problemas que me alertaram para futuras aulas.



Figura 6. Retrato de corpo inteiro realizado por um dos alunos

9.3.2.Segunda Aula

No dia 10 de Novembro de 2011 lecionei a minha segunda aula à turma do 12º ano. Esta aula foi a continuação da aula anterior lecionada pelo meu par pedagógico à turma. Durante a aula anterior os alunos tinham assistido a um vídeo sobre diferentes movimentos artísticos e posteriormente desenharam o retrato de um artista conhecido baseado no Realismo. Nesta aula teriam de continuar este exercício de acordo com os movimentos abordados na aula anterior. No início da aula fiz uma pequena revisão acerca das principais características do Expressionismo e do Cubismo. Todos os alunos estavam empenhados com o exercício. Começaram então a realizar o exercício inspirado no Expressionismo a partir da imagem S. João Batista de Caravaggio (figura 7). Ao longo da execução deste exercício notou-se alguma dificuldade por parte dos alunos, pois era um exercício que requeria alguma criatividade. Os alunos solicitaram bastante a minha ajuda ao longo do exercício o que demonstrou também pouca autonomia por parte dos mesmos. No entanto todos os alunos realizaram o exercício com otimismo.

Durante a aula os alunos demonstraram uma boa relação aluno- aluno e professor- aluno. O comportamento da turma considerou-se bastante favorável ao longo da aula, facilitando assim todo o processo de ensino- aprendizagem.

Posso concluir que a aula decorreu conforme a planificação realizada, pois os alunos realizaram o exercício inspirado no Expressionismo no tempo proposto.



Figura 7. S. João Batista de Caravaggio



Figura 8. Trabalho de um dos alunos inspirado no expressionismo

9.4. Análise crítica das aulas individuais

Relativamente às aulas lecionadas individualmente, considero que consegui cumprir os objetivos de acordo com os planos de aula. No entanto existiram alguns pontos negativos durante as minhas aulas nomeadamente, não ter pensado na disposição da sala para o tipo de exercício proposto ou não me ter imposto mais com os alunos quando observei que eles não estavam a realizar o exercício como lhes foi proposto. Ocorreram então algumas falhas quanto à prestação na sala de aula. No entanto, é de lembrar que isto aconteceu devido à falta de experiência e só poderá ser colmatado com uma prática pedagógica assídua.

Relativamente aos conteúdos lecionados, considero que foram transmitidos da melhor forma de modo a que todos os alunos adquirissem os conhecimentos pretendidos. Em relação aos alunos, durante estas aulas estes estiveram um pouco mais agitados relativamente à aula lecionada em grupo, no entanto todos os alunos realizaram os exercícios com empenho e motivação.

Para concluir considero que durante estas aulas lecionadas individualmente houve pontos positivos e pontos negativos.

9.5. Aula assistida

No dia 7 de Dezembro de 2011 lecionei a minha aula assistida. Preparei a aula com bastante antecedência para me sentir confiante acerca dos meus conhecimentos. De acordo com a professora Ana Mateus abordar o tema Natureza morta seria o mais apropriado para aquela aula, visto que os alunos tinham feito uma visita de estudo à Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa onde puderam observar a grande exposição denominada *A Perspetiva das Coisas: A Natureza-Morta*. Portanto de acordo com tudo isto foi assim que sucedeu. Durante a aula assistida foram abordados alguns artistas (e as suas obras) que representaram Natureza-morta através de um power point. A aula decorreu fluentemente pois os alunos participaram bastante mostrando interesse pelo tema. Posteriormente os alunos teriam de desenhar à vista alguns objetos que estavam dispostos sobre uma mesa (figura 9). A turma mostrou-se motivada e empenhada ao longo do exercício. Durante a aula fui auxiliando todos os alunos de acordo com as necessidades dos mesmos. Notei alguma falta de prática e de técnica de desenho pela turma sendo necessário muita atenção e auxílio da minha parte.

Em geral as maiores dificuldades encontradas pela turma durante este exercício foram dificuldades na visualização dos objetos no espaço originando algumas vezes proporções erradas dos mesmos. No entanto, através do meu auxílio, os alunos foram melhorando ao longo da aula. No final do exercício surgiram alguns trabalhos bastante bem conseguidos.



Figura 9. Natureza- morta



Figura 10. Aula assistida

9.5.1. Análise crítica da aula assistida

Relativamente à aula assistida, considero que houve uma grande evolução em relação à minha atitude, senti-me mais confiante e a aula decorreu de forma favorável, de acordo com a planificação proposta.

Durante a aula, os alunos demonstraram bom comportamento e participaram sempre que lhes foi solicitado e quando surgiu alguma dúvida.

Em relação ao exercício proposto todos os alunos mostraram-se motivados e empenhados, no entanto revelaram algumas dificuldades na sua execução, sendo necessário bastante auxílio da minha parte. Ao longo da aula os alunos foram aperfeiçoando os seus trabalhos e no final surgiram até alguns bastante interessantes.

9.6. Análise do trabalho dos alunos

Durante as sete aulas lecionadas por mim e pelo meu par pedagógico os alunos desenvolveram diferentes exercícios de acordo com as planificações criadas por nós (apêndice 1) e com a planificação a longo prazo desenvolvida pelo núcleo disciplinar respetivo. Durante estas aulas os alunos deveriam desenvolver capacidades de observação e registo com elevado poder de análise, aplicar procedimentos e técnicas com correção e adequação, conceber mensagens criativas, desenvolver consciência histórica e cultural, desenvolver capacidades de observação, interrogação e interpretação, desenvolver capacidade estética, promover métodos de trabalho individual e desenvolver capacidades de representação, expressão e comunicação.

No geral a turma 12º F desenvolveu algumas das capacidades referidas, demonstrando interesse e empenho. No entanto uma grande parte dos alunos revela dificuldades, nomeadamente em: noção das proporções, tempo da realização dos esboços, enquadramento da composição na folha, criatividade, etc.

Relativamente aos registos, exploraram vários materiais procurando diversificar resultados. Alguns dos materiais foram grafite, pastel, lápis de cor, caneta de feltro, marcadores, etc.

9.7.Avaliação

No que diz respeito à avaliação, o grupo disciplinar da escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel estabeleceu os critérios de avaliação desta disciplina (anexo 1) tendo por base os objetivos do programa de Desenho A. Deste modo, para avaliarmos os alunos durante as nossas aulas de estágio, eu e o meu par pedagógico elaborámos critérios de avaliação tendo em conta os critérios estipulados pelo grupo disciplinar, criando grelhas de avaliação e estipulando os critérios adequados aos exercícios das nossas aulas, atribuindo as percentagens devidas.

A avaliação dos trabalhos dos alunos foi realizada eficazmente pelo meu núcleo de estágio (apêndice 4 e 5). Tivemos assim a oportunidade de perceber como funciona todo o processo de avaliação.

10.Projeto desenvolvido para a comunidade escolar

10.1.Proposta de Logótipo para a Escola

Durante o período do estágio foi proposto que o meu núcleo de estágio desenvolvesse o projeto para a comunidade escolar. Foi então que eu e o meu par pedagógico propusemos realizar propostas de novos logótipos para a Escola, já que o professor cooperante Domingos Isabelinho nos tinha referido que o logótipo atual tinha sido realizado por alguns alunos da escola, demonstrando um design já algo ultrapassado. Após a realização de algumas propostas escolhemos a proposta final do logotipo em consenso com o professor Domingos Isabelinho.

Descrição do projeto

O logótipo criado é pautado pela originalidade através da forma e do tipo de letra usado. Pretendemos através do nosso contributo modernizar a marca da Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel, torná-la irreverente, dinâmica e principalmente contemporânea.

O logótipo é constituído por duas partes: Elemento gráfico simbólico a cores e descrição da natureza do projeto (nome e localidade da escola) em equilíbrio com o elemento gráfico.

O elemento gráfico é complementar e indissociável da informação escrita. A sua conceção e desenho teve como base aspetos importantes relativos à história da cidade e à lenda da Rainha Santa Isabel. O elemento gráfico representa um conjunto de elementos semióticos com um claro equilíbrio estético, onde podemos encontrar a coroa da rainha e uma das rosas retratadas na lenda *O Milagre das Rosas da Rainha Santa Isabel*.

As cores utilizadas no logótipo são o Verde que simboliza a paisagem alentejana (natureza), Harmonia e Crescimento, o Vermelho Escuro que simboliza as rosas do milagre da rainha, a força e a liderança.

No logótipo o nome da cidade aparece incorporado com o elemento gráfico em letras maiúsculas, dando ênfase à cidade. Já que o nome da Escola provém essencialmente de acontecimentos ocorridos nesta cidade ao longo da história.

O nome da escola encontra-se no canto inferior direito do logótipo, em pleno equilíbrio estético, com o objetivo de divulgar a verdadeira natureza do projeto. No entanto, o lettering apresenta-se numa escala reduzida em relação ao logótipo, deixando-o contar por si a própria história.

Nas imagens abaixo podemos observar o logótipo atual da Escola e a proposta do logótipo realizada pelo meu núcleo de estágio. Posteriormente a nossa proposta de logótipo foi publicada no número 33 da revista da escola denominada *Notícias da Rainha* (apêndice 7).



Figura 11. Logótipo actual da escola



Figura 12. Proposta de Logótipo

Segunda fase da prática pedagógica: 2º Semestre

11.Introdução

A segunda fase da prática pedagógica decorreu no ano letivo 2011/2012 na Escola Básica 2,3/ S Cunha Rivara de Arraiolos. O núcleo de estágio manteve-se o mesmo relativamente ao 1º semestre. Os nossos professores foram o professor cooperante Luís Silva (professor de Educação Visual na Escola Básica 2,3/ S Cunha Rivara de Arraiolos) e o professor supervisor Tomás Ferreira (professor de Pintura, Desenho e Comunicação Visual no Departamento de Artes e Design da Universidade de Évora).

Estes dois professores tiveram um papel fundamental ao longo do estágio, no entanto, o professor Luís Silva foi quem acompanhou todo o estágio ao longo deste 2º semestre, observou de perto as minhas principais dificuldades e me ajudou a superá-las.

A disciplina lecionada no estágio foi Educação Visual à turma D do 7º ano.

Com todos os parâmetros definidos estava pronta para iniciar novamente a prática pedagógica, é esta segunda fase que pretendo descrever ao longo desta última parte do relatório de estágio. Começarei então por fazer novamente uma breve apresentação da Escola onde a prática pedagógica foi realizada, efetuando uma análise crítica sobre a mesma. Seguidamente abordarei algumas questões relativamente à disciplina lecionada no estágio. Descreverei o impacto que teve em mim esta segunda fase da prática de ensino supervisionada, referindo as minhas principais dificuldades e virtudes ao longo do estágio. Abordarei o projeto denominado *Arte Pública* desenvolvido com a turma e analisarei o seu desempenho. Por fim, e como os trabalhos desenvolvidos para a comunidade escolar são fundamentais para uma maior evolução escolar, foi criado um projeto pela turma de estágio que vai de encontro ao tema do relatório da minha colega de estágio, *Retrato*. Todos estes pontos serão desenvolvidos abaixo, na abordagem a esta segunda fase da Prática Pedagógica.

12.Caracterização da escola



Figura13. Monoblocos de Arraiolos

A Escola EB 2,3/S Cunha Rivara de Arraiolos situa-se no distrito de Évora e faz parte do Agrupamento de escolas de Arraiolos juntamente com outras escolas e Jardins de Infância, nomeadamente: EB 1 de S. Pedro Gafanhoeira, EB 1 Santana do Campo, EB 1 de Arraiolos, EB 1 lhas, EB 1 de Igreja, EB 1 de Vimieiro, EB1 Sabugueiro, JI Sabugueiro e JI S. Pedro da Gafanhoeira e JI Igreja.

Durante o período da PES a escola EB 2,3/S Cunha Rivara (escola onde decorreu o presente estágio) esteve em reconstrução, sendo que as aulas decorreram em monoblocos situados a poucos metros da nova escola. Apesar desta limitação os monoblocos possuíam ótimas condições e dispunham de todos os recursos materiais necessários à prática de ensino.

Quando entrei na escola pela primeira vez senti-me confortável, apesar de fisicamente não aparentar ser uma escola como as outras, transmitia um ambiente agradável e reconfortante.

12.1.Caracterização do meio envolvente

Arraiolos é uma vila do Alto Alentejo, situada no distrito de Évora, a 136 km de Lisboa, 95Km de Espanha e a 22 km de Évora. Tem uma posição geográfica privilegiada que lhe confere potencialidades turísticas acrescidas, considerando todo o seu património cultural, arquitetónico e artístico. Integrado quase na totalidade na bacia hidrográfica do Tejo, com as ribeiras do Divor e de Tera a constituírem os seus principais cursos de água, Arraiolos é hoje um concelho rural de 2ª ordem, com uma população de 7616 habitantes, (segundo censos de 2001), com 684,08 Km², cerca de 9,45% da área do Alentejo Central, repartidos por sete freguesias. O nosso concelho sofre as consequências da sua interioridade, apresentando uma densidade populacional inferior (12 habitantes/Km²) à média do Alentejo (20 habitantes/Km²).

A partir de 1940, o concelho entra em fase de regressão populacional. Na última década, registou-se o menor decréscimo populacional de todo o período, o que revela uma tendência para uma estabilização. Como ponto forte do concelho verifica-se as entradas de imigrantes e de efetivos populacionais de outros.

Relativamente à estrutura económica a taxa de desemprego do concelho em 2001, à semelhança de 1991 continua a ser inferior à média regional, embora tenha sofrido uma evolução relativamente à média nacional situando-se em 7,1% enquanto a nacional é de 6,8% (censos 2001).

Em relação ao grau de escolaridade da população o concelho debate-se com dificuldades, tendo uma taxa de analfabetismo elevada e com algum abandono escolar. De acordo com os dados referidos no projeto educativo da escola, 40,7% da população possui apenas o 1º ciclo e 20,35% não possui qualquer grau de escolaridade. Tais indicadores carecem de resposta integrada com aplicação de medidas eficazes para garantir o direito constitucional dos portugueses à educação.

12.2.Dimensão física: Espaços interiores e Exteriores da Escola

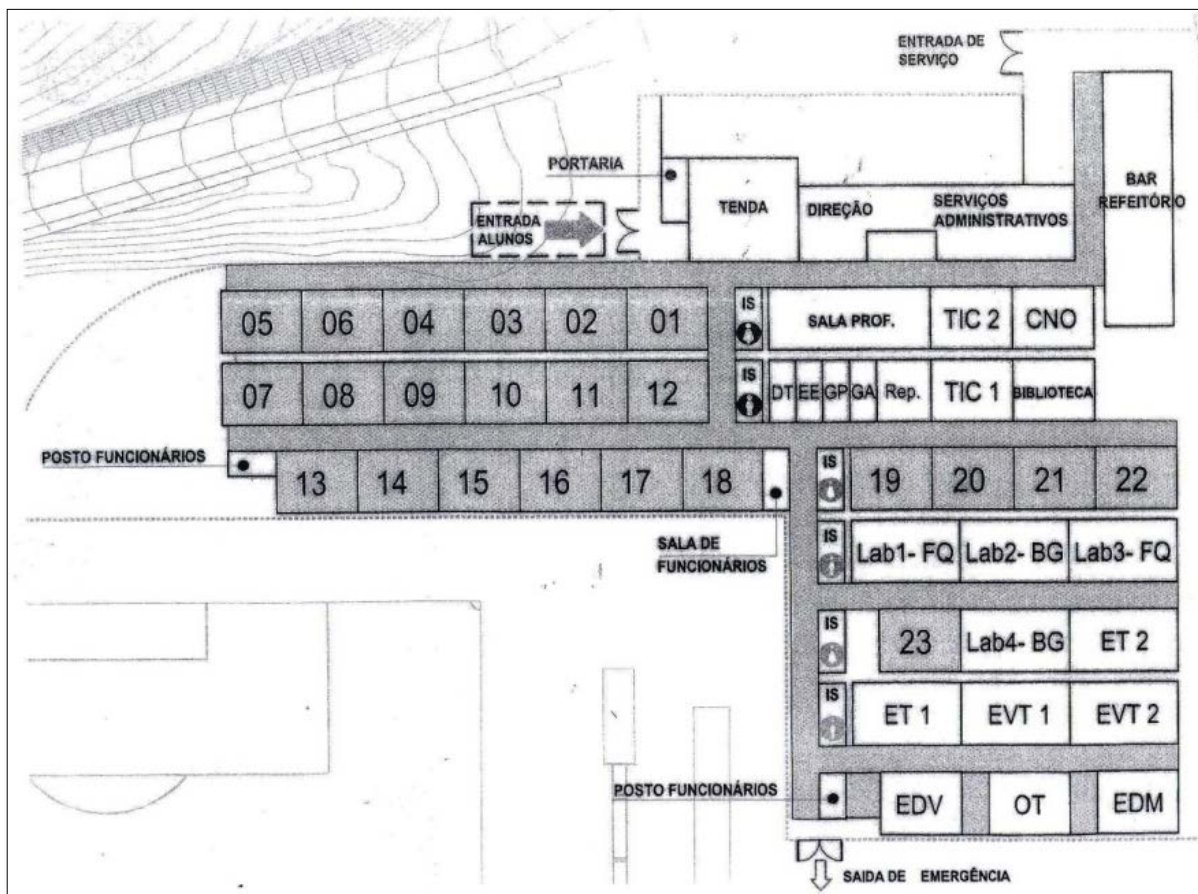


Figura 14. Planta dos Monoblocos

Legendas- Monoblocos:

SALA PROF.- Sala de professores

CNO- Centro das novas oportunidades

TIC1- Sala de Informática 1

TIC2- Sala de Informática 2



IS-IS Prof. Femininos



IS Alunos Femininos



IS-IS Prof. Masculinos



IS Alunos Masculinos

LAB 1-FQ laboratório de física e Química

LAB2-BG Laboratório de Biologia e Geologia

LAB3- FQ- laboratório de física e Química

LAB4-BG Laboratório de Biologia e Geologia

DT-Sala de Diretores de Turma

EE-Ensino Especial

GP-Gabinete de Psicologia /GSSBE

GA-Gabinete de Apoio ao aluno/sala EFA

REP- Reprografia/Papelaria

EDV-Sala de Educação Visual

OT-Sala de oficina de teatro

EDM-Sala de Educação Musical

ET1 e ET2- Sala de Educação Tecnológica

EVT1 e EVT2- Sala de Educação Visual e Tecnológica

1-23 - Salas de aula

12.3. Avaliação da Escola

Relativamente à avaliação realizada pelo Departamento de Auto-avaliação da CAP, em 2009, acerca do agrupamento de escolas de Arraiolos, consideram-se algumas conclusões. Existem portanto diversos pontos fortes e pontos fracos a melhorar neste agrupamento relativamente aos critérios: liderança, Planeamento e Estratégia, Pessoas, Parcerias e Recursos, Processos, Resultados orientados para os cidadãos/clientes, Resultados relativos às pessoas, Impacto na sociedade e Resultados do Desempenho-chave.

Alguns dos pontos fortes deste agrupamento são:

- O empenho do Conselho Executivo na melhoria da qualidade do Agrupamento nas suas várias vertentes;
- Um plano Anual de atividades diversificado;
- O empenho do pessoal docente e preocupação com o sucesso dos alunos;
- O investimento em TIC e sua frequente utilização pelo pessoal docente e pelos serviços administrativos;

- A maioria do pessoal não docente aplica as decisões e orientações dos órgãos de gestão de modo a atingirem os objetivos definidos;
- Boas relações entre todos os elementos da comunidade educativa do Agrupamento;
- Disponibilização na plataforma moodle do Projeto Educativo, Plano Anual de Atividades e Regulamento Interno;
- Articulação com associações e colectividades;
- Melhoria da posição da escola sede no Ranking.

Em relação aos pontos a melhorar do Agrupamento de escolas de Arraiolos consideram-se:

- Realização de reuniões/ações de informação mais frequentes com todos os intervenientes do processo educativo;
- Melhoria da articulação entre os diversos ciclos e níveis de ensino;
- Promover uma cultura de avaliação e aperfeiçoamento contínuo do desempenho dos profissionais do Agrupamento, identificando os aspetos mais fracos e as áreas prioritárias para a melhoria do seu desempenho;
- Mover esforços para a manutenção/conservação dos espaços e equipamentos do Agrupamento;
- Melhorar a avaliação das atividades extracurriculares e de enriquecimento curricular;
- Potenciar o contributo dos alunos para a conservação e higiene das instalações da sua escola;
- Sensibilização dos encarregados de educação para uma participação mais ativa na vida escolar;
- Redução dos casos de indisciplina.

Estes são alguns dos pontos considerados como positivos e menos positivos do Agrupamento de escolas de Arraiolos. Na minha opinião considero relativamente ao que pude observar durante a minha curta prática de ensino na Escola EB 2,3/S Cunha Rivara de Arraiolos que esta escola detém essencialmente aspetos positivos, tendo em conta o pessoal docente e não docente, os alunos e todo meio envolvente.

12.4.Caracterização da turma

A turma 7º D é composta por 19 alunos, sendo 5 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. A maior parte dos alunos são oriundos de famílias estruturadas mas com um nível socioeconómico médio. Na generalidade, a relação dos encarregados de educação com a escola é boa, demonstrando interesse pelo bem-estar dos seus educandos. Relativamente às habilitações dos pais dos alunos, segundo os dados fornecidos pelo professor Luís Silva, todos possuem habilitações, a maioria dos pais tem o 2ºciclo ou o ensino secundário. A maioria dos pais desempenha funções no setor terciário (serviços). Existem dois alunos oriundos de outros países, um deles da China e outro da Roménia. O aluno chinês é um aluno problemático que requer bastante atenção e auxílio. Este aluno é capacitado a nível cognitivo, no entanto é um aluno revoltado, que tem diversos problemas familiares (inclusive monetários). Tudo isto traz diversas problemas a nível escolar, pois falta inúmeras vezes às aulas, acabando mesmo por estar em risco de não transitar de ano. Apesar disto a turma em geral revela-se calma e afável, disposta a colaborar em todos os exercícios propostos.

Estudo realizado apenas a 15 dos alunos, os restantes 4 alunos não compareceram no dia do inquérito.

Perfil da Turma			
Alunos	Número de Alunos	Sexo Feminino	5
		Sexo Masculino	10
		Moram em Arraiolos	5
		Vivem com os pais	14
		Que gostam de estudar	9
		Que gostam da escola	9

		Cuja disciplina preferida é Educação Visual	3
		Cuja disciplina que menos gostam é Educação Visual	5
		Que preferem ver dinamizadas nas aulas atividades em grupo	15
		Cuja mãe é encarregada de educação	15
		Que ficaram retidos no ano letivo anterior	1
		Que já ficaram retidos anteriormente	3
		Que pretendem prosseguir com os estudos: - Até ao Ensino Superior	10
	Saúde	Dificuldades Visuais	1
		Asma	2
		Alergias	7
		Sinusite	1
		Dislexia	1
	Fatores que contribuem para o insucesso escolar	Linguagem dos professores	8
		Falta de hábitos de estudo	11
		Esclarecimento de dúvidas	7
		Matérias/conteúdos difíceis	6

Agregado Familiar		Rapidez no tratamento dos assuntos	10
		Indisciplina na sala de aula	11
		Falta de atenção/ concentração	15
		Esquecimento rápido do que foi trabalhado	6
		Desinteresse pela disciplina	9
		Antipatia do professor	5
		Antipatia pelo professor	8
		Mudança de professores	9
	Atividades de tempos livres	Desporto	7
		Ver televisão	4
		Ler	2
		Jogar PS3	1
		Dançar	1
	Habilitações do pais	Sem habilitações	0
		1º ciclo	5
		2º ciclo	8
		3º ciclo	6
		Secundário	7
		Curso Superior	3

	Setor em que se insere a atividade profissional do encarregado de educação	Setor primário (Agricultura)	1
		Setor terciário (Serviços)	11
		Desempregado	3

Tabela 10. Perfil da Turma 7º D

12.5. Caracterização da sala

Este período da prática docente realizou-se em monoblocos já que a Escola EB 2,3/S Cunha Rivara de Arraiolos está em reconstrução. A sala de aula EV foi onde se realizou o presente estágio, sendo a única sala disponível para o desenvolvimento desta disciplina. É uma sala de pequenas dimensões mas bastante agradável. A sala de aula dispõe de vinte e oito mesas, vinte e sete cadeiras, três armários, um quadro branco, um retroprojektor, uma tela e um aparelho de ar condicionado. A sala tem também seis janelas laterais, permitindo muita claridade ao espaço sala de aula. As mesas estão dispostas desenvolvendo três filas permitindo ao professor circular pela sala auxiliando os alunos.

Na minha opinião, apesar das pequenas dimensões da sala de aula existem diversos pontos positivos, como por exemplo, seis janelas com estores, podendo dar claridade à sala ou escurecê-la quando é necessário e uma ótima temperatura através do ar condicionado.

Na minha opinião a sala possui todos os recursos necessários ao bom funcionamento sala de aula. Apesar de se inserir em monoblocos reúne todas as condições.

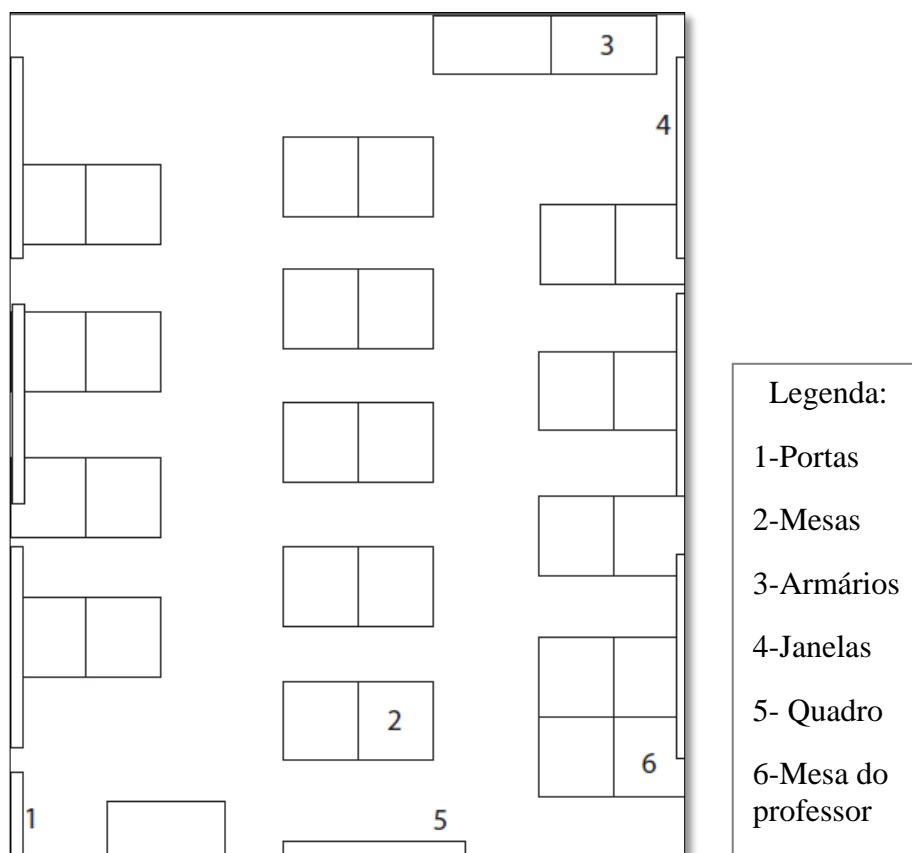


Figura 15. Planta da Sala de Educação Visual

13.Caracterização da disciplina de Educação Visual

13.1.Caracterização do programa da disciplina

“A integração da disciplina de Educação Visual numa área de Educação Artística situa-a nos domínios concretos da expressão Plástica e do Desenho, entendido este como uma escrita visual de uma linguagem específica das artes plásticas. A Educação Visual é uma disciplina fundamental para a Educação global do cidadão.” (Departamento da Educação Básica, s.d.)

A disciplina de Educação Visual tem a capacidade de desenvolver diversas capacidades no cidadão, tanto capacidades de comunicação como capacidades de interpretação. Esta disciplina está, de acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico ligada à Arte.

“As artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive.” (Departamento de Educação Básica, s.d., p.149).

A disciplina de Educação Visual pode desenvolver diversas áreas como: o desenho, a pintura, a escultura, o design, entre outros. Sendo normalmente o desenho a área mais explorada, através do desenho livre, do desenho de um objeto, etc.

O programa de Educação Visual engloba os três ciclos do ensino básico: 7º, 8º e 9º ano. Neste estão descritos os conteúdos e os resultados pretendidos. Ao longo do mesmo são então descritas as competências gerais da disciplina de Educação Visual que são: a apropriação das linguagens elementares da arte e a capacidade de expressão e comunicação, entendendo a arte como parte significativa do património cultural da Humanidade. Esta disciplina tem a capacidade de incentivar as capacidades resultantes da interação de múltiplas inteligências, recorrendo muitas vezes ao uso das tecnologias de informação.

Em relação às competências específicas estas dividem-se em vários campos e têm como objetivo um maior desenvolvimento do indivíduo. Estes campos são: fruição-contemplação, produção- criação e reflexão- interpretação.

No primeiro campo fruição-contemplação o aluno deve: Reconhecer a importância das artes como valor cultural indispensável ao desenvolvimento do ser humano; Reconhecer a importância do espaço natural e construído, público e privado, conhecer o património artístico, cultural e natural da sua região, como um valor da afirmação da identidade nacional e encarar a sua preservação como um dever cívico; Identificar e relacionar as diferentes manifestações das Artes Visuais no seu contexto histórico e sociocultural de âmbito nacional e internacional; Reconhecer e dar valor a formas artísticas de diferentes culturas, identificando o universal e o particular.

No segundo campo produção-criação o aluno deve: Utilizar diferentes meios expressivos de representação; Compreender e utilizar diferentes modos de dar forma baseados na observação das criações da natureza e do homem; Realizar produções plásticas usando os

elementos da comunicação e da forma visual; Usar diferentes tecnologias da imagem na realização plástica; Interpretar os significados expressivos e comunicativos das Artes Visuais e os processos subjacentes.

No último campo Reflexão- Interpretação o aluno deve: Reconhecer a permanente necessidade de desenvolver a criatividade de modo a integrar novos saberes; Desenvolver o sentido de apreciação estética e artística do mundo recorrendo a referências e a experiências no âmbito das Artes Visuais; Compreender mensagens visuais expressas em diversos códigos; Analisar criticamente os valores de consumo veiculados nas mensagens visuais; Conhecer os conceitos e terminologias das Artes Visuais.

Fazem parte desta disciplina cinco conteúdos programáticos destinados aos três anos do 3º ciclo, como a comunicação, o espaço, a estrutura, a forma e a luz-cor. Estes devem ser desenvolvidos de forma clara com o objetivo de que todos os alunos entendam os conteúdos.

O professor desta disciplina deve incentivar os alunos a explorarem diferentes meios de expressão, proporcionando assim novas aprendizagens.

14. Formação Pedagógica

14.1. Observação das aulas do orientador pedagógico

Durante esta segunda fase da prática de ensino tive a oportunidade de observar várias aulas de Educação Visual lecionadas pelo professor cooperante Luís Silva. Notei muito à vontade por parte do mesmo perante a turma, existe portanto um ótimo relacionamento professor-aluno. O professor demonstra alguma autoridade necessária perante a turma já que é uma turma do 7ºano (agitada como é normal desta faixa etária). O professor consegue mostrar este lado mais austero mas também sorri e “brinca” com os alunos quando sente que o deve fazer, nota-se que trabalha com prazer. Os alunos demonstram respeito e admiração pelo professor, solicitando sempre a sua ajuda para tudo o que necessitam já que o professor além de lecionar a disciplina de Educação Visual é também diretor de turma destes alunos do 7º ano. Sendo assim, penso que estão reunidas todas as condições necessárias para que as aulas corram da melhor forma desenvolvendo um ótimo processo ensino-aprendizagem.

Relativamente à turma nota-se uma grande humildade e entreaajuda entre os alunos, existe uma ótima relação aluno-aluno.

Através da observação das aulas do professor Luís Silva aprendi as várias formas de lidar com alunos deste nível etário. Aprendi também que, apesar dos vários anos de experiência que possamos ter, é possível ter a energia, a força e o gosto pela profissão sempre.

14.2.Observação das aulas da colega em estágio

Durante esta segunda fase da prática de ensino supervisionada o professor Luís Silva achou por bem que as aulas fossem lecionadas em grupo, portanto, ao contrário do semestre anterior (em que só houve uma aula em grupo), agora tinha de haver uma cooperação total no entre o meu núcleo de estágio.

Observar a colega em estágio Vânia Silva foi muito importante ao longo da minha prática de ensino supervisionada. Ao observá-la notei uma grande evolução desde a sua primeira experiência de ensino no 1º semestre até agora. Apesar de ainda existirem algumas dificuldades (devido à falta de experiência) são notórias as barreiras ultrapassadas pelo meu par pedagógico ao longo deste percurso.

O nervosismo que senti ao observar as aulas da minha colega no primeiro semestre foi ultrapassado nesta segunda fase, pois sentia-a mais confiante e feliz com aquilo que estava a fazer. Relativamente à opinião dos professores orientadores, estes não fizeram críticas à prática de ensino do meu par pedagógico.

Penso que tudo correu da melhor forma, a minha colega desenvolveu os conteúdos com clareza e prontificou-se a auxiliar os alunos sempre que foi necessário.

Em relação à cooperação entre o meu núcleo de estágio houve uma grande entreaajuda e espírito de equipa, necessários a quem trabalha em conjunto.

Posso concluir assim que as aulas do meu par pedagógico se desenvolveram da melhor forma, cumprindo toda a planificação proposta.

15.Ação didática e pedagógica

15.1.Atividades desenvolvidas com a turma

Durante o estágio foram desenvolvidas algumas atividades com os alunos tendo por base o programa da disciplina de Educação Visual. De acordo com o tema *Arte Pública* que eu desenvolvi na primeira parte deste relatório de estágio, foi acordado que os alunos fizessem um projeto relacionado com o mesmo tema. No entanto, como havia uma situação de bullying na turma, o professor propôs-nos que inseríssemos este tema também ao longo do projeto.

Teríamos então de desenvolver um projeto que inserisse os temas Arte Pública, Bullying e que estivesse também de acordo com os conteúdos (Forma e Luz-Cor) que os alunos estavam a desenvolver com o professor Luís Silva.

Após alguma reflexão sobre o projeto final com a turma, no qual teríamos de desenvolver as várias temáticas (Arte Pública, Bullying, Forma e Luz-Cor), chegámos a um consenso.

15.1.1.Descrição do projecto

Projeto denominado *Arte Pública*

1ª parte do projeto - Aulas 1,2 e 3

Temas: Forma, Bullying e Luz-Cor

- O projeto que desenvolvemos com a turma iniciou-se com a criação de algumas planificações geométricas (octaedros, tetraedros, icosaedros e hexaedros) numa cartolina branca.
- Posteriormente os alunos ilustraram as suas planificações com frases e desenhos sobre o tema Bullying. Para isso utilizaram a cor através de diferentes materiais (lápiz de cor, canetas de feltro, pastel, etc.).
- Após a finalização das planificações ilustradas, os alunos construíram os seus sólidos.

2ª parte do projeto – Aulas 4 e 5

Tema: Arte Pública

O segundo exercício teve a ver com a inserção dos sólidos realizados no espaço público. Eu e o par pedagógico tirámos várias fotografias a diferentes espaços públicos da vila de Arraiolos com o objetivo de que cada aluno tivesse uma imagem diferente. Antes de começar o exercício cada aluno tinha uma folha branca A4, uma folha de papel vegetal e uma fotografia em tamanho A4 de um espaço da vila.

- O exercício começou com a cópia da fotografia do espaço da vila de Arraiolos para a folha branca através do papel vegetal.
- Após todos os alunos terem já o seu espaço público desenhado, tiveram de desenhar no mesmo os vinte e três sólidos que tinham construído na última aula na disposição que achassem mais conveniente.

Por fim um dos espaços desenhados pelos alunos para a inserção dos sólidos foi o escolhido para o efeito.

15.2.Aulas de grupo

As aulas desta segunda fase da Prática de Ensino Supervisionada tiveram início no dia 1 de Fevereiro de 2012 e acabaram no dia 23 de Maio de 2012. Todas estas aulas foram lecionadas com empenho e motivação. Durante as primeiras aulas, os alunos realizaram diversos exercícios geométricos (polígonos, poliedros regulares, irregulares, etc.) e também um círculo cromático. Estes foram desenvolvidos de acordo com os conteúdos das Unidades 2 e 5 da planificação anual de Educação Visual da turma do 7º ano. Ao longo destas primeiras aulas o professor Luís Silva primeiramente abordava os conteúdos teóricos e, posteriormente, eu e o meu par pedagógico auxiliávamos a turma de acordo com as necessidades de cada aluno. Durante estas aulas tive a oportunidade de conhecer a turma, percebendo quais os alunos com maiores ou menores dificuldades. Estas primeiras aulas deram-me a oportunidade de criar laços com os alunos fomentando assim uma boa relação professor- aluno.

Entre os dias 11 de Abril e 23 de Maio de 2012 (durante cinco aulas) desenvolvi o meu projeto *Arte Pública* com os alunos. Estas foram lecionadas pelo meu núcleo de estágio

(aulas de grupo). Durante as primeiras aulas os alunos planificaram os poliedros assim como o proposto (figuras 16 e 17), solicitando-nos bastante auxílio. No dia 15 de maio de 2012 (durante a aula supervisionada) posteriormente a esta fase inicial do projeto os alunos passaram à fase mais criativa do projeto. A maioria dos alunos mostrou motivação e empenho ao longo do exercício, no entanto relativamente ao resultado dos trabalhos foi notória alguma falta de criatividade. Durante a fase final do projeto *Arte Pública* todos os alunos demonstraram interesse pelo tema, desenvolvendo com empenho o exercício proposto.



Figura 16. Desenho das planificações dos poliedros



Figura 17. Recorte das planificações dos poliedros

15.2.1. Análise crítica das aulas de grupo

As aulas lecionadas em grupo decorreram sem dificuldades relativamente à sua organização e desempenho. Existiu uma grande entreajuda e cooperação entre o meu núcleo de estágio com a intenção de contribuir para que toda a dinâmica de grupo funcionasse e que ocorresse um bom ambiente sala de aula.

As aulas decorreram com normalidade, tanto a nível teórico como a nível prático, acabando por serem cumpridas conforme as planificações realizadas.

Durante as aulas os alunos revelaram no geral bom comportamento e empenho na atividade que lhes foi proposta, no entanto notou-se alguma falta de autonomia devido ao constante auxílio solicitado pelos mesmos.

15.3.Aulas Assistidas

15.3.1.Primeira aula assistida

No dia 15 de Maio de 2011 lecionei a minha primeira aula assistida à turma do 7º ano da Escola EB 2,3/S Cunha Rivara de Arraiolos. A aula foi lecionada em grupo, como já foi referido anteriormente, e preparada com bastante antecedência pelo meu núcleo de estágio.

Durante esta primeira aula assistida foi abordado o tema Bullying, já que de acordo com o professor cooperante Luís Silva este tema deveria ser abordado pois existia uma aluna vítima de Bullying na turma. A aula iniciou com a apresentação de um powerpoint, onde expliquei o que é o Bullying e o Cyberbullying, bem como as suas principais diferenças. Enquanto apresentei o powerpoint fiz algumas questões aos alunos e estes prontificaram-se a responder. Na segunda parte do powerpoint o meu par pedagógico explicou que medidas devemos tomar se sofrermos de Bullying ou se conhecermos alguém que sofra de Bullying. Mostrou também alguns vídeos sobre o tema e interagiu com os alunos enquanto apresentava o powerpoint. Notou-se uma grande curiosidade dos alunos em saber mais sobre o tema, pois fizeram várias perguntas durante a apresentação. Posteriormente a esta segunda parte do powerpoint o meu par pedagógico explicou o exercício aos alunos. Este consistia na ilustração de frases e desenhos relacionados com o tema Bullying sobre as planificações dos poliedros que os alunos tinham elaborado durante as aulas anteriores. Os materiais que utilizaram foram vários: lápis de cor, canetas de feltro, pastel seco, entre outros. Durante a aula os alunos estiveram empenhados no exercício apesar de mostrarem alguma falta de criatividade. Recorreram à ajuda do meu núcleo de estágio constantemente, mostrando alguma falta de autonomia (que penso ser normal nesta faixa etária).

Em relação à minha atitude, senti uma grande evolução ao longo de todas as aulas, estava mais confiante e liberta. Todos os alunos colaboraram da melhor forma na execução do trabalho.

Os professores Luís Silva e Tomás Ferreira não fizeram críticas em relação a esta aula, penso que tudo correu de forma positiva.

Em suma a aula assistida decorreu com normalidade de acordo com a planificação proposta.

espaço público da vila de Arraiolos. Para isto era necessário que os alunos realizassem um esboço. Para a realização deste esboço cada aluno possuía uma folha branca A4, uma folha de papel vegetal A4, uma fotografia de um espaço público da vila em tamanho A4 e também alguns materiais riscadores como grafite, lápis de cor, etc. Primeiramente os alunos teriam de passar a imagem do espaço público para a folha A4 branca através do papel vegetal e posteriormente desenharem sobre a imagem desenhada os vinte e três poliedros.

No início os alunos tiveram alguma dificuldade na compreensão do exercício, mas depois realizaram-no sem problemas. Demoraram algum tempo a passar a imagem para o papel vegetal e estavam a fazê-lo com alguma desmotivação pois o cansaço também já se fazia sentir. A realização destas duas aulas no mesmo dia teve as suas vantagens já que houve uma maior aprendizagem dos alunos e uma continuação de um exercício para o outro, no entanto também provocou algum desgaste, tanto para os alunos como para o meu núcleo de estágio. Apesar de tudo isto a aula decorreu com normalidade. No final da aula todos os alunos preencheram um questionário no qual responderam a algumas questões sobre aquilo que aprenderam durante as duas aulas supervisionadas.

Relativamente à minha atitude durante a aula, senti-me à vontade perante a turma, com muita motivação e paciência para ensinar. Em relação à turma notou-se alguma agitação na última parte da aula, apesar disso, todos os alunos desenvolveram os exercícios propostos.

Os professores Luís Silva e Tomás Ferreira não fizeram críticas em relação a esta aula, penso que tudo correu de forma positiva.

Em suma, a aula assistida decorreu com normalidade de acordo com a planificação proposta.



Figura 19. Elaboração do esboço de um espaço público



Figura 20. Desenho do espaço público com inserção dos poliedros

15.4. Análise crítica das aulas assistidas

Relativamente às aulas assistidas, considero que decorreram de forma favorável, de acordo com a planificação proposta. Senti uma grande evolução em relação à minha atitude ao longo deste período da prática de ensino.

Durante as duas aulas os alunos demonstraram bom comportamento e participaram sempre que lhes foi solicitado e quando surgiu alguma dúvida.

Durante a primeira aula assistida, os alunos desenvolveram os exercícios de forma empenhada e motivada, no entanto, revelaram alguma falta de autonomia e criatividade pois solicitaram bastante o auxílio do meu núcleo de estágio.

Durante a segunda aula os alunos também desenvolveram o exercício de acordo com o que lhes foi proposto, no entanto, notou-se alguma desmotivação e cansaço por parte dos mesmos.

Comparando as duas aulas assistidas, considero que as duas se desenvolveram com fluidez, sendo que na segunda aula os alunos estavam mais cansados e desconcentrados.

15.5. Análise ao questionário realizado aos alunos

O questionário realizado aos alunos teve como finalidade ficar a conhecer o resultado das aulas lecionadas por mim e pelo meu par pedagógico (apêndice 9). Considero que a opinião dos alunos relativamente às minhas aulas é muito importante pois tem como objetivo o desenvolvimento de um método de ensino adequado à turma, facilitando assim um melhor trabalho em conjunto.

Relativamente às respostas dos alunos, a maioria referiu que aprendeu bastante sobre o tema *Arte Pública*, pois era um tema que os alunos não conheciam e também aprendeu mais sobre como defender-se de Bullying. De um modo geral, referiram que o que mais gostaram de fazer durante estas aulas foi o exercício em que tiveram de ilustrar a respetiva planificação com frases e desenhos sobre o tema Bullying e o que menos gostaram foi de passar o desenho de um espaço público da vila de Arraiolos para o papel vegetal. No entanto todos demonstraram gosto pelos exercícios desenvolvidos.

Em suma este questionário foi fundamental, pois o professor de hoje não deve ser simplesmente um transmissor de conhecimentos, deve ser também um constante aprendiz que ouve os alunos e aprende com eles.

15.6. Análise do trabalho dos alunos

Durante as cinco aulas lecionadas por mim e pelo meu par pedagógico os alunos desenvolveram o projeto *Arte Pública* de acordo com as planificações criadas por nós (apêndice 8) e com a planificação a longo prazo (anexo 4) desenvolvida pelo núcleo disciplinar respetivo. Durante estas aulas os alunos deveriam desenvolver capacidades de apropriação das linguagens elementares das artes, de expressão e comunicação,

desenvolver a criatividade e compreender as artes no contexto Arte Pública.

Relativamente aos registos, exploraram vários materiais procurando diversificar resultados. Alguns dos materiais foram grafite, pastel, lápis de cor, caneta de feltro, marcadores, etc.

Apesar da pouca autonomia e da pouca criatividade demonstradas pela turma, considero que através do auxílio prestado pelo meu núcleo de estágio surgiram alguns trabalhos bastante interessantes (apêndice 13).

No geral a turma 7º D acabou por desenvolver as capacidades pretendidas, demonstrando interesse e empenho.

15.7.Avaliação

Relativamente à avaliação, o grupo disciplinar da escola EB 2,3/S Cunha Rivara de Arraiolos estabeleceu os critérios de avaliação desta disciplina (anexo 3) tendo por base os objetivos do programa de Educação Visual. Deste modo, para avaliarmos os alunos durante as nossas aulas de estágio, eu e o meu par pedagógico elaboramos critérios de avaliação tendo em conta os critérios estipulados pelo grupo disciplinar, criando grelhas de avaliação e estipulando os critérios adequados ao projeto criado nas nossas aulas, atribuindo as percentagens devidas.

A avaliação dos trabalhos dos alunos foi realizada eficazmente pelo meu núcleo de estágio (apêndice 10 e 11). Tivemos assim a oportunidade de perceber como funciona todo o processo de avaliação.

15.8 Inserção dos trabalhos dos alunos no espaço público

Devido a diversas impossibilidades de colocar os sólidos realizados pelos alunos nos espaços públicos escolhidos para o efeito foi definido por nós e pelo professor cooperante Luís Silva que o produto final seria apresentado aos alunos através de fotografias. Foram portanto elaboradas pelo meu núcleo de estágio algumas montagens dos sólidos construídos pelos alunos em alguns espaços públicos, nomeadamente no corredor da nova escola de Arraiolos (que entretanto foi reconstruída e reaberta) e no Castelo de Arraiolos (espaço desenhado por um dos alunos para a inserção dos sólidos).

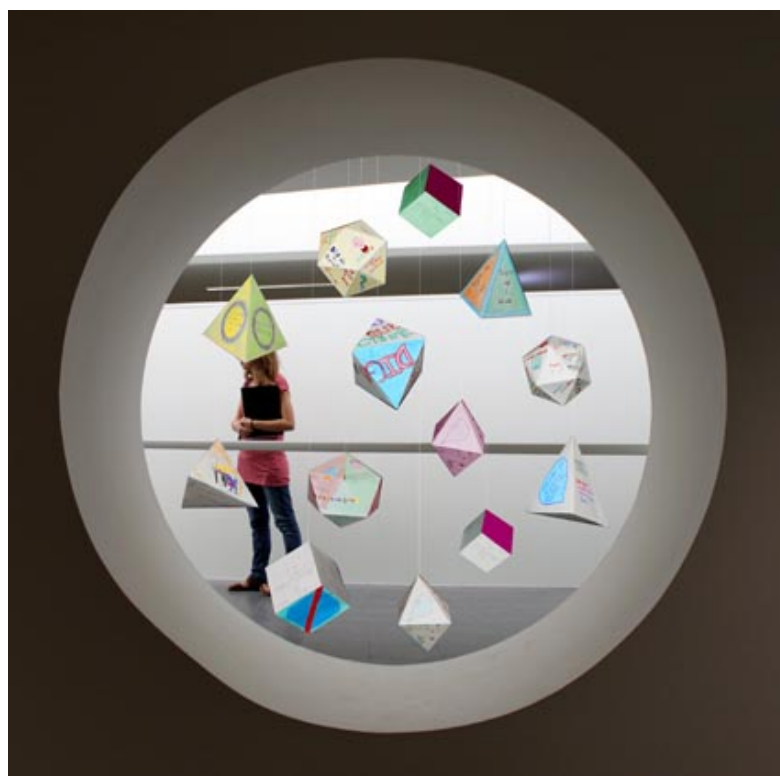


Figura 21. Inserção dos poliedros no corredor da nova escola de Arraiolos

16.Projeto desenvolvido para a comunidade escolar

16.1.Workshop: Retrato

Durante os dias 16 e 17 de Maio o meu núcleo de estágio desenvolveu um Workshop sobre o tema Retrato (figura 22), de acordo com o tema desenvolvido no relatório de estágio do meu par pedagógico. A maioria dos alunos que compareceu foram alunos da turma em estágio. Durante o Workshop este tema foi abordado por mim e pela minha colega de estágio, descrevendo um pouco da história do retrato e também alguns dos artistas que fizeram retratos como por exemplo Frida Kahlo e Vincent Van Gogh. Posteriormente a esta parte mais teórica, os alunos realizaram uma atividade bastante criativa que consistiu na elaboração dos seus autorretratos de forma não realista, ou seja, todos os alunos realizaram os seus auto-retratos tendo em conta as suas personalidades (ver enunciado do exercício no apêndice 14). Foi obrigatória a utilização da cor através de lápis de cor ou canetas de feltro). O exercício foi realizado por todos os alunos com empenho e motivação, o que fez com que surgissem alguns trabalhos interessantes (apêndice 15).



Figura 22. Cartaz realizado pelo meu núcleo de estágio

17. Análise Crítica do Estágio

Relativamente a este sistema de estágio, considero que o tempo de prática pedagógica é reduzido, deveria ser mais intensivo para que todos nós (mestrandos) possuíssemos uma maior preparação como futuros professores. Além de ser também pouco tempo para a realização de atividades mais elaboradas com os alunos.

Em relação à primeira parte da prática pedagógica é de louvar a disponibilidade e atenção prestada pelo professor cooperante Domingos Isabelinho, procurando sempre responder a dúvidas e questões colocadas pelo meu grupo relativamente à prática de ensino. É de referir que as reuniões em grupo realizadas pelo mesmo após todas as aulas lecionadas foram fundamentais, pois possibilitaram a discussão e análise das minhas aulas e das aulas da minha colega de estágio. Foram abordados os aspetos positivos e menos positivos das aulas e foram dadas sugestões relativamente a estratégias a adotar nas aulas. Todas estas reuniões foram bastante importantes para a progressão do meu grupo de estágio durante as aulas.

A professora de Desenho A Ana Mateus também teve um papel fundamental ao longo desta primeira experiência da prática de ensino, no entanto por vezes mostrou alguma falta de disponibilidade. Apesar disto considero que todos os professores tiveram um papel bastante importante ao longo do percurso da prática de ensino supervisionada.

Em relação à segunda parte da prática pedagógica, é de salientar o auxílio e atenção prestados pelo professor cooperante Luís Silva. O seu apoio foi sem dúvida uma mais valia ao longo desta última fase da prática de ensino.

No que concerne aos trabalhos realizados com as duas turmas, considero que se desenvolveram bem. Apesar das dificuldades apresentadas pelos alunos, todos realizaram os trabalhos propostos com empenho e motivação.

Enquanto futura professora aprendi que devemos incitar a criatividade nos alunos, encorajando-os a encarar a vida de forma criativa. Atualmente, nesta fase menos boa que atravessa o nosso país, são necessários jovens criativos, capazes de desenvolver projetos e ideias. Só assim se conseguirá alterar o panorama atual.

Relativamente à relação entre o meu grupo de estágio, considero que houve bastante entreajuda e companheirismo. Auxiliámo-nos principalmente fazendo críticas construtivas mutuamente com o objetivo de melhorar a prática de ensino de cada uma.

No geral, posso concluir que o estágio decorreu de forma positiva, ajudando-me a compreender a plenitude que é o ensino.

18. Considerações finais

Segundo Leonardo Santos (citado por Rodrigues, 2009) a Arte Pública “*pela sua localização "comum", torna-se obrigatoriamente um objeto de estudo por parte de todos aqueles que diariamente se cruzam com este tipo de criação, logo, uma preocupação por parte das instituições que têm responsabilidades na educação quer para a cultura, quer para o ensino da cidadania*”.

Durante a Prática de Ensino Supervisionada tive a oportunidade de abordar o tema *Arte Pública*, tendo em conta criações de artistas contemporâneos, procurando assim estimular nos alunos diferentes formas de sentir. Aprendi que através deste tema é possível desenvolver diferentes propostas de trabalho, proporcionando novas experiências aos

alunos, permitindo-lhes o contacto com novas técnicas, novos suportes e novos materiais. Segundo Morissete & Gingras (1999) é importante “*variar as técnicas e métodos pedagógicos, fazer com que os alunos passem por experiências tão ricas quanto possível (...)*”. Na minha opinião os alunos de hoje devem adquirir aprendizagens diversificadas, em diversos lugares e em diferentes contextos.

Durante as aulas lecionadas por mim, para que a informação transmitida aos alunos se tornasse eficaz foi necessário que eu estivesse convicta do conteúdo da minha própria mensagem. Considero que um professor deve preparar as suas aulas com antecedência de modo a sentir-se confiante em relação aos seus conhecimentos. No entanto, o professor não deve ser somente um transmissor de conhecimentos, mas deve também ouvir os seus alunos e incentivá-los na busca do conhecimento. Durante a prática de ensino, uma vez que as duas turmas eram de faixas etárias bastante díspares, foi necessário adaptar o meio de informação utilizado às capacidades de percepção de cada uma delas para que a mensagem correspondesse aos diferentes níveis de compreensão. Este processo foi bastante enriquecedor para mim enquanto futura professora, pois considero que um professor, para ser completo, deve saber lidar e ensinar alunos de diferentes faixas etárias.

Em relação aos conhecimentos adquiridos sobre os conteúdos abordados durante as aulas, considero que obtive não só algum conhecimento acerca do tema desenvolvido por mim, mas também sobre o tema desenvolvido pelo meu par pedagógico. A partilha de conhecimentos é muito importante, principalmente entre professores, pois só assim se consegue desenvolver um espaço de interação social privilegiado. No entanto, atualmente, esta interação entre docentes é cada vez mais rara. Na minha opinião existem vários fatores que contribuem para isto, como por exemplo, o excesso de autonomia dada aos professores, que faz com que cada professor se feche no seu trabalho, na sua sala. Isto deu lugar, hoje em dia, a um extremo questionamento do trabalho dos professores, o que deu origem ao processo de avaliação dos mesmos.

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada tive também a oportunidade de pôr em prática a minha filosofia de ensino, ensinando os alunos de forma a que estes não adquirissem somente conhecimentos do âmbito escolar, mas também que soubessem agir de forma correta em situações do quotidiano. Percebi também que a forma como o professor expõe os conteúdos deve ser criativa, pois os alunos de hoje sentem-se desmotivados com as formas de ensino tradicional. É portanto necessário que o professor

seja criativo, motivando os seus alunos todos os dias.

Através desta curta experiência de ensino pude pôr em prática diferentes conteúdos e perceber as dificuldades de cada aluno. Considero que o professor deve estar atento às necessidades de cada um, adotando as técnicas necessárias a cada situação, com o objetivo de que todos os alunos adquiram os conhecimentos pretendidos.

Relativamente ao meu núcleo de estágio, este procurou sempre desenvolver uma relação de entreajuda e companheirismo, o que facilitou bastante o período da Prática de Ensino Supervisionada.

Foi sem dúvida uma mais-valia para a minha carreira enquanto futura professora, ter lecionado, ainda que por pouco tempo, em duas escolas tão diferentes.

Em suma, o relatório da Prática de Ensino Supervisionada irá contribuir benéficamente para o meu futuro enquanto professora, ajudando-me a ser uma professora mais consciente, disponível a novas experiências e aprendizagens.

19. Referências bibliográficas

AA.VV. (s.d.). Arte pública Consultado em 24 de novembro de 2011. Disponível em http://www.multilingualarchive.com/ma/enwiki/pt/Public_art

AA.VV. (2010). Stencil. (Consultado em 24 de novembro de 2011. Disponível em <http://oventilador.org/2010/05/stencil-art>).

AA.VV. Street Art Utopia (s.d.) Consultado em 20 de novembro de 2011. Disponível em <http://www.facebook.com/streetartutopia>

Andrade, Pedro (2010), Arte Pública e estéticas sociais na urbanscape: Arte Pública *versus* arte privada? Alteridades artísticas urbanas e Web 2.0: Alteridades Artísticas urbanas marginais, in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp54, 56). Lisboa: Caleidoscópio.

Andrade, Pedro (2010), Arte Pública e estéticas sociais na urbanscape: Arte Pública *versus* arte privada?: Arte pública legítima, in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp52). Lisboa: Caleidoscópio.

Andrade, Pedro (2010), Arte Pública e estéticas sociais na urbanscape: Arte Pública *versus* arte privada? Alteridades artísticas urbanas e Web 2.0, O que é ou não é a arte pública?, in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp45). Lisboa: Caleidoscópio.

Andrade, Pedro (2010), Introdução: A (in) definição da arte pública, in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp14). Lisboa: Caleidoscópio.

Andrade, Pedro (2010), Introdução: Arte Pública: questões antigas, respostas novas, in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp15). Lisboa: Caleidoscópio.

- Andrade, Pedro (2010), Introdução: Perspetivas sobre arte pública, in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp26). Lisboa: Caleidoscópio.
- Barros, Gabriela de Angelis & Gasparin, João Luiz (2009) A Função Educativa da Arte, Consultado em 5 de janeiro de 2012. Disponível em http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2009/04.pdf
- Banksy (s.d). Site oficial. Consultado em 24 de novembro de 2011. Disponível em <http://www.banksy.co.uk/>
- Bastini, Fabiola (2007). *Arte Pública: Um olhar investigativo à educação patrimonial*. IA-UNESP. São Paulo. Consultado em 9 de janeiro de 2012. Disponível em http://www.artenaescola.org.br/pesquise_monografias_texto.php?id_m=22
- Brandão, P. & Remesar, A. (2003). *Design de espaço público: deslocação e proximidade*. Lisboa: Centro Português de Design.
- Costa, R. J. (2001). *Graffiti: um crime de arte?* Consultado em 9 de dezembro de 2011. Disponível em <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=106&doc=8534&mid=2>
- Cruz, Carla (2005). *Margens e Confluências, um olhar contemplativo das artes*. Edição nº 9. Guimarães: Escola Superior Artística do Porto, Extensão de Guimarães.
- Departamento da Educação Básica (s.d). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais* (pp.149) Ministério da Educação. Lisboa.. Consultado em 20 de maio de 2012. Disponível em <http://esna.ccbi.com.pt/file.php/1/LivroCompetenciasEssenciais.pdf>
- Departamento da Educação Básica, (s.d). *Educação Visual, Ajustamento do programa de Educação Visual 3º ciclo*. Consultado em 20 de maio de 2012. Disponível em <http://www.dgidec.minedu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=142>

Figueiredo, T. (2009) *Viver Lisboa*. Consultado em 4 de janeiro de 2012. Disponível em <http://www.viverlisboa.org/?p=4811>

Fevereiro, Nuno. (2007) *Pedras na Praça: Arte pública de João cutileiro*. Lisboa: C.M. Ed.

Ganz, Nicholas (2004) *Graffiti, Arte urbano de los cinco continentes*. Barcelona: Ed. Gustavo Gilli.

Marques, Carlos Almeida (2010), Políticas urbanas e arte no espaço público: Espaço público, comércio e Arte Pública, in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp130). Lisboa: Caleidoscópio.

Miles, M. et. al. (2010), *Arte Pública e Cidadania: Novas Leituras da cidade criativa*. Lisboa: Caleidoscópio.

Morissete, Dominique & Gingras, Maurice (1999). *Como Ensinar Atitudes Planificar, Intervir, Avaliar*. Lisboa: Práticas Pedagógicas. Edições Asa.

Oseki, Ana (2011). *Os desafios da arte na escola: considerações sobre a educação estética*. UNESP. São Paulo. Consultado em 9 de janeiro de 2012. Disponível em http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/ana_christina_hebe_lima_oseki.pdf

Pereira, José Fernandes (2005). *Dicionário de escultura portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Ramos, Artur et al. (2002) *Programa de Desenho A - Curso Científico - Humanístico de Artes Visuais*, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário, 2001. Consultado em 20 de maio de 2012. Disponível em www.dgdc.min-edu.pt/data/.../Programas/desenho_a_10.pdf

- Regatão, José Pedro Rangel dos Santos (2010). *A arte pública: E os novos desafios das intervenções no espaço urbano*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Belas Artes. Edição nº2. Lisboa: Books on Demand
- Remesar, Antoni & Brandão, Pedro (2010), Prólogo: o tema dos Temas e da Estética, in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp8-9). Lisboa: Caleidoscópio.
- Rodrigues, César (2009). *A Arte Pública como espelho da cidade*. Paralelo: magazine de ideias, cultura e lazer. Consultado em 27 de maio de 2012. Disponível em: http://www.paralelo33.com/index.php?option=com_content&view=article&id=130&Itemid=37
- Rosmaninho, C. et al (2008). Relatório de Autoavaliação: Diagnóstico Organizacional e Apresentação de Ações de melhoria para o agrupamento de escolas de Arraiolos (CAF – Common Assessment Framework). Consultoria externa: Another Step, Lda. (Consultado em 20 de maio de 2012. Disponível em **Equipa**<http://aearraiolos.drealentejo.pt/anexos/RelatorioAgrupArraiolosFinal.pdf>
- Senie, Harriet (1992). *Contemporary Public Sculpture: Tradition, Transformation, and Controversy*. New York: Oxford University Press USA
- Silva, R.J. dos Reis (2007) *A Arte Pública como Recurso Pedagógico: Contributos para a abordagem pedagógica de obras de arte pública*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas Artes de Lisboa. (Consultado em 4 de janeiro de 2012. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/627/1/22854_ULFBA_TES237.pdf).
- Silva, Ricardo Reis (2009) Congresso Internacional de Criatividade e Inovação. (Consultado em 5 de janeiro de 2012. Disponível em http://ciid.ipleiria.pt/wp-content/uploads/2009/07/comunicacao_criatividade_loule.pdf).
- Silva, R.J. dos Reis (s.d). *Arte Pública na Escola*. (Consultado em 7 de dezembro de 2011. Disponível em <http://artepublicanaescola.blogspot.com/>).
- Smith, Ray (2003). *Manual Prático do Artista*. Porto. Darling Kindersley, Civilização editores Lda.

Sousa, R. (1998). Arte Urbana. Lisboa: Parque Expo 98.

Teixeira, Cristina (2011). A Morte da Estética: Grafitti, a paisagem urbana. Lisboa.
(Consultado em 8 de janeiro de 2012. Disponível em
<http://bibliblogue.wordpress.com/2011/11/08/a-morte-da-estetica9-grafitti-a-paisagem-urbana-por-cristina-teixeira/>).

Villac, Isabel (2010), Artes, Turismo e cidadania crítica: Comunidade política no espaço público in Miles, M. et.al. *Arte pública e cidadania: Novas leituras da cidade criativa* (pp.156). Lisboa: Caleidoscópio.

20. Anexos

Anexo 1- Critérios de Avaliação da Escola

ESCOLA SECUNDÁRIA RAINHA S. ISABEL - ESTREMOZ
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE ARTES VISUAIS 2011/12
Desenho A 10º, 11º, 12º Ano e Oficina de Artes 12º Ano

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

ATTITUDES E VALORES 10%	Domínios (competências pessoais e sociais)	Indicadores	Pesos
	Respeito	<ul style="list-style-type: none"> Cumprir as regras estabelecidas; Relacionar-se com os outros de forma educada; 	2
	Empenho	<ul style="list-style-type: none"> Cumprir as directrizes dadas e Concretizar de forma adequada as actividades propostas; Propor situações novas e mostrar interesse na realização das actividades. 	2
	Participação	<ul style="list-style-type: none"> Responder às questões colocadas nas aulas; Apresentar questões ou dúvidas. 	2
	Responsabilidade	<ul style="list-style-type: none"> Assumir as consequências pelos seus actos; Cumprir de forma adequada as decisões tomadas; 	1
	Autonomia	<ul style="list-style-type: none"> Tomar decisões adequadas; gerir de forma correcta a sua aprendizagem; Manifestar gosto por saber mais, conhecer e aprender. 	2
	Cooperação	<ul style="list-style-type: none"> Coopera em tarefas e projectos comuns. Presta ajuda aos colegas. 	1

Departamento Expressões
ANA MARIA MATEUS

ESCOLA SECUNDÁRIA RAINHA S. ISABEL - ESTREMOZ
 CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE ARTES VISUAIS 2011/12
Desenho A 10º, 11º, 12º Ano e Oficina de Artes 12ºAno

MODALIDADES / DOMÍNIOS / INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO 2008/2009

COMPETÊNCIAS E SABERES 90%	Modalidades 1	Domínios 2		Instrumentos	Pesos
		(Competências Transversais)	(Competências Específicas)		
	Sumativa	.Expressão escrita e oral .Utilização das TIC	Cognitivo · Conceitos 1 Psico-motor · Práticas 2	<ul style="list-style-type: none"> Provas escritas e/ou práticas; trabalhos de projecto; 	20
	Formativa		Cognitivo · Conceitos 1 Psico-motor · Práticas 2	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhos realizados durante as actividades em aula ou delas decorrentes (investigação; trabalhos individuais/grupo) Diário gráfico 	60 5
	Diagnóstica		Abrangente dos vários domínios	<ul style="list-style-type: none"> Observação directa das operações realizadas durante a execução dos trabalhos; Intervenções orais, atitudes reveladas durante as actividades. 	5

1 **Conceitos:** No âmbito da linguagem plástica e visual, indicados no programa, com relevância para os de aprofundamento em cada ano.
 2 **Práticas:** Análise e representação de formas e estratégias de composição e transformação formal, utilização expressiva de materiais e meios de registo, criatividade na resolução de problemas.

Departamento Expressões
 ANA MARIA MATEUS

ESCOLA SECUNDÁRIA RAINHA S. ISABEL - ESTREMOZ
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE ARTES VISUAIS 2011/12
Desenho A 10º, 11º, 12º Ano e Oficina de Artes 12ºAno

Instrumentos de Avaliação	Classificações
<p>São objectos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) Os desenhos, concretizações gráficas ou objectos produzidos no âmbito da disciplina; b) Os textos eventualmente produzidos (relatórios, comentários, trabalhos, textos de reflexão, entrevistas) c) A concretização da disseminação junto da própria turma, escola ou meio; d) Provas com carácter prático; e) Os desenhos, concretizações gráficas ou objectos realizados como tarefas individuais de reforço e sedimentação de conceitos e/ou práticas fora do âmbito da aula (diário gráfico, trabalhos de casa e portefólio) 	<p style="text-align: center;">0 a 20 Valores</p>

Departamento Expressões
ANA MARIA MATEUS



2011-12

11



ESCOLA SECUNDÁRIA/3 RAINHA SANTA ISABEL - ESTREMOZ

Desenho A - 12º ano

Planificação a Longo Prazo

2011-12

<p>idiossincrasias e posições discriminatórias.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar e apreciar modos de expressão diferentes, recusando estereótipos e preconceitos. - Desenvolver capacidade de avaliação crítica e sua comunicação, aplicando-se às diferentes fases do trabalho realizado, tanto por si como pelos outros. - Dominar, conhecer e utilizar diferentes sentido e utilizações que o registo gráfico possa assumir. - Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes. 	<p>5.1. Visão sincrónica do desenho 5.2. Visão diacrónica do desenho 5.3. Imagem: plano de expressão ou significante 5.4. Observador: plano de conteúdo ou significado inacabado.</p>			
---	---	--	--	--

Actividades Escola/ Comunidade: Montagem de pelo menos uma exposição por período (na escola e eventualmente fora da escola); Projectos de cooperação com outras escolas e instituições culturais. (colaboração com outras escolas da cidade). Visitas guiadas a instituições e património cultural. Visionamento e análise crítica de filmes.

Programa da disciplina em: http://www.dgic.min-edu.pt/programs/prog_hom.asp

Instrumentos de Avaliação:

- Portefólio anual em suporte físico (papel) e digital (DVD) , o aluno deverá entregar o portefólio para avaliação intermédia duas vezes por período ao professor
- Diário Gráfico, o aluno deverá entregar o Diário Gráfico para avaliação intermédia duas vezes por período ao professor
- Provas práticas duas vezes por período constando de exercícios similares aos das provas dos exames nacionais
- Apresentação oral do portefólio (uma vez por período)

Anexo 3- Critérios de Avaliação da Escola

EDUCAÇÃO VISUAL Critérios de Avaliação - grupo 600			
SABER Conhecimentos	40	20 % 20%	<ul style="list-style-type: none"> • Compreensão de formas/ cores /Técnicas • Conhecimento de diferentes formas de expressão
SABER FAZER Capacidades/Aptidões	50	10% 20% 20%	<ul style="list-style-type: none"> • Interesse • Participação • Criatividade
SABER SER /ESTAR Atitudes/Valores	10	10%	<ul style="list-style-type: none"> • Comportamento

Anexo 4- Planificação Anual



Agrupamento de Escolas de Arraiolos

PLANIFICAÇÃO ANUAL DE ED. VISUAL/ Ano Lectivo 2011/12

Unidade	Conteúdos	Aulas Previstas	Período Lectivo
1	Os Elementos Básicos da linguagem Plástica	7	1º período
2	Forma	4	1º período
3	Comunicação	4	2º período
4	Papel da Imagem na Comunicação	4	2º período
5	Luz/Cor	10	2º/3º período

1º Ano - Turma D

Prof. Lúcia Silva

21. Apêndices

Apêndice1 - Planificações



Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

Ano lectivo 2011/2012

DESENHO A 12º ANO 1º Período

PLANIFICAÇÃO A MÉDIO PRAZO

Competências específicas	Conteúdos	Objectivos	Avaliação	Recursos	Calendarização
<ul style="list-style-type: none"> -Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação - Desenvolver a consciência histórica e cultural - Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação - Desenvolver a capacidade estética - Promover métodos de trabalho individual. -Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação. 	<p>1.Materiais:</p> <p>1.1.Suportes: papéis e outras matérias.</p> <p>1.2.Meios actuantes: riscadores, aquosos e seus formatos.</p> <p>2.Procedimentos:</p> <p>2.2.Técnicas</p> <p>2.2.1.Modos de registo</p> <p>3.Ensaio:</p> <p>3.1.Processos de análise</p> <p>3.1.1.Proporções do rosto – Retrato - Caricatura</p> <p>3.1.2. Estudo da Figura Humana</p> <p>3.2.Processos de síntese</p> <p>Transformação gráfica:</p> <p>3.2.1.Sobreposição</p> <p>3.2.2. Invenção no processo de criação (surrealismo).</p>	<p>-Explorar diferentes materiais...adquirindo gosto pela sua experimentação e manipulação com abertura a novos desafios e ideias.</p> <p>- Desenvolver a sensibilidade estética e adquirir uma consciência diacrónica do desenho, assente no conhecimento de obras relevantes.</p> <p>-Utilizar fluentemente metodologias planificadas com iniciativa e autonomia.</p>	<p>Avaliação diagnóstica: Ficha diagnóstica</p> <p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>1º Período</p> <p>7 aulas.</p>

Tema: Estudo das formas naturais (Corpo Humano) - Retrato

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none">-Observação e registo com elevado poder de análise-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação-Concepção de mensagens criativas- Desenvolver a consciência histórica e cultural- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação- Desenvolver a capacidade estética- Promover métodos de trabalho individual.-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.	1. Proporções do rosto 2. <u>Retrato</u> 2.1. Caricatura 3. Materiais 3.1. Suportes: papéis e outras matérias. 3.2. Meios actantes: riscadores (grafite) 4. Procedimentos 4.1. Técnicas 4.1.1. Modos de registo Misto: combinações entre traço e mancha. 4.2. Ensaios Processos de síntese transformação.	Desenvolvimento da caricatura de uma figura da actualidade.	Avaliação diagnóstica: Ficha diagnóstica Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula. Avaliação sumativa	Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso. Computador Retrop projector Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)	10:30 min Início da aula: Apresentação e descrição do tema da aula. 10:35 min Entrega da ficha diagnóstica: proporções do rosto. 10:40 min Apresentação em power point: -Retrato ao longo da História -Acentuação e Deformação - Caricatura 10:50 min Início da actividade: Caricatura 11:50 min Arrumo do material 11:55 min Final da aula.



Tema: Estudo das formas naturais - Corpo Humano

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none">-Observação e registo com elevado poder de análise-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação- Desenvolver a consciência histórica e cultural- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação- Desenvolver a capacidade estética- Promover métodos de trabalho individual.-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.	<p>1. Estudo da Figura Humana</p> <p>2. Materiais</p> <p>2.1. Suportes: papéis e outras matérias.</p> <p>2.2. Meios actuates: riscadores (grafite, carvão, caneta, tinta da china,...)</p> <p>3. Procedimentos</p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo</p> <p>Misto: combinações entre traço e mancha.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese transformação.</p>	<p>Representação da figura humana tomando um aluno como modelo.</p> <p>Apontar os eixos estruturais, nomeadamente a posição espacial divergente da cintura escapular em relação à cintura pélvica.</p> <p>Verificação da proporcionalidade global em relação ao número de cabeças para a estatura.</p> <p>Representar com maior acuidade os pormenores e extremidades, tais como as mãos, pés e cabeça.</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>14:00 min Início da aula: Apresentação de um pequeno vídeo relacionado com o tema da aula.</p> <p>14:05 min Apresentação em <u>Powerpoint</u> do tema: A Figura Humana.</p> <p>14:15 min Início do exercício.</p> <p>15:20 min Arrumo do material.</p> <p>15:25 min Final da aula.</p>



Tema: Estudo das formas naturais - Corpo Humano

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none">-Observação e registo com elevado poder de análise-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação- Desenvolver a consciência histórica e cultural- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação- Desenvolver a capacidade estética- Promover métodos de trabalho individual.-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.	<p>1. Estudo da Figura Humana</p> <p>2. Materiais</p> <p>2.1. Suportes: folhas A2.</p> <p>2.2. Meios actuates: riscadores (grafite, carvão, caneta, tinta da china, pastéis, lápis de cor e canetas de feltro...)</p> <p>3. Procedimentos</p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo - de acordo com os diferentes momentos da história da arte.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese transformação.</p>	<p>Representação de técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – realismo, expressionismo e cubismo.</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>14:00 min Início da aula: Apresentação de um vídeo sobre os alguns movimentos artísticos (expressionismo e cubismo).</p> <p>14:05 min Proposta de exercício e breve explicação sobre o mesmo.</p> <p>14:10 min Início do exercício.</p> <p>15:20 min Arrumo do material.</p> <p>15:25 min Final da aula.</p>



Tema: Estudo das formas naturais - Corpo Humano

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none">-Observação e registo com elevado poder de análise-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação- Desenvolver a consciência histórica e cultural- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação- Desenvolver a capacidade estética- Promover métodos de trabalho individual.-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.	<p>1. Estudo da Figura Humana</p> <p>2. Materiais</p> <p>2.1. Suportes: folhas A2.</p> <p>2.2. Meios actuates: riscadores (grafite, carvão, caneta, tinta da china, pastéis, lápis de cor e canetas de feltro...)</p> <p>3. Procedimentos</p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo - de acordo com os diferentes momentos da história da arte.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese transformação.</p>	<p>Representação de técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – naturalismo, expressionismo e cubismo. (Continuação)</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>10:25 min Início da aula</p> <p>10:30 min Revisão da aula anterior</p> <p>10:35 min Continuação do exercício da aula anterior.</p> <p>11:50 min Arrumo do material.</p> <p>11:55 min Final da aula.</p>



Tema: Estudo das formas naturais - Corpo Humano

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none">-Observação e registo com elevado poder de análise-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação- Desenvolver a consciência histórica e cultural- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação- Desenvolver a capacidade estética- Promover métodos de trabalho individual.-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.	<p>1. Estudo da Figura Humana</p> <p>2. Materiais</p> <p>2.1. Suportes: folhas A2.</p> <p>2.2. Meios actuates: riscadores (grafite, carvão, caneta, tinta da china, pastéis, lápis de cor e canetas de feltro.)</p> <p>3. Procedimentos</p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo - de acordo com os diferentes momentos da história da arte.</p> <p>3.2. Ensaios</p> <p>Processos de síntese transformação.</p>	<p>Representação de técnicas e procedimentos inspirados em movimentos artísticos – naturalismo, expressionismo e cubismo. (Continuação)</p>	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>10:25 min Início da aula</p> <p>-Continuação do exercício da aula anterior.</p> <p>11:50 min Arrumo do material.</p> <p>11:55 min Final da aula.</p>



Tema: Transformação gráfica - sobreposição

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none">-Observação e registo com elevado poder de análise-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação- Desenvolver a consciência histórica e cultural- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação- Desenvolver a capacidade estética- Promover métodos de trabalho individual.-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.	<p>1. Transformação gráfica - sobreposição</p> <p>2. Materiais</p> <p>2.1. Suportes: folhas A3</p> <p>2.2. Meios actuantes: riscadores-grafite</p> <p>3. Procedimentos</p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo</p> <p>3.2. Processos de síntese: transformação gráfica.</p>	Desenho à vista – Representação de objectos - Natureza-morta	Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>13:55 min Início da aula</p> <p>Apresentação do PowerPoint: Natureza-Morta.</p> <p>14:10 min Início do exercício - Desenho à vista de objectos.</p> <p>15:20 min Arrumo do material</p> <p>15:25 min Final da aula</p>



Tema: Transformação gráfica – Invenção no processo de criação

Competências específicas	Conteúdos	Exercícios	Avaliação	Recursos	Tempos
<ul style="list-style-type: none">-Aplicação de procedimentos e de técnicas com correcção e adequação- Desenvolver a consciência histórica e cultural- Desenvolver as capacidades de observação, interrogação e interpretação- Desenvolver a capacidade estética- Promover métodos de trabalho individual.-Desenvolver as capacidades de representação, expressão e comunicação.	<p>1. Transformação gráfica – invenção no processo de criação (surrealismo)</p> <p>2. Materiais</p> <p>2.1. Suportes: folhas A3</p> <p>2.2. Liberdade de meios actuantes: riscadores, aquosas e seus formatos.</p> <p>3. Procedimentos</p> <p>3.1. Técnicas</p> <p>3.1.1. Modos de registo - de acordo com as obras de outros artistas.</p> <p>3.2. Processos de síntese: transformação gráfica.</p>	Elaboração de uma composição inspirada no movimento surrealista, a partir da observação de um objecto (natureza-morta).	<p>Avaliação formativa: Trabalhos produzidos na aula.</p> <p>Avaliação sumativa</p>	<p>Sala de aula equipada com o material necessário à prática do desenho quer artístico quer rigoroso.</p> <p>Computador</p> <p>Retroprojector</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>10:25 min Início da aula</p> <p>10:30 min Apresentação do powerpoint Natureza-morta</p> <p>10:45 min <u>Início do exercício:</u> Realização de uma composição surrealista a partir de um objecto.</p> <p>11:50 min Arrumo do material.</p> <p>11:55 min Final da aula.</p>

Apêndice 2- Ficha diagnóstica- Correção

Nome: _____ Ano: ____ Turma: ____

Leonardo Da Vinci dizia que “*maravilha da natureza é, que dois rostos coincidam*”.

Marque com um X a resposta correta. Quando desenhamos um rosto:

1- Os olhos encontram-se a meio da altura do eixo de simetria:

- a) Verdadeiro b) Falso

2- A distância entre os olhos é igual:

- a) À largura de um deles b) À largura da orelha c) Ao comprimento da boca

5- A largura do nariz (na parte inferior) é semelhante à do olho:

- a) Verdadeiro b) Falso, é maior c) Falso, é menor

6- A boca situa-se no módulo inferior a um 1/3 de distância entre o queixo e o nariz.

- a) Verdadeiro b) Falso, a 2/3 c) Falso a 3/3

7- Qual o objetivo do retrato (desenho do rosto)?

- a) Captar apenas aspetos formais e de volume do modelo
b) Captar aspetos formais e de volume e aspetos de carácter do modelo

8- Descreve o retrato de Annibale Carracci, “Retrato de um rapaz”, em três palavras:



Exemplo: Melancolia, Serenidade e Nostalgia

Apêndice 3- Enunciado do exercício (Surrealismo)

Escola Secundária da Rainha S. Isabel - Estremoz



Ano Letivo 2011/2012

2011/12

12º Ano-Desenho A

Exercício:

-Invenção no processo de criação

Salvador Dalí deu uma cara nova ao tema “natureza – morta” e fez o mundo pensar: dá para ser diferente!

Observa o objeto atentamente:

Inspirado no movimento surrealista representa a natureza-morta observada de uma forma criativa. Elabora uma composição impossível e irracional explorando o mundo do sonho e do inconsciente.

(Ex: Deforma o objeto, muda-lhe o contexto, cria-lhe um cenário diferente, etc...)

Material: Livre

Sê criativo.

Boa sorte

Boas Festas!

Vânia Silva

Apêndice 4- Critérios de avaliação: competências e saberes

Critérios de Avaliação

Exercício Aula 1- Caricatura

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1	130	140	100	160
A2	170	150	150	130
A3	110	130	150	170
A4	150	130	140	140
A5	100	150	100	120
A6	130	130	110	190
A7	130	160	140	170
A8	110	160	130	160
A9	150	130	130	120
A10	160	130	140	120
A11	120	130	130	130
A12	110	130	130	120
A13	170	130	140	170

Desenho Caricatura

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1	52	28	30	16	126	13
A2	68	30	45	13	156	16
A3	44	26	45	17	132	13
A4	60	26	42	14	142	14
A5	40	30	30	12	112	11
A6	52	26	33	19	130	13
A7	52	32	42	17	143	14
A8	44	32	39	16	131	13
A9	60	26	39	12	137	13
A10	64	26	42	12	144	14
A11	48	26	39	13	126	13
A12	44	26	39	12	121	12
A13	68	26	42	17	153	15

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correção e adequação - modos de registo: Traço, mancha e misto	80
CA2: Conceção de mensagens criativas	40
CA3: Deformação/ Acentuação das principais características	60
CA4: Rigor e limpeza	20

Exercício Aula 2- Representação
da figura humana

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1	120	120	100	160
A2	140	130	140	130
A3	100	120	140	170
A4	140	100	140	140
A5	100	140	100	120
A6	140	120	110	180
A7	130	160	140	170
A8	110	160	140	170
A9	140	130	120	120
A10	150	130	120	120
A11	140	100	100	130
A12	110	130	130	130
A13	160	140	120	160

Representação da figura humana

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1	48	36	20	16	120	12
A2	56	39	28	13	136	14
A3	40	36	28	17	121	12
A4	56	30	28	14	128	13
A5	40	42	20	12	114	11
A6	56	36	22	18	132	13
A7	52	48	28	17	145	15
A8	40	48	28	16	132	13
A9	56	39	24	12	131	13
A10	60	39	24	13	136	14
A11	56	30	20	13	119	12
A12	44	39	26	13	122	12
A13	64	42	24	16	146	15

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correção e adequação - modos de registo: Traço, mancha e misto.

80

CA2: Representação da proporcionalidade global em relação ao número de cabeças para a estatura.

60

CA3: Fidelidade ao real.

40

CA4: Rigor e limpeza

20

Exercício Aula 3,4 e 5-
Realismo

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1	Faltou			
A2	Faltou			
A3	120	130	130	180
A4	120	110	120	170
A5	120	120	120	150
A6	120	120	110	180
A7	120	100	100	180
A8	100	90	100	170
A9	100	110	100	170
A10	100	110	110	170
A11	110	110	110	180
A12	110	120	110	170
A13	160	120	140	180

Desenho Realismo

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1	Faltou					
A2	Faltou					
A3	30	52	32,5	18	132,5	13
A4	30	44	30	17	121	12
A5	30	48	30	15	123	12
A6	30	48	27,5	18	123,5	13
A7	30	40	25	18	113	11
A8	25	36	25	17	103	10
A9	25	44	25	17	111	11
A10	25	44	27,5	17	113,5	11
A11	27,5	44	27,5	18	117	11
A12	27,5	48	27,5	17	120	12
A13	40	48	35	18	141	14

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correção e adequação

50

CA2:Fidelidade ao real (Realismo)

80

CA3: Aplicação correta do claro-escuro (sombas)

50

CA4:Rigor e limpeza

20

Exercício Aula 3,4 e 5-
Expressionismo

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1	Faltou			
A2	Faltou			
A3	130	100	100	170
A4	130	120	80	180
A5	100	130	120	180
A6	130	130	150	180
A7	120	120	110	180
A8	130	110	110	180
A9	100	90	90	180
A10	130	110	130	180
A11	120	100	120	180
A12	120	110	150	180
A13	100	120	100	180

Desenho Expressionismo

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1	Faltou					
A2	Faltou					
A3	32,5	25	40	17	114,5	11
A3	32,5	30	32	18	112,5	11
A4	25	32,5	48	18	123,5	12
A5	32,5	32,5	60	18	143	14
A6	30	30	44	18	122	12
A7	32,5	27,5	44	18	122	12
A8	25	22,5	36	18	101,5	10
A9	32,5	27,5	52	18	130	13
A10	30	25	48	18	121	12
A11	30	27,5	60	18	135,5	14
A12	25	30	40	18	113	11

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correção e adequação

50

CA2:Conceção de mensagens criativas

50

CA3: Fidelidade às características do Expressionismo

80

CA4:Rigor e limpeza

20

Exercício Aula 7- Natureza
morta- Surrealismo

	CA1	CA2	CA3	CA4
A1	100	140	140	170
A2	130	130	100	160
A3	160	150	150	140
A4	110	120	120	170
A5	120	140	140	150
A6	160	140	140	150

Desenho Natureza-morta Surrealismo

	C1	C2	C3	C4	Total	Cl.
A1	25	35	56	17	133	13
A2	32,5	32,5	40	16	121	12
A3	40	37,5	60	14	151,5	15
A4	27,5	30	48	17	122,5	12
A5	30	35	56	15	136	14
A6	40	35	56	15	146	15

CA1: Aplicação de procedimentos e técnicas com correção e adequação	50
CA2:Fidelidade às características do Surrealismo	50
CA3: Transmissão de mensagens criativas	80
CA4:Rigor e limpeza	20

Apêndice 5- Critérios de Avaliação: Atitudes e Valores

Critérios de Avaliação aula 1- Caricatura

27/10/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	EX	SB	S	SB	S	SB
A2	SB	EX	EX	S	S	S
A3	SB	SB	S	SB	SB	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	SB	SB	S	S	SB	EX
A6	SB	SB	S	S	SB	SB
A7	EX	S	S	SB	SB	SB
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	EX	SB	SB	SB	SB	SB
A10	S	S	S	S	SB	SB
A11	S	S	S	SB	SB	SB
A12	SB	EX	S	SB	SB	SB
A13	EX	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco NS- Não Satisfaz S- Satisfaz SB- Satisfaz Bastante EX- Excelente

Critérios de Avaliação aula 2- Representação da figura humana

02/11/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	EX	SB	S	S	SB	S
A2	EX	EX	EX	S	SB	S
A3	SB	SB	S	SB	SB	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	SB	SB	SB	S	SB	EX
A6	SB	SB	SB	S	SB	SB
A7	EX	S	S	S	SB	SB
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	EX	SB	SB	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	S	SB	SB
A11	SB	S	S	SB	SB	SB
A12	SB	EX	S	SB	SB	SB
A13	EX	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco NS- Não Satisfaz S- Satisfaz SB- Satisfaz Bastante EX- Excelente

Critérios de Avaliação aula 3- Representação do retrato/Realismo

09/11/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	SB	SB	S	S	S	S
A2	SB	S	SB	SB	SB	S
A3	SB	SB	S	S	S	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	SB	SB	S	S	SB	SB
A6	SB	SB	S	S	SB	SB
A7	SB	S	S	S	SB	SB
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	SB	SB	SB	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	S	SB	SB
A11	SB	S	S	SB	SB	SB
A12	SB	S	S	SB	SB	SB
A13	SB	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco NS- Não Satisfaz S- Satisfaz SB- Satisfaz Bastante EX- Excelente

CrITÉRIOS de AvaliaÇ o aula 4- Representa  o do retrato/Expressionismo

10/11/2011

12�ano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participa��o	Responsabilidade	Autonomia	Coopera��o
A1	EX	SB	S	S	S	SB
A2	EX	SB	SB	SB	SB	S
A3	SB	SB	S	S	S	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	SB	EX	SB	S	SB	S
A6	SB	SB	S	S	SB	EX
A7	SB	S	S	S	S	SB
A8	S	S	SB	SB	S	SB
A9	SB	SB	S	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	SB	SB	SB
A11	SB	S	S	SB	SB	SB
A12	EX	S	S	SB	SB	SB
A13	SB	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco NS- N o Satisfaz S- Satisfaz SB- Satisfaz Bastante EX- Excelente

Critérios de Avaliação aula 5- Representação do retrato/ Cubismo

17/11/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	SB	S	S	S	S	SB
A2	SB	S	SB	SB	SB	S
A3	SB	SB	S	S	SB	SB
A4	SB	S	SB	SB	SB	S
A5	S	EX	S	S	SB	SB
A6	SB	SB	S	SB	SB	SB
A7	SB	S	S	S	S	SB
A8	S	S	SB	S	S	SB
A9	SB	SB	S	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	SB	SB	S
A11	SB	S	S	SB	SB	SB
A12	EX	SB	SB	SB	SB	S
A13	SB	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco NS- Não Satisfaz S- Satisfaz SB- Satisfaz Bastante EX- Excelente

Cr terios de Avalia  o Aula 6- Natureza-morta

07/12/2011

12�ano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participa��o	Responsabilidade	Autonomia	Coopera��o
A1	EX	SB	S	SB	S	SB
A2	EX	SB	S	SB	S	S
A3	EX	SB	SB	SB	SB	SB
A4	SB	SB	SB	SB	SB	SB
A5	SB	SB	S	SB	SB	SB
A6	S	SB	S	S	SB	SB
A7	S	S	S	SB	SB	SB
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	EX	SB	SB	SB	SB	SB
A10	S	S	S	SB	SB	SB
A11	S	S	S	SB	SB	SB
A12	SB	EX	S	SB	SB	SB
A13	EX	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco NS- N o Satisfaz S- Satisfaz SB- Satisfaz Bastante EX- Excelente

Critérios de Avaliação Aula 7- Natureza-morta/ Surrealismo

14/12/2011

12ºano Turma F	Domínios - Atitudes e Valores 10%					
	Respeito	Empenho	Participação	Responsabilidade	Autonomia	Cooperação
A1	SB	SB	S	EX	S	EX
A2	SB	SB	S	S	S	S
A3	EX	SB	EX	EX	S	S
A4	SB	SB	SB	SB	SB	EX
A5	SB	SB	SB	SB	S	SB
A6	SB	S	S	S	SB	S
A7	S	S	SB	SB	S	EX
A8	S	S	S	SB	S	SB
A9	SB	SB	SB	SB	SB	SB
A10	SB	S	S	S	SB	SB
A11	S	S	S	S	SB	EX
A12	SB	EX	S	SB	SB	SB
A13	EX	SB	S	SB	SB	SB

F- Fraco NS- Não Satisfaz S- Satisfaz SB- Satisfaz Bastante EX- Excelente

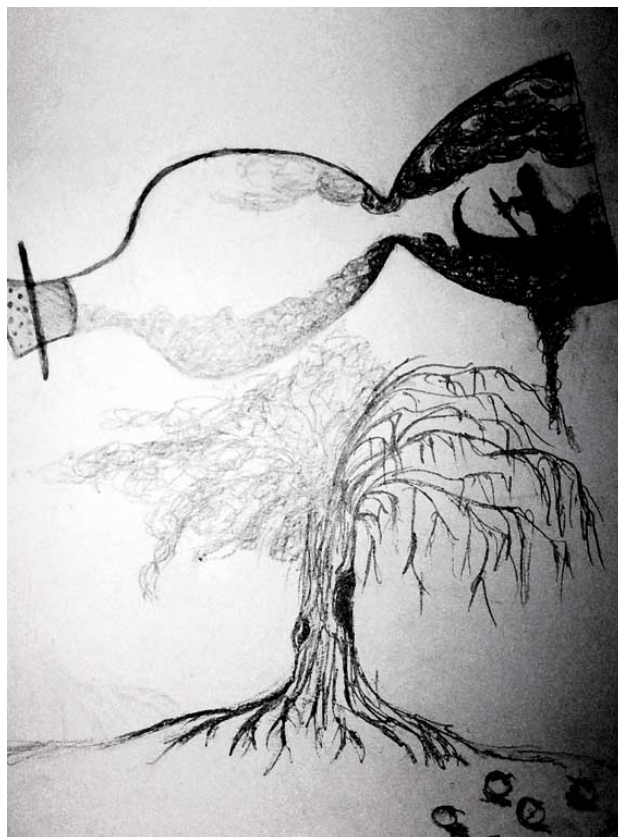
Apêndice 6- Trabalhos realizados pelos alunos



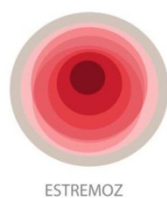


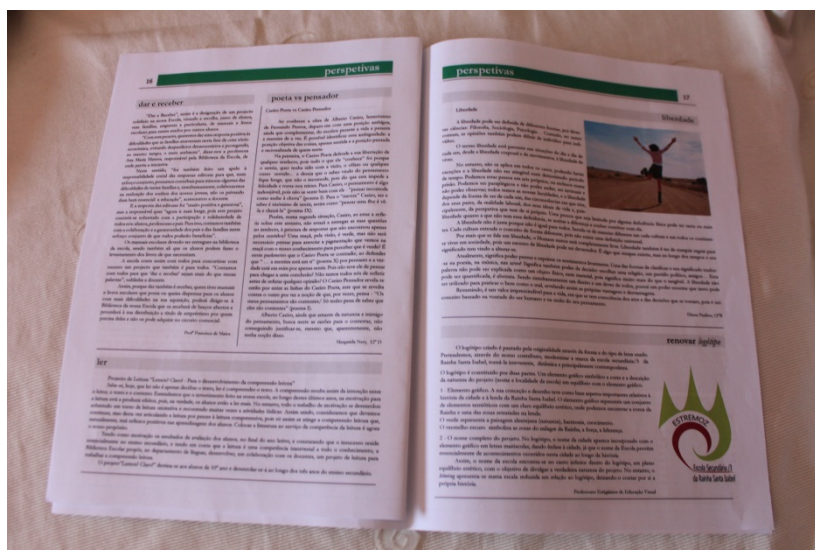






Apêndice 7- Projeto para a comunidade escolar





Apêndice 8-Planificações

Planificação a médio prazo					
Competências Gerais	Competências específicas	Conteúdos	Avaliação	Recursos	Calendarização
<p><u>Forma:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção visual da forma; - Qualidades formais (geométricas e expressivas); - Representação técnica da forma; <ul style="list-style-type: none"> - Elementos geométricos elementares. <p><u>Comunicação:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Códigos da Comunicação Visual; - Mensagem Visual - Noção de Emissor. <p><u>Luz/Cor</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Cores primárias e cores secundárias; - Cores complementares, harmoniosas e contrastes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Saber olhar e apreciar as características visuais das formas; - Saber executar processualmente os traçados geométricos elementares; - Usar correta e criteriosamente os materiais adequados; - Promover a higiene e a apresentação nos trabalhos; - Perceber o processo da comunicação desde o emissor ao receptor; - Desenvolver a criatividade; - Aplicar os conhecimentos adquiridos sobre a cor/sensação e a influência da cor no comportamento do observador; - Conhecer e aplicar criteriosamente as cores primárias, secundárias, as harmonias e os contrastes cromáticos. 	<p>Projeto Arte Pública:</p> <p>Sólidos Geométricos- Poliedros regulares e irregulares.</p> <p>Sensibilização para o tema Bullying.</p> <p>Abordagem ao tema Arte Pública e a algumas obras deste tipo de Arte.</p> <p>Inserção dos trabalhos no espaço em espaços públicos da vila de Arraiolos.</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamen to inter- pessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p>Do professor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Computador - Retroprojektor - Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos) - Exercício a propor aos alunos <p>Dos alunos:</p> <p>Material necessário para a atividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cartolina branca - Régua - Tesoura - Meios atuantes riscadores: grafite, lápis de cor, canetas de feltro, pastel, etc. - Cola - Papel Vegetal A4 - Folha branca A4 	<p>3º Período</p> <p>5 aulas</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p>Comunicação visual: Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. Elementos da forma: Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p>Geometria no espaço Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares</p> <p>Comunicação Elementos visuais na comunicação; Códigos de comunicação visual; Papel da imagem na comunicação.</p> <p>Forma Percepção visual da forma</p> <p>Luz/Cor A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Observação de diferentes sólidos</p> <p>Atividade a desenvolver: Conceções de planificações de poliedros regulares</p>	<p>Computador</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p> <p>Exercício a propor aos alunos</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento interpessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p>Material necessário para a atividade: -Cartolina branca -Régua -Tesoura -Meios atuantes riscadores: grafite.</p>	<p>11:45 min Início da aula</p> <p>11:50 min Explicação do que são poliedros regulares e irregulares</p> <p>12:00 min Início da atividade</p> <p>13:15 min Final da aula</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p>Comunicação visual: Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. Elementos da forma: Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p>Geometria no espaço Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares</p> <p>Comunicação Elementos visuais na comunicação; Códigos de comunicação visual; Papel da imagem na comunicação.</p> <p>Forma Percepção visual da forma</p> <p>Luz/Cor A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Atividade a desenvolver: Concepções de planificações de poliedros regulares</p>	<p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento interpessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p>Material necessário para a atividade: -Cartolina branca -Régua -Tesoura -Meios atuantes riscadores: grafite.</p>	<p>11:45 min Início da aula</p> <p>11:50 min Continuação da atividade da aula anterior</p> <p>13:15 min Final da aula</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p>Comunicação visual: Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. Elementos da forma: Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p>Geometria no espaço Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares</p> <p>Comunicação Elementos visuais na comunicação; Códigos de comunicação visual; Papel da imagem na comunicação.</p> <p>Forma Percepção visual da forma</p> <p>Luz/Cor A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Visualização de um power point sobre o tema Bullying.</p> <p>Atividade a desenvolver: Conceção de mensagens criativas e de sensibilização inscritas sobre um poliedro regular previamente planificado.</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p> <p>Exercício a propor aos alunos</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento interpessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p>Material necessário para a atividade: -Planificação de um sólido em cartolina; -Meios atuantes riscadores: grafite, lápis de cor, canetas de feltro, guaches, etc.; -Cola.</p>	<p>12:30 min Início da aula</p> <p>12:35 min Exposição do tema com visualização de um Power Point</p> <p>12:50 min Início da atividade</p> <p>14:15 min Final da aula</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p>Comunicação visual: Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. Elementos da forma: Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p>Geometria no espaço Representação de Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares em diferentes espaços.</p> <p>Forma Percepção visual da forma</p> <p>Luz/Cor A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Visualização de um power point sobre o tema Arte Pública</p> <p>Atividade a desenvolver: Esboço de um espaço da vila de Arraiolos inserindo os vários poliedros desenvolvidos pela turma na aula anterior.</p>	<p>Computador</p> <p>Projektor</p> <p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p> <p>Exercício a propor aos alunos</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento interpessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p>Material necessário para a atividade: - Folha A4 -Papel Vegetal -Meios atuantes riscadores: grafite, lápis de cor, canetas de feltro, guaches, etc.;</p>	<p>14:25 min Início da aula</p> <p>14:30 min Exposição do tema com visualização de um Power Point</p> <p>14:45 min Início da atividade</p> <p>15:40 min Quiz de aprendizagem</p> <p>Inquérito/Avaliação da unidade</p> <p>15:55 min Final da aula</p>

Competências gerais	Competências específicas	Conteúdos	Metodologia de aprendizagem	Recursos do professor	Avaliação	Recursos do aluno	Tempos
<p>Apropriação das linguagens elementares das artes;</p> <p>Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação;</p> <p>Desenvolvimento da criatividade</p> <p>Compreensão das artes no contexto</p>	<p>Comunicação visual: Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. Compreender que as formas têm diferentes significados de acordo com os sistemas simbólicos a que pertencem; Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa das formas. Elementos da forma: Compreender através da representação de formas, os processos subjacentes à percepção do volume; Perceber os mecanismos perceptivos da luz/ cor, síntese aditiva e subtrativa, contraste e harmonia e suas implicações funcionais.</p>	<p>Geometria no espaço Representação de Sólidos Geométricos Poliedros regulares e irregulares em diferentes espaços.</p> <p>Forma Percepção visual da forma</p> <p>Luz/Cor A luz/cor no ambiente e na representação do espaço Conhecimentos científicos Sistematização e normalização</p>	<p>Visualização de um power point sobre o tema Arte Pública</p> <p>Atividade a desenvolver: Esboço de um espaço da vila de Arraiolos inserindo os vários poliedros desenvolvidos pela turma na aula anterior.</p>	<p>Pesquisas de fontes (Bibliotecas, outros recursos)</p>	<p>Respeito por todas as etapas de resolução de um problema</p> <p>Aptidões técnicas e manuais</p> <p>Relacionamento interpessoal</p> <p>Criatividade</p>	<p>Material necessário para a atividade: - Folha A4 -Papel Vegetal -Meios atuantes riscadores: grafite, lápis de cor, canetas de feltro, guaches, etc.;</p>	<p>11:45 min Início da aula</p> <p>11:50 min Continuação do exercício da aula anterior</p> <p>13:15 min Final da aula</p>

Apêndice 9- Questionário aos alunos

Questionário

Aula 15/05/12

Este questionário é realizado com a finalidade de dar a conhecer ao docente o resultado das aulas de hoje, para que melhor possam trabalhar em conjunto. Por esse motivo, responde atentamente às questões:

Como achas que as aulas de hoje contribuíram para a tua aprendizagem?

O que gostaste mais?

O que gostaste menos?

Comenta os exercícios práticos.

Obrigada
Até quarta-feira!

Apêndice 10- Critérios de avaliação- Competências e saberes

Projeto Arte Pública

	CA1	CA2	CA3	CA4	CA5	Final
A1	55%-11	60%-12	58%- 11.6	62%- 18.6	60%- 6	59.2 - 3
A2	60%-12	60%-12	59%- 11.8	58%- 17.4	70%- 7	60.2- 3
A3	40%- 8	53%- 10.6	55%- 11	51%- 15.3	65%- 6.5	51.4- 3
A4	51%- 10.2	54%- 10.8	53%- 10.6	55%- 16.5	60%- 6	54.1- 3
A5	70%-14	73%- 14.6	72%- 14.4	70%- 21	80%- 8	72- 3
A6	92%- 18.4	90%- 18	89%- 17.8	85%- 25.5	98%- 9.8	89.5- 5
A7	75%- 15	70%- 14	73%- 14.6	72%- 21.6	80%- 8	73.2- 3
A8	53%- 10.6	56%- 11.2	60%- 12	58%- 17.4	60%- 6	57.2- 3
A9	47%- 9.4	45%- 9	55%- 11	48%- 14.4	60%- 6	49.8- 3
A10	75%- 15	78%- 15.6	80%- 16	77%- 33.1	80%- 8	87.7- 4
A11	70%- 14	69%- 13.8	65%- 13	68%- 20.4	70%- 7	68.2- 3
A12	50%- 10	56%- 11.2	55%- 11	57%- 17.1	60%- 6	55.3- 3
A13	63%- 12.6	64%- 12.8	62%- 12.4	63%- 18.9	70%- 7	63.7- 3
A14	69%- 13.8	72%-14.4	63%- 12.6	63%- 18.9	70%- 7	66.7- 3
A15	84%- 16.8	86%-17.2	80%- 16	83%- 24.9	90%-9	83.9- 4
A16	52%- 10.4	55%- 11	60%-12	53%- 15.9	60%-6	53.3- 3
A17	33%- 6.6	45%- 9	46%- 9.2	44%- 13.2	60%-6	44- 2
A18	68%- 13.6	70%-14	72%- 14.4	71%- 21.3	80%-8	73.3- 3
A19	73%- 14.6	70%-14	72%- 14.4	74%- 22.2	80%- 8	73.2- 3

CA1: Saber executar processualmente os traçados geométricos (planificação de poliedro regular)..... 20%

CA2: Aplicação de procedimentos e técnicas com correção e adequação.....20%

CA3: Conhecer e aplicar correta e criteriosamente as cores primárias, secundárias, as harmonias e os contrastes cromáticos20%

CA4: Criatividade.....30%

CA5: Rigor e limpeza.....10%

Apêndice 11- Critérios de avaliação- Atitudes e Valores
Projeto Arte Pública

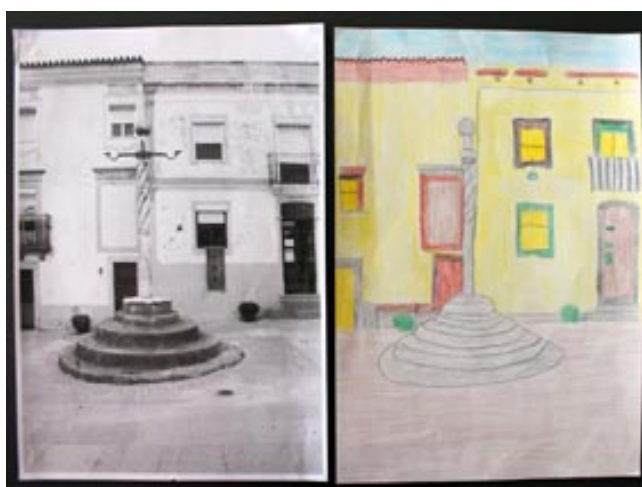
	Comportamento				Participação				Realiz.Exerc.Proposto			
	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX	NS	S	SB	EX
A1		X				X					X	
A2			X			X					X	
A3			X				X				X	
A4				X		X				X		
A5				X			X				X	
A6			X					X				X
A7		X					X				X	
A8				X			X			X		
A9		X				X				X		
A10			X					X				X
A11		X						X			X	
A12		X					X			X		
A13			X				X				X	
A14		X					X				X	
A15				X				X			X	
A16		X					X			X		
A17		X					X			X		
A18			X					X			X	
A19		X					X			X		

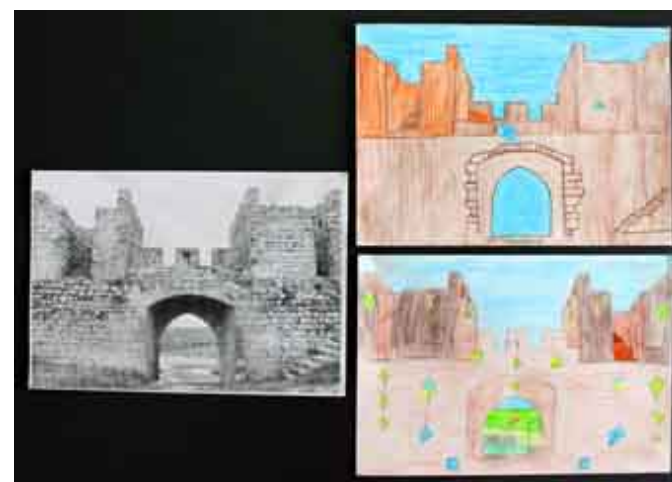
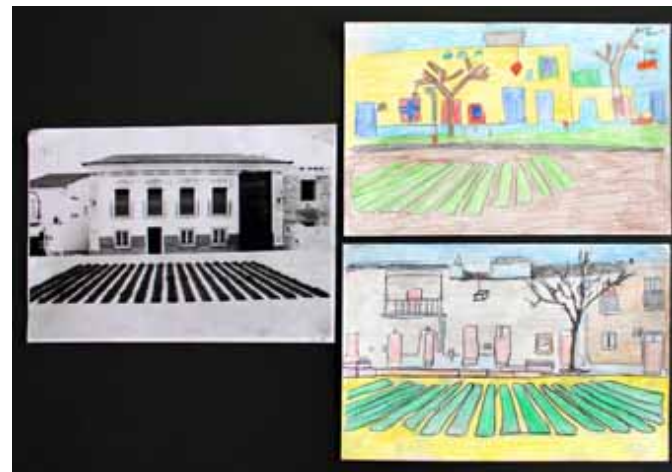
Apêndice 12-Fotografias de espaços da vila de Arraiolos (2ª atividade)



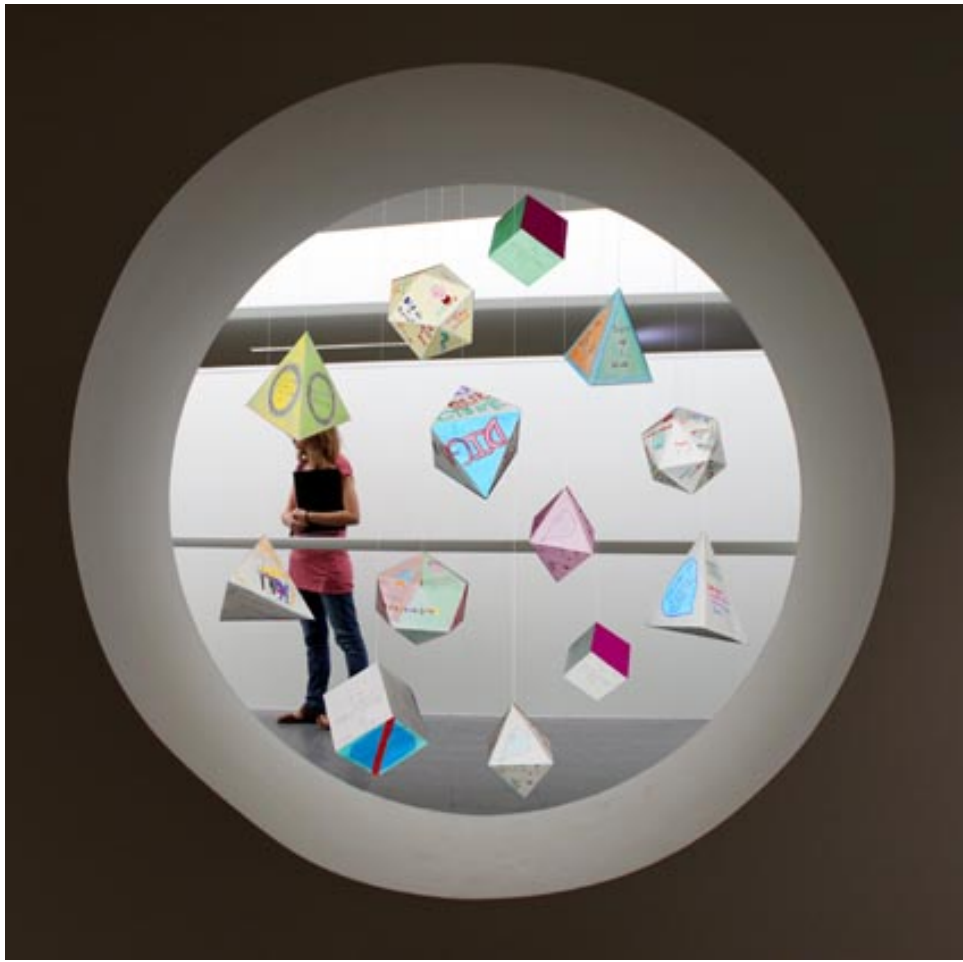


Apêndice 13- Trabalhos dos alunos: Projeto Arte Pública





2



Apêndice 14- Enunciado do exercício do Workshop



Agrupamento de Escolas de Arraiolos

Educação Visual - 2011/12

Descrição da Atividade - O Retrato -

FICHA DE TRABALHO: Construção do auto retrato

Deves desenhar num suporte de papel cavalinho formato A4, na vertical, o teu retrato.

Com recurso, se necessário a fotografia do teu cartão escolar, ou outro, faz a representação visual de ti mesmo, sem teres a preocupação de construíres uma reprodução fotográfica.

Procura que essa imagem revele a tua maneira de ser, os teus gostos...

Exemplos:



MATERIAL:

Papel cavalinho, A4

Lápis

Lápis de cor

Canetas de feltro

Apêndice 15- Trabalho dos alunos (Workshop): Projeto Retrato



